OBRAS
DO DOCTOR
FRANCISCO DE SÁ
DE MIRANDA.

NOVA EDIÇÃO CORRECTA, EMENDADA,
E augmentada com as suas Comedias.

TOMO II.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1784.
Com Licença da Real Meza Censoria.

OBRAS
DO DOCTOR
FRANCISCO DE SÁ
DE MIRANDA.

A NOSSA SENHORA.
CANÇAÕ.

I.

VIRGEM fermoſa, que achaſtes a graça
Perdida antes por Eva, onde nam chega
O fraco entendimento chegue a Fè.
Coytada deſta noſſa viſta cega
Que anda apalpando polla neuoa baça,
E buſca o que ante ſi tendo, nam vé
Sem ſaber atinar, como, ou porque,
Entrey pollos perigos
Rodeado de imigos,
Por piedade a vós venho, & por merce,
Vós que nos deſtes claro a tanto eſcuro,

Remedio a tanta mingoa
Me dareis lingua, & coraçaõ seguro.

II.

Virgem toda sem magoa, inteira, & pura,
Sem sombra, nem d'aquella culpa herdada,
Por todos nós, té o fim desdo começo:
Claridade do Sol nunca turbada,
Sanctissima, & perfeita criatura,
Ante quem de mi fujo, & me aborreço,
Ey medo a quanto fiz, sey que mereço,
Dos meus erros me espanto,
Que me aprouueram tanto
Agora à só lembrança desfalleço,
Mas lembrame porem, que vós fizestes
Paz entre Deos, & nós,
E a quem por vós chamou sempre a maõ destes.

III.

Virgem seguro Porto, emparo, & abrigo
As mores tempestades, ah que tinha,
Aos ventos, esta vida encomendada,
Sem olhar já a que parte hia, ou vinha.
Descuidado de mi, & do perigo
Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada,
Nam vos seja em desprezo esta coytada
Alma, que ante vós vem,
Cos receos que tem
De imigos grandes, mal ameaçada,
E que eu tam peccador, & errado seja,
Vença vossa bondade
Minha maldade grande, & assi sobeja.

IV.

Virgem do mar Estrella, & neste lago,

E

E nesta noite, hum Faro que nos guia
Para o porto, antes claro, & certo Norte,
Quem sem vos atinar, quem poderia
Abrir sómente os olhos, vendo o estrago
Que atras olhando, deixa feito a Morte?
Quem me daria proa, com que córte,
Por tam braua tormenta?
De toda a parte venta,
De toda espanta o tempo feo, & forte,
Mas tudo que será co a vossa ajuda?
Neuoa da lagoa,
Que ao vento voa, & n'um momento a muda.

V.

Virgem perfeita, & do Sacrario Sancto
Porta, que Ezechiel cerrada via,
Á parte que responde ao Oriente:
Alto Siluado, que todo elle ardia
Sem offendido ser tanto, nem quanto,
E foy tal testemunha alli presente.
Vello de Gedeon, diuinamente,
Dado em Alto final
Do Orualho celestial,
Que tudo o mais enxuto, elle sò sente:
Senhora, que podeis, em tal afronta
Restituyme a mi
Antes da fim; que o Sol vayse, & trasmonta.

VI.

Virgem, & Madre, juntamente, quem
Tal nunca ouuio, nem d'antes, nem despois?
Sómente em vós entam: quem no entendeo?
Vós Madre, & Filha, vós Esposa sois
D'aquelle que apertado ao peito tem

Vos-

Voſſos braços, o que nam pode o Ceo,
Na voſſa alta humildade ſe venceo
O ſoberbo tyrano,
Que com enueja, & engano,
Nos fez tam perigoſa, & longa guerra:
Por molher ſe cauſou tal danno noſſo.
Quem nos reſtituyo
De vós ſahio, Senhora, o preço he voſſo.

VII.

Virgem, noſſa eſperança, hum alto poço
De viuas aguas, que contino correm,
Em que ſe matam para ſempre as ſedes,
Nam de Nembroth, mas de Dauid a torre,
Donde ſocorro eſpero ao meu deſtroço,
Aſſi tam perſeguido como vedes,
D'entre tam altas, tam groſſas paredes
De ferro carregado,
Hum coraçam coytado
Chama por vós enuolto em baſtas redes,
Hũas ſobre outras, porem ſinais tenho
De ſer do voſſo bando,
Que a vós bradando por piedade venho.

VIII.

Virgem do Sol veſtida, & dos ſeus rayos
Claros, enuolta toda, & das eſtrellas
Coroada, & debaixo os pés a Lua,
Sam vindas minhas culpas, & querellas
Sobre mi tantas, valeyme aos deſmayos,
De muitas que poſſa ir chorando algũa:
Nam me deixaram deſculpa nenhũa
Os meus erros ſobejos,
Leuaram me os deſejos

Tan-

Tantas occasiões, indo, hũa & hũa,
Quem tormenta passou por toda a praya,
Cos ventos contrastando
Saya nadando jà com vida, & saya.

IX.

Virgem Horto precioso alto, & defeso,
Rico ramo do tronco de Iessé,
Que floreceo tam milagrosamente,
Custodia preciosissima da Fé,
Que vós tiuestes só de todo em peso,
Tendo hum, & outro Sol sua luz ausente:
Alma que os seus enganos tarde sente,
Altissima Senhora,
Por vos sospira, & chora,
Ontem menino, sou velho ao presente,
Voume de dia em dia, d'anno em anno,
A minha fim chegando,
Dissimulando a vergonha, & o danno.

X.

Virgem, andando aqui, jâ celestial,
E em corpo assi leuada ao Ceo Empyreo;
Sem ser vista mais cá d'olhos humanos,
Certa Porta do Ceo, dos Valles Lyrio,
Que nunca teue, nem terá igual,
Dada por só remedio a nossos dannos,
Contra os demonios, sejão meridianos,
Sejam de noite escura:
Esperança segura,
Taes forças, contra taes mestres d'enganos,
Com vosso esforço por terra, & por mar,
Nam digo eu auer medo,
Mas ir ao campo ledo, & peleijar.

Vir-

XI.

Virgem das Virgens , como o tempo voa ,
Noſſa certa eſperança ,
Por toda a vezinhança
Quanto gemido a toda parte ſoa ,
Quantas lagrimas ſaõ mal derramadas !
Mas poſtos de giolhos
Em vós os olhos , tudo o mais ſam nadas.

A FESTA DA ANNUNCIAÇAÕ DE NOSSA SENHORA.

CANÇAÕ.

I.

DIA gracioſo , & claro
Prometido de tanto
Tempo á gente por Deos eſcolhida ,
Para ſer noſſo emparo ,
Ah myſterio tam ſanto ,
Que nos tolheo a morte , & deu a vida ,
Mercé nam merecida ,
Que o entendimento abate :
Celeſte menſageiro ,
Que ao longo captiueiro
Nos trouxe oje do Ceo hum tal reſgate ,
Sejais na minha ajuda ,
Socorrey em tal preſſa à lingoa muda.

Fi-

II.

Fizeraſe Tyrano
A cábeça da enueja ,
(Nam ſey o que em logo entrando digo)
Do nouo eſtado humano ,
Que d'altiuez ſobeja ,
Tantos dos ſeus perdera alli conſigo ,
Hum odio tam antigo
De jornada em jornada ,
Que auante cada ora hia ,
Quem remedio hi poria ,
Senam quem por nós fez tudo de nada ?
Na culpa entrou molher ,
Aſſi convinha no remedio ſer.

III.

Virgem Sagrada , & pura
Que a natureza eſmalta ,
E tanto atras de ſi tudo deixou ,
Perfeita criatura ,
Poſta em parte tam alta ,
Que nunca culpa algũa lá chegou ,
Com noſco conuerſou ,
No mundo por ſeu meyo ,
O Verbo diuinal ,
Por nós feito mortal
Co a Cruz ás coſtas de tam longe veyo ,
E com tais armas ſós ,
Tais imigos venceo sò para nós.

IV.

Foy o primeiro Adam
De limo Virgem feito ,
Inſpirandolhe alli diuino ſprito :

Aſſi

Aſſi eſtaua em rezam,
Que eſt'outro mais perfeito
De ventre virginal ſaya bendito,
Iſento do delito
Em que a ſerpente antigua
A todos enuoluera:
O Ceo, que Eua perdera,
Quem no lo abrio, ficou fora de briga,
Foylhe oje entregue a chaue,
Foylhe o nome mudado d'Eua em Aue.

V.

O Embayxador Diuino
Com tal acatamento
Propos como o menor, ante o mayor;
A Virgem indo a tino
Regia o penſamento,
Deixando nas mãos tudo do Senhor,
Diuino Reſplandor,
Diuina Claridade,
Em noite eſcura alli tam claro dia,
Quanto em gloria ſobia,
Tanto decia mais em humildade,
Temia, & confiaua,
Cuidando ora no Ceo, ora ond'eſtaua.

VI.

Contemplaua cada ora
Que auia de parir,
Hũa Virgem, ſinal dado na ley,
Sempre diz, ah quem fora
Digna de a ſeruir,
Virgem, & Madre d'hum tam alto Rey:
Peccador, que direy

Em

Em myſterios tam altos ,
Filho no Ceo ſem mãy ?
Filho em terra ſem pay ?
A tais eſcuridões tais ſobreſaltos ?
Eſte pó terra indigna ,
Quando cuida que atina , deſatina.

VII.

Se à tua grande , mas pobre vontade
Fora dada igual graça ,
Sayr puderas Canção minha à praça.

A NOSSA SENHORA.

REDONDILHAS.

I.

Ay razon que tal conſienta
Penſamiento altiuo , vſano
Que ſe atreua vn pecho humano
A poner en tal afrenta
Su lengua , ni la ſu mano.
Madre Bendita , ſi a vos
No acudimos , no ay remedio ,
Que onde deſmayamos nós ,
Comiençan obras de Dios
Sin fin , principio , ni medio.

II.

Si al Sol los ojos alçamos ,
Como alguna ora acontece ,
La viſta luego enflaquece ,

De ſuerte ſi porfiamos
Que a toda a parte anochece.
Si ante los mayores fuegos
No vaṅ los menos a cuento,
Que nonadas, y que juegos
Son a vos los ojos ciegos
De tan flaco entendimiento.

III.

Seſo, no te ſobreſaltas,
No turbas, y alteras todo
Del inmenſo amor ſin modo
De quien hizo obras tan altas
Cubrirſe de nueſtro lodo?
Virgen, y Madre ſin par,
Alçad lo que abaxo yo,
En vos ſe vino a encerrar,
Dios que no cabe en lugar
Vueſtro pecho lo criò.

IV.

Madre, y Virgen juntamente
(Quien nunca tal coſa oyera)
El que en principio yà era,
Del golpe de la ſerpiente
Preſeruada os hizo entera.
Eſto como puede ſer
Que contradize la edad?
Quien todo lo puede hazer,
Como Dios tuuo el poder,
Como Hijo la voluntad.

V.

Fuente donde gracia mana
Siempre clara, limpia, y agena

Del

Del turbio, digan, que ſuena,
Quando por coſa tan llana
Os llaman de gracia llena.
Virgen Diuino Sacrario,
No tuuo poder alguno
Contra vós nueſtro aduerſario,
Que no puede el vn contrario
Con otro eſtar de conſuno.

VI.

Boluia al camino errado,
D'en ti hablar Señora indino
Madre del Verbo Diuino,
De tal claridad turbado
Como atinaré ſin tino?
Limpio eſpejo de la Fé
Eſcurecido ja mas,
Ah Senhora, ah que diré,
Ah que ſoy niño, y no ſé
Lo que haga, o que diga mas.

SEXTINA.

I.

NAM poſſo tirar os olhos
D'onde os nam leua a rezam,
Quem porà ley á vontade,
Confirmada do cuſtume,
Vontade que as ſuas leys
Manda obedecer por força.

II.

Iſto que al he ſenam força,
Que me fazem os meus olhos
Quebrantadores das leys?
Brada apos mi a rezam,
Mas que val contra o cuſtume
Em que eſtà poſta a vontade.

III.

Conſelhos vãos à vontade,
Que ſó pode, & ſó tem força
Ajudada do cuſtume,
Vòs nam podeis eſtes olhos
Erguer hum pouco á rezam
Que faz, & desfaz as leys?

IV.

Que tyrania de leys,
Que dureza de vontade,
Ah grão mingua da rezão,
Queira, ou naõ queira, he por força,
Que ſe me vam eſtes olhos
Onde m'os leua o cuſtume.

V.

Nam valem leys ſem cuſtume,
Val o cuſtume ſem leys,
Ay eſcrauos dos meus olhos,
Gouernados da vontade,
A quem deſtes tanta força
Em deſprezo da rezam.

VI.

He morta, ou dorme a rezão,
Ou não ſente por cuſtume,
Que farey á mayor força?

Ajão

Ajão piedade as leys
De quem entregue à vontade
Vay preſo apos os ſeus olhos.

VII.

Olhos apos a vontade,
As leys apos o cuſtume,
Apos a força a rezam.

ESPARSAS.

I.

A VOSSA Bulla do Amor
Nam he pera toda a gente
Perdoa a culpa sòmente
A pena nam, nem a dòr.
Aſſi faz Amor com ella
Que com hũa ſperança incerta
A Leandro Hero à genella
Tras o mal, e a morte certa.

II.

Porque podera abaffar,
Ouuindo o que naſce mudo,
Com deſejos de fallar,
Antes ſe lhe negou tudo.
Ora auendo de naſcer
D'ouuir de vòs tal deſejo,
Porque ouui ſe vos não vejo,
Nem vos eſpero de ver?

III.

Tornouſeme tudo em vento

Que eu paſſey cuidado em al ,
Apos tormento , e tormento ,
Em fim veo cedo o mal ,
E tarde o conhecimento.
Eu aſſi deſenganado
Vejo vir males mayores ,
O tempo em que ſou chegado ,
Que poſſo doer às dòres ,
E dar cuidado ao cuidado.

IV.

Do paſſado arrependido
Seguro d'outro erro tal ,
Seja o perdido , perdido ,
E do mal o menos mal.
Façaſe o que vos mandais ,
Naõ nos ouça mais ninguem
Que do mal voſſo , & do bem ,
Nam ſey qual quiſeſſe mais.

V.

Todas as couſas tem cabo ,
Seja paz , ou ſeja guerra ,
Olhay que brada da terra
O meu ſangue , e o meu agrauo.
Cada ora em tudo á mudança
Virà apos eſta , outra tal ,
Fazer juſtiça , & vingança ,
Negra da minha eſperança
Que me doe mais que o meu mal.

VI.

Nam vejo o roſtro a ninguem ,
Cuidais que ſam , & nam ſam
Homens , que nam vam , nem vem

Pa-

Parece que auante vam.
Entre o doente, entre o ſam
Mente cada paſſo a eſpia,
E ás oras do meyo dia
Andais entre o lobo, e o cão.

VII.

Como nam quereis que ſeja
Meu perigo em todo eſtremo,
Se minha alma aſſi deſeja
Tudo o de que m'eu mais temo?
E para mór meu tormento
Aſſi cego, aſſi alheado,
De tudo o al fuy roubado
Senam do conhecimento.

VIII.

Quando nos meus erros cuido
No meu claro, & longo engano
Leuemente paſſo o dano
Apar de tanto deſcuido.
Paſſando a força de braços
Por hũs, por outros empeços,
Quão mal que neſtes eſpaços
Dizem os fins cos começos!

IX.

Que la mi vida ſe aſſuele,
Razon es que anſi lo quiera,
Y que pene, y que me muera
Que nadie no me conſuele.
Y el porque eſto acontece
Ninguno me lo demande,
Que ſi el mal parecer grande
Gran cauſa no le fallece.

X.

Cerra a ſerpente os ouuidos
As vozes do encantador,
Eu não que fora milhor,
Porque agora meus ſentidos
Quero perder com tal dòr.
Os que mais ſabem do mar
Fogem d'ouuir as Sereas,
Eu não me pude guardar,
Fuyvos a ver, & eſcuytar,
Fiz minh'alma, e vida alheas.

A PERO CARUALHO.

XI.

Mandar em tal tempo luuas
Seruiço era elle eſcuſado,
Outra couſa foram vuas,
Outra vinagre roſado.
Certo que outra couſa fora
Mas porem,
Ninguem dà o que não tem,
E nem do que tem j'agora.

CANTIGAS.

QVE he iſto, onde me lançou
Eſta tempeſtade má,
Que de mi ſenão ſou là,
E cà comigo não vou?

VOL-

VOLTA.

Inda que me eu câ nam via
(Tudo vos confeſſarey)
Onde a vos, & a mim deixey
Cuidaua que me acharia.
Agora quem donde eſtou
Nouas de mi me trarà,
Pois dizeis que nam ſou lâ
Naõ ſey ſem mi onde vou.

CANTIGA.

Comigo me deſauim
Sou poſto em todo perigo,
Nam poſſo viuer comigo,
Nem poſſo fogir de mi.

VOLTA.

Com dor da gente fogia
Antes que eſta aſſi creceſſe,
Agora ja fogiria
De mi, ſe de mi pudeſſe.
Que meio eſpero, ou que fim
De vam trabalho que ſigo,
Pois me leuo a mi comigo
Tamanho imigo de mi.

CANTIGA.

Naſcido, & criado em meo
De dóres, fez ſe a dòr tal,

Que pode chegar o mal
Onde nam pode o receo.

VOLTA.

Que ſe eu pudera algũa hora
Em tanto tempo cuidar
De ver tamanho peſar
Poderao ſofrer agora.
Mas que farey ſe a dòr veo
Creſcendo a fazerſe tal,
Que pos auante o ſinal
D'onde o puſera o receo.

CANTIGA.

Sortes, & venturas ſam
Os males, que me fazeis,
Se tendes rezam, ſenam
Senhora, vós o ſabeis.

VOLTA.

Poſto que eu quanto padeço
Co mais que de vós eſpero,
Queroo ſe volo mereço,
E ſenam tambem o quero.
E que agora o nam cuideis
Annos, & tempos faram,
Que o que por rezam aueis
Inda ajais por ſem rezam.

CAN-

CANTIGA.

Rezam, & tempo ſeria
De ver ſua vaydade,
Aquella cega vontade,
Que tam cegamente guia.

VOLTA.

Se pudera hum grande imigo
Fazer mais? certo he que naõ,
Por mimos do coraçaõ
Inda tudo o pior ſigo.
Voume aſſi de dia em dia,
Olhos de longe à verdade,
Entre tanto eſta vontade,
Aſſi cega guia, guia.

CANTIGA.

Nada dò que vés he aſſi
Tras os olhos nam te aballes,
Tudo he tiremme daqui
Matemme neſſ'outros valles.

VOLTA.

Poſto que al te aſſi parece
Deſte ſonho, & moſtra vaã,
Por de fora reſplandece
Dentro nam ha couſa ſaã.
Corri montes, corri vales

Cego cuidado apos ti,
Deixame morrer jà aqui
Não me mandes ver mais males.

CANTIGA.

Foyme grande aggrauo feito,
Sermehia ora máo de crer,
Quem m'o fez, podeo fazer,
Ou a torto, ou a direito.

VOLTA.

Eſtaua ordenada hũa hora
Veo, nam ouue hi tardança,
E leuoume hũa ſperança
Que ſenaõ fora, eu nam fora.
Que remedio ao que he já feito,
Quem o fez tinha o poder,
Eu jà que poſſo fazer
Mais que gemer em meu peito?

CANTIGA.

Cego deſte meu deſejo
Mal dos males, mór dos mores
Que não daria eſtas dores
Por quantos prazeres vejo.

VOLTA.

Meu mal tudo tem por ſi,
Taõ cegamente deſeja,

Que

Que inda naõ vejo, nem vi
Cousa, que me faça enueja.
Teue este mal os seus meos,
Com que aprouue a sua dór,
Mas trago inda os olhos cheos
Que ey de ver cedo outro mór.

CANTIGA.

O coraçam que vos vé
Aos olhos que vos naõ vem,
Naõ nos culpe, que nam tem
Algũa rezaõ porque.

VOLTA.

Cada ora estes olhos canso
Por estes montes arriba,
Que á vista curta, & catiua
Tolhem todo seu descanso.
Deixemnos cegar que tem
Chorando rezão porque,
Buscouvos alma, & lá he,
Elles cà chorão d'aquem.

CANTIGA.

Toda esperança he perdida,
Tudo veo a fallecer,
E o que inda fica da vida
Ficou para mais perder.

VOLTA.

Aquella esperança minha
Assi fraca, & vaã como era,
Cos olhos que eu nella tinha
A todo mal me atreuera.
Ora ella está jà perdida
Mas não me hão de fazer crer,
Que nam ha mais nesta vida
Senam nascer, & morrer.

CANTIGA.

Por estes campos sem fim
Onde a vista assi se estende,
Que farey triste de mim
Pois veruos se me defende.

VOLTA.

Todos estes campos cheos
Sam de saudade, & pesar,
Que vem para me matar
Debaixo de ceos alheos.
Mal sem meo, mal sem fim
Dór que ninguem não na entende
Até quam longe se estende
O vosso poder em mim.

CANTIGA.

Pois meu mal com quanto he,
Inda a crueldade he mór,

Ao

Ao menos faça esta dór
Ante vós fé de tal fé.

VOLTA.

Vistes passar tantos annos,
Durou sempre este cuidado,
Mas d'homem desenganado
Nunca estranheis desenganos.
Que sem causa, & sem porque
Tras hum mal outro mal mòr,
Mas de mi seja o que for,
Lembre só que he polla fé.

CANTIGA.

Tudo passa como hum vento
Hum mal sempre me he presente,
Que ao coraçam innocente
Cada ora poem a tormento.

VOLTA.

As voltas c'hũas sospeitas
Contas fiz, contas desfiz,
Mas estas despois que as fiz
Foram para sempre feitas.
Iaz alto seu fundamento
Neste brauo fogo ardente,
Por quem culpado se sente,
Moura o sem culpa a tormento.

CANTIGA.

Olhay a camanha eſtreita
Señora minha alma he vinda,
Na vida infinda ſoſpeita,
Na morte ſaudade infinda.

VOLTA.

Quem me dará nouas penas
Inda que o mais tudo tolha,
Com que voe, e que me acolha
Do meo de tantas penas?
A ſayda agra, & eſtreita
Cauſaraõ tanda ida, & vinda
Da vida lança a ſoſpeita,
Da morte ſaudade infinda.

CANTIGA.

Se me eſte cuidado atura,
Que me perſegue, & que eu ſigo
A vida eſtá em perigo,
E alma polla ventura.

VOLTA.

Bem ſey tudo o que ha de ſer,
Mas he de tanto pezar,
Que ey medo de o dizer,
E medo de o cuidar.
Nam vejo couſa ſegura

Se-

Seguro he ſó o perigo ,
E o que agora nam digo
Deixay fazer à ventura.

CANTIGA.

Alma tam ſem aſſoſſego ,
Que nem deſte ár me farto
D'onde cum queixume chego ,
Com mil queixumes me parto.

VOLTAS.

Nas couſas em que algũa ora
Eſperey de ter repouſo ,
Triſte de mi que j'agora
Sómente cuidar nam ouſo.
A que fraqueza que chego
Em quantas partes me parto
Por eſte coraçam cego ,
Nunca de ſeus males farto ?
Os meus perigos medonhos ,
Em que alma cada ora empeça
Os ventos , neuoas , os ſonhos
Que nam tem pés , nem cabeça.
O que com a lingua nego
Por muitos ſinais reparto
Em poder daquelle cego ,
De cujo poder nam parto.
Mal as noites , mal os dias
Com medos , & com ſoſpeitas ,
Fazendo contas baldias

Que

Que aſinha ſeraõ desfeitas.
Com muito deſaſſoſſego
Com que chego, & com que parto
Com ver tanto, & com ſer cego,
Todos do que encubro farto.

CANTIGA.

Señora oyd la mi ſuerte,
Y de vueſtra crueldad,
Por no pediros piedad
Antes la pido a la muerte.

VOLTA.

El mi coraçon caydo
En tanta cuyta, y deſmayo,
Pues que nunca os ha mouido
Ante la muerte lo trayo.
Mas no ſe como concierte
Tan grande deſigualdad,
Que me hazeis pedir piedad
Contra la muerte a la muerte.

CANTIGA.

Quanto mal me han ordenado
Las coſas con que naſci!
Algunas me han deſechado,
Alcancé otras contra mi.

VOL-

VOLTAS.

De la mi alma no sé
Qu'es della, y mi coraçon,
A la fuerça no ay razon
Cada vno tras vos se fue.
Vida, memoria, y cuydado
Sentidos que a vos ergui,
Estos nunca me han dexado
Por seren mas contra mi.
Dexome mi libertad,
Y el amor que me tenia,
Dexome mi alegria,
Dexome mi voluntad.
Los ojos con que yo os vi,
Vida, memoria, y cuydado,
Estos nunca me han dexado
Por seren mas contra mi.

CANTIGA.

Puedese esta llamar vida
A la qual se entra llorando,
Y si passa sospirando
La muerte es la su salida?

VOLTA.

Por lo qual yo sin ventura
Con gran cuita he desseado,
Que vuiera sido lleuado
Del parto a la sepultura.

To-

Toda eſperança perdida
Yo no ſé loco tras que ando,
Voyme anſi deuaneando
Entre la muerte, y la vida.

CANTIGA.

El aggrauio que recibo
De quien yo menos deuiera,
Dexame llorar ſi quiera
Ya que para mas no biuo.

VOLTA.

Aliuio ſea, o ſalida
Al dolor, eſto que os cueſta?
Que no paſſe a la otra vida
Con tanta querella deſta.
Mientras de mal tan eſquiuo,
Mas mal no quiere que muera,
Dexame llorar ſi quiera
Tendré ſolo eſto de biuo.

CANTIGA.

Mal de que me eu contentey,
A conta feita eſtà já,
Agora deſcanſarey,
Se me ſegue matarmeha
Se me deixa matarmey.

VOL-

VOLTA.

Nas couſas que nam ha meio,
Eſcuſado he canſar mais,
Ir de receo em receo,
E de ſinaes em ſinaes
Eſpreitando o bem alheo.
Em vam cà, & là canſey
Tudo me he tomado já,
Agora deſcanſarey.
Que eſte mal me matarà,
Senam eu me matarey.

CANTIGA.

Hũa morte ey de morrer,
Que faz mais aſſi que aſſi,
Iſto nam poſſo ſofrer
Aueremſe de perder
Os olhos com que vos vi.

VOLTA.

Os olhos, por que paſſaram
Os voſſos ao coraçam,
Onde para ſempre eſtam,
Sam eſtes que me ficaram
Para minha ſaluaçam.
Mas ſe inda os ey de perder
Afora quanto perdi,
Acabarey de morrer,
Acabarey d'entender
Para quanto mal naſci.

ALHEA.

ALHEA.

La que yo tengo no es prifion,
Vos fois prifon verdadera,
Efta tiene lo de fuera,
Vos teneis el coraçon.

VOLTAS.

De la gente que aqui viene
A verme, de rifa muero,
Riome del carcelero,
Que pienfa que aqui me tiene.
Viene, y mira la prifion
Vê los hierros por de fuera,
Mas no vee que cada vno era
D'onde era fu coraçon.
O remo fea, o fea vara
Si eftá en el agoa metida,
Qualquiera vifta por clara
Que fea la ha por torcida.
No os engañe mi prifion;
Aunquel cuerpo aqui fe muera
Bufcadme alla por defuera
Por donde anda el coraçon.

ALHEA.

Como no fe defefpera
Quien fe vé como yo me veo,
Tan lexos de lo deffeo,
Tan cerca do no quifiera?

VOL-

VOLTA.

Trifte que ha de fer de mi
Como biuo fola vna ora
Viendo qual me veo aqui,
Y qual me he vifto alguna ora?
Mi efperança lifongera
Con quien tanto ha que peleo,
Que me quereis que no veo,
Porque la vida ya quiera?

CANTIGA.

Ledo em meus males fem cura,
E nos defcanfos canfado,
Querendo, & fendo forçado,
Ora cuidar me affegura,
Ora me mata o cuidado.

VOLTA.

Affi me tem repartido
Eftremos, que naın me entendo
De toda a parte corrido,
De toda defacorrido,
Em nenhũa me defendo,
A vida efta mal fegura.
Mas eu quero efte cuidado,
Que mal tam bem eftimado,
Em tanta defauentura
Me faz bemauenturado.

ALHEA.

En toda la tramontana
Nunca vi coſa mejor,
Que era la eſpoſa de Anton
Vaqũerizo de Morana.

VOLTAS.

Naquelle longo deſterro,
Que eu por vontade eſcolhi,
(Quer foſſe rezam, quer erro
Quis o coraçam aſſi)
Vi hũa viſam vfana,
As vezes cuido que nam
Foſſe verdade, ou viſam,
Hia em trajos de ſerrana.
Nam era o coraçam quedo
Indo, & tornando a meude,
Ora o prazer, ora o medo
Tiueme o milhor que pude.
Quantos bens me a ſorte dana?
Erada quem o vee em vam,
Tal como era, era d'Antam
Hum vaqueiro de Morana.
Olhos que tais olhos viſtes,
Viuey bemauenturados,
E porem ouuidos triſtes
Para tanto mal guardados.
Que he iſto que aſſi me engana
Que aſſi deſpreza a rezam,
Suſpiraua por Antam
Quem não tem nada de humana?

ALHEA.

Ay que el alma ſe me ſale ,
Y el porque ſiento perdella ,
Es porque eſtais vos en ella
Que la vida poco vale.

VOLTA.

Loco de mi , que penſaua
Poder aqui detener
Comigo , vna alma que eſtaua
Vfana en vueſtro poder.
Que quereis que a eſto iguale
Siendo vós ſenhora della ,
Eſta es toda mi querella ,
Que lo mas todo que vale ?

A LA BELLA MAL MARIDADA.

VOLTAS.

Anſi que aquella hermoſura
Nunca viſta ſin eſpanto ,
La gracia , y deſenuoltura
Todo ſe hà tornado en llanto.
Fortuna tan mal mirada
Que embidia tiene de ſi ,
Donzella dichoſa anſi ,
Y dueña tan deſdichada.
No ſé que diga , o a quien
Culpemos en mal tamaño

No ſe ajunta tanto bien
Sino para tanto daño.
En todo tan acabada,
Dixe yo luego que os vi,
No naſciſtes vos anſi
Para ſer bien empleada.

CANTIGA.

Huye el tiempo, eſtá el mal quedo,
Penſé morirme, y no muero,
Deſengañarme no quiero,
Quando ya quiero no puedo.

VOLTA.

Todo ſe me và en antojos
En eſta priſion obſcura,
Cuitados de los mis ojos,
Que pagan tanta locura.
De todo me pide el miedo
Lagrimas como de fuero,
De lo que puedo, y no quiero
De lo que quiero, y no puedo.

CANTIGA.

De quem me deuo queixar?
De vôs que pudera ſer,
Nam vos ſabe alma culpar
Fica ſómente o ſofrer,
Se mais fica he ſoſpirar.

VOL-

VOLTAS.

Os meus ſoſpiros té gora
Quaſi erão contentamentos
Tambem de prazer ſe chora,
Entraraõ males de fora
Não hum, não dous, mas ſeiſcentos.
E naõ lhes baſtou entrar,
Mas inda ſempre a crecer,
Onde ha iſto d'ir parar,
Nam fica ſenam ſofrer
Ao mudo do ſoſpirar.
Ora os ſoſpiros que ſam,
Saluo àr eſpalhado ao vento,
Onde brada o coraçam,
Noſſos ouuidos nam vam
Deixaõ tudo ao entendimento.
Que me eu quiſeſſe queixar
Quem me poderia crer?
Deixay já venha o pezar,
Que pode o pouco empecer,
Que pode o muito durar?

ALHEA.

Naquella alta ſerra
Me quero ir morar,
Quem me quiſer bem,
Quem me bem quiſer
Là me irá buſcar.

VOL-

VOLTAS.

Neſtes pouoados
 Tudo ſam requeſtas,
 Deixayme os cuidados
 Que em vos deixo as feſtas
 Daquellas floreſtas,
 Verey longe o mar
 Porme ey a cuidar.
Sombras, & agoas frias
 Quando o Sol mais arde,
 Deſpois ſobre a tarde,
 Por cá bradarias,
 Vés, que preſſa os dias
 Leuam, ſem canſar
 Nunca ham de tornar.
Nam julgue ninguem
 Nunca outrem por ſi
 Mais d'hum bem que ouuĩ
 A vida nam tem,
 Nam deixa eſte bem
 Onde ſe elle achar
 Mais que deſejar.
Deixa as vaydades
 Que da mão á boca
 O prazer ſe troca,
 Trocamſe as vontades,
 Eſſas vãs ſaudades
 Armadas no ár,
 Que podem durar?
Naquella eſpeſſura
 Me ey d'ir eſconder,

Ve-

Venha o que vier,
Acharmeha segura,
Se tal bem nam dura,
Ao ſeu treſpaſſar
Tudo ha de acabar.

CANTIGA.

Até quando me tereis
Neſta dór que por vós quis?
Os ſeruiços que vos fiz
Quando mos perdoareis?

VOLTA.

Nam ſer voſſo, nam he em mim
Iſto quereismo acoymar,
Que perdam poſſo eſperar
Se eſta alma he voſſa ſem fim?
Se me tanto mal fazeis
Por ſeruiços que vos fiz,
O bem que vos quero, & quis
Quando m'o perdoareis?

CANTIGA.

Entre temor, & deſejo
Vaã eſperança, & vaã dór,
Entre amor, & deſamor
Meu triſte coraçam vejo.

VOLTA.

Neſtes eſtremos catiuo
Ando ſem fazer mudança,
Se jâ viui d'eſperança
Agora de chorar viuo.
Contra mi meſmo pelejo
Vem de hũa dòr, outra dór
Vem d'um mal outro mal mòr
De hum deſejo mòr deſejo.

VILANCETES.

ESPERANÇAS mal tomadas
Agora vos deixarey
Tam mal como vos tomey.

VOLTAS.

Que vida ha de ſer a minha,
Por tempos, nem por mudanças;
Que poſſam vir? pois não tinha
Mais bem que eſtas eſperanças?
Agora às deſconfianças,
As ſoſpeitas, que farey?
Como me defenderey?
Conſelhos mal atinados
O tempo ao menos vos canſe,
Partam cuidados, & vamſe,
Mas porem, ó que cuidados?
Deixemos erros paſſados

Em

Em que eu por meu mal entrey,
E por meu mal ſayrey.

VILANCETE.

Que mal auindos cuidados
Me tomaram entre ſi,
Nunca tais cuidados vi.

VOLTAS.

A minha alma nam repouſa
Nem de noite, nem de dia,
D'entro della contraria
Toda a couſa a toda couſa
O cuidado que mais ouſa,
E que mais confia em ſi,
Ora he aſſi, ora aſſi.
Que me quer eſte receo
Inda ſobre meus aggrauos,
Tem me tomados os cabos
Não tendo meus males meo,
Ia nam confio, nem creo,
Ia confiey, & ja cri,
Mal aſſi, & mal aſſi.
Inda ſe iſto ſer pudeſſe
Que por tempo ſe faria,
Que hũa ora me não temeſſe
Iſto me deſcanſaria,
Mas nam vejo, porque via
Se poſſa fazer que aſſi
Não moura como viui.

ALHEO.

ALHEO.

No pregunteis a mis males,
Que tales ſon,
Preguntaldo al coraçon.

VOLTA.

Por mis bienes preguntais,
Entiendo que por mis penas,
Que ſiempre tuue por buenas
Vos ved como las llamais,
Que anſi como las nombrais,
Anſi confieſſo que ſon
Los bienes del coraçon.

VILANCETE.

Em pago d'aquella dór,
Que eu tão mal vos merecia,
Se verey inda algum dia?

VOLTA.

Se vos ſenhora aprouueſſe
De ver eſta minha fé
Hũa ora sò antes que
Morreſſe, deſpois morreſſe,
Quem tal eſperar pudeſſe
Com todo o mal poderia,
Cos olhos naquelle dia.

ALHEO.

Todos vienen de la Villa,
Solo no viene Domenga.

VOLTA.

Toda perſona tornò
Que 'parado he mientes bien,
Vna falta, y es por quien
Quanto a mi nadie boluio;
Que me haré cuytado yo
Con que la vida ſoſtenga,
Haſta que Domenga venga?

ALHEO.

Por malos emboluedores,
Pierdo triſte mis amores.

VOLTAS.

A hum ſó deſcanſo, que eu tinha,
A hũa ſó eſperança
D'onde veo tão aſinha
Hũa tamanha mudança?
Que ſe fez da confiança,
Com que nos tormentos mòres
Eu ſofria as minhas dòres?
Se auia o ſer de ſer tal
Milhor fora antes não ſer,
Ouueſſeme enueja ao mal

Que

Que ao bem mal podera ser,
Iá vejo vir a correr
Sobre mi meus matadores,
E fugir os valedores.
Males que eu tanto estimaua
Quem se nos meteo no meo,
Em tempo que eu mais andaua
Sem sospeita, & sem receo?
Que grand'engano, que enleo?
Que engeitão os seruidores,
E querem antes senhores.

VILANCETE.

Coração onde jouuestes
Que tão má noite me destes?

VOLTA.

Toda a noite pelejey
Eu, que jà mais não podia,
Busqueyvos, não vos achey,
Sem vos eu só que faria?
Destesme dores de dia,
Pollo que assi me fizestes
De noite dóres me destes.

VILANCETE.

Se meu tormento me desse
Lugar pera cuidar nelle,
Não me queixaria delle.

VOL-

VOLTA.

Foyme dado hũ só momento,
Desde então pude atinar,
Que não fora elle tormento,
Se me dera este vagar.
Não m'o quisera mais dar,
Porque pudera com elle
Ter vida, & mouro sem elle

VILANCETE.

Os meus castellos de vento,
Que em tal cuyta me pusestes
Como jà vos desfizestes?

VOLTAS.

Caystesme tão asinha,
Cayrãome as esperanças,
Isto não forão mudanças,
Mas forão a morte minha,
Castellos sem fundamento
Quanto que me prometestes,
Quanto que me falecestes?
Armey castellos erguidos
Esteue a fortuna queda;
(E dixe) gostos perdidos
Como is a dar tão grã queda?
Mas ò fraco entendimento
Em que parte vos pusestes
Que então me não socorrestes?

VI-

VILANCETE.

Deixayme as minhas triſtezas
Que j'agora outra alegria
Mayor perigo ſeria.

VOLTA.

Os males acuſtumados
O meſmo cuſtume os cura
Bens tão vãmente eſperados
Quem nos ſofre, quem os atura?
Crieyme com meus cuidados
I'agora não ſaberia
Andar n'outra companhia.

VILANCETE.

O meu mal pudeo ſofrer;
Eſte, porque todo he voſſo,
Que vos não doa não poſſo.

VOLTAS.

Vós paſſaylo alegremente
Mal ajão os maos ſinais
Que então ſam elles mortais
Quando homem ſeu mal naõ ſente:
Nada ſentis ao preſente,
Quanto vos cuſta eſte voſſo,
Aſſi quero, & aſſi poſſo,
Mas ſe ahi ha peſo, e medida,

Nem

Nem de todo he tudo vento,
Tambem o meu ſentimento
Podė ſer ſinal de vida,
Ó eſperança comprida,
Que eu ſómente pollo voſſo
Eſperar tanto não poſſo.

VILANCETE.

Eſtes meus olhos que aſſi
Liſongeão á vontade,
Se lhe fallarão verdade?

VOLTA.

Ey medo que não fallem
Não me fio no que vejo
São ſegredos do deſejo
Contra quem olhos não valem:
Não ſam, para mais que aſſi,
Andar ao ſom da vontade
Chorando a neceſſidade.

ALHEO.

En las tierras de do vine,
Vi quanto ſe puede ver,
Allà me quiero boluer.

VOLTA.

Pero mientras deuaneo
Penſando en quanto allâ vi,

For-

Forçado he tenido aqui
Lleuado allá del desseo,
Mientras debato, y peleo
Si la vida fallecer
El alma aurá de boluer.

A L H E O.

Saudade minha,
Quando vos veria?

V O L T A S.

Por terra já assi
Tudo, em tal mudança,
Que faz vida aqui
Nenhũa esperança?
A minha lembrança,
A minha porfia,
Que mais aporfia?
Que faz hum desejo
Tão desenganado?
Que faz o sobejo
Deste meu cuidado?
Comigo afferrado
Quando anoitecia,
Quando amanhecia.
Saudade, & sospeitas
A torto, & a dereito
Não sereis desfeitas
Quando eu for desfeito,
Inda frio o peito

In-

Inda a lingua fria
Por vós bradaria.

ALHEO.

Pois os meus olhos ſam voſſos,
Que faço eu
Em dar a ſeu dono o ſeu.

VOLTAS.

Quantos conſelhos ſe dão
Aos olhos com que vos vi,
Hum diz aſſi, outro aſſi,
Razões, que não vem, nem vão,
Voume apos o coração,
Que vos jâ deu
Quanto ſoya a ſer ſeu.
Tudo he em voſſo poder
De liure que eu aqui vim
Não deixaſtes nada em mim,
Nem olhos que al poſſão ver,
Mas como podia ſer
Veruos eu,
E ter mais nada de meu?

ALHEO.

Sola me dexaſte
En aquel hiermo,
Villano malo Gallego,

VOLTAS.

Voyme a do te fuyſte ,
Voyme no ſé a donde ,
El valle reſponde ,
Tu no reſpondiſte ,
Moça ſola ay triſte ,
Que llorando ciego
Tu paſſaslo en juego.
Por hiermos agenos
Lloro , y grito en vano ,
Gallego , y villano ,
Que eſperaua yo menos ?
Ojos de agua llenos ,
Vós, pecho de fuego
Quando aureis ſoſſiego ?

ALHEO.

Que vos farey meu cuidado ,
Onde vos trarey metido
Que nam ſejais entendido ?

VOLTA.

Deſcobrisvos cada ora ,
Cuidey que era á minha mingoa ,
Mas em quanto vedo a lingoa
Saìs pollos olhos fora ,
E nam cuidais que me fora
Milhor nunca ſer naſcido ,
Que ſer meu mal entendido.

ALHEO.

Desenganey hum cuidado
De parte do coraçam
Com hũa desesperaçam.

VOLTA.

Tenho a conta feita, & chea,
O que ha de ser, seja logo,
Pollo ferro, & pollo fogo,
Que nam he a morte tam fea,
Viui' à vontade alhea
Moura a minha, e quando nam
A pesar do coraçam.

ALHEO.

En mi coraçon os tengo
Por las gentes no os veo.

VOLTA.

Por lo qual buelto a mi seno,
Por quanto bien del confio,
El mi coraçon ageno
Boluio de nueuo a ser mio,
D'otra parte yo sandio
Engañado del desseo
Con los ojos deuaneo.

ALHEO.

Eſte mal
Otro tiempo lo ſenti,
Mas no me dolia anſi.

VOLTAS.

Eſte es el fuego por cierto,
Si del todo no eſtoy loco,
Que me abraſó poco a poco
Crecio andando encubierto,
No fue muerto
Como deuiera, yo ſi
Que no ſe parte de mi.
Por demas es que me vele,
Que me tema, y que me guarde;
Que el Sol que mas tarde ſuele
Deſcubrir, mas rezio arde,
Aunque tarde
Abri los ojos, y vi,
Que otro mal no duele anſi.

ALHEO.

Quem cuidar, & quem diſſer,
Que de matar ſois ſeruida,
Naim ſabe que couſa he vida.

VOLTAS.

Não he dano o que não dana,
A morte de voſſa mão

Não he morte, he nome vão,
Que á primeira face engana,
Onde não ha cousa humana,
Tudo esprito, & tudo vida,
Mal jarà a morte escondida.
Ficase porem julgando
Entre hũa, entre outra sorte,
Se dais vida dando a morte,
Que fareis a vida dando?
A fé que vay embicando,
Não vee dos olhos tal vida
Sòmente porque duuida.

De dom Simam da Sylveira.

Tu presencia desseada,
Zagala desconecida,
Di, porque la has escondida.

VOLTAS.

Has la tu tierra assolada
Que eras toda su riqueza,
Nascida en ella, y criada
Pudiste hazer tal crueza?
Que en tal miseria, y pobreza
Puesto la has con tu partida,
Y a mi cuytado en tal vida?
Oydos, que ensordecistes
A sospiros, y a los ruegos,
Que veran mis ojos tristes,
Aqui dexados tan ciegos

Vascas, y desassossiegos
Quedan en mi por la vida,
Que es tras tus ojos huyda.
Las yeruas, las sombras frias
Y las flores que has pisado
Quanto te via, y tu vias,
Todo queda auelenado,
Vn triste, vn ciego, vn cuytado,
Vn loco en la tu partida
Pasmando pierde la vida.

ALHEO.

Pollo bem mal me quisestes,
E eu nunca tenha prazer
Se mal vos posso querer.

VOLTA.

Fora ella rezão igual,
Mas vede as leys que Amor tem,
Que em vez de vos querer mal
Assi vos quero mòr bem,
E passo tanto inda alem,
Do que este mal soe fazer,
Que me venho aborrecer.

ALHEO.

Quien te hizo Iuan pastor
Sin gasajo, y sin plazer,
Que tu alegre solias ser?

VOL-

VOLTA.

Vn hierro, y mas en zagal
No es cosa que mucho espante,
Mas seguir siempre adelante,
Que es mal, si este no es mal?
Pesame de verte tal,
Que huye el gasajo a correr,
Y no passa el desplazer.

ALHEO.

Dime tu senhora di,
Si me fuere desta tierra
Si te acordaràs de mi?

VOLTAS.

Los mis pensamientos faltos,
Que a desora erguidos caen
Por tierra, siempre me traen
En dubdas, y sobresaltos;
Passados montes tan altos
Que será? lo que es aqui,
No aurà memoria de mi.
Con quanto ya desatino
En esto no deuaneo,
Allà males del camino
No los que por aqui veo,
Mas el alma, y el desseo
Quien los lleuarà de aqui
Que no dan nada por mi?

Que eſtraña merced me fuera
En la triſte auſencia mia,
Solo crer que ſe ſabia
Quando ojos aca boluiera,
Ya fueſſe en burla ſi quiera
Los lugares do te vi,
Te hizieſſen mencion de mi.
Bueluo a lo en que auia errado,
Por mis locuras me voy,
Que ni ſabes quien yo ſoy
Entre quantos te an mirado;
Saluo ſi por mas cuytado
Sin memoria otra de mi,
Mas ya fueſſe, y fueſſe aſſi.

ALHEO.

Que poſſo de vos dizer,
Pois que nam poſſo chegar
Co deſejo a vos louuar?

VOLTAS.

Eſta vaã vaydade minha
Que tam ouſada começa,
Eſtá ſem pés, nem cabeça
Naõ deu começo ao que vinha,
A vaã que ſó ſe mantinha
Como Camaleão do àr,
Nam ſe atreue a deſejar.
Forças, que vos enganaes
Cuidando em tam altos voos,

Ia

Ia neſtes começos taes
Himos acabando nos;
Senhora a quem vos lâ pos
Tam alta á graças que dar,
E a vós que nos perdoar.
Quem ſerá de veruos digno?
Viuos, foy alma paſmada,
Fuy aſſi como hum menino,
Que vé, que ſ'eſpanta, e brada,
Nam ſabe mais dizer nada
Podeſe a veruos chegar
O mais he tudo paſmar.

ALHEO.

Tañoos yo mi pandero
Tañoos yo, y pienſo en al.

VOLTAS.

Mientra el mal arde, y deſtrüye
Buſco con que el tiempo engañe,
A deſora el alma huye,
Que no ſé quaſi quien tañe,
Dexa aqui que me acompañe
Eſta mi cuyta mortal,
Y và penſando en mas mal.
D'Amor por cierto villano
Fieme como ſandia,
Puſome el pandero en mano
Fueſſe con el alma mia.
En eſta triſte agonia

De

De mi cuyta desigual,
Ni muere, ni mata el mal.

ALHEO.

Quien viesse aquel dia,
Quando, quando, quando
Saliesse mi vida
Yá de tanto bando.

VOLTAS.

Ay mis tristes ojos,
Tan tristes, tan tristes,
Vistes mil enojos,
Vn plazer no vistes.
Vistes añadida
A mi pena, pena,
Y en tan luenga vida
Nunca vna ora buena.
Si a la suerte mia
Pluguiesse, ah pluguiesse,
Que viesse ora el dia
En que mas no viesse.

ALHEO.

Acustumeyme a meus males
E já acustumado a elles
Andão por me apartar delles.

VOLTAS.

Ah que cruel tyrania,
Não ſey que nome lhe ponha,
Não me doe de hũa peçonha
De que eu j'agora viuia,
Quando meus males ſentia,
Quando me queixaua delles
Lá me auieſſe com elles.
Mas deſpois que já mais brando
Sentia o mal por cuſtume,
Virãome andar ſem queixume
Matãome remedios dando,
Tudo ſe vay reuezando,
Males que tremia eu delles
Mouro com ſaudade delles.

DE GARCI SANCHEZ.

Secaran me los pezares
Los ojos, y el coraçon,
Que no puedo llorar no.

VOLTA.

Quedar qual eſta alma queda
No ſé como pueda ſer,
Si otros lloran con plazer
Que ella de triſte no pueda,
Quando vna perſona leda
Puede llorar, como no
Pude vn triſte coraçon?

ALHEO.

ALHEO.

Puſiera los mis amores
En vn tan alto lugar
Que no los puedo oluidar.

VOLTAS.

Al mi mal tan mal creydo
Dolor ſin fin, y ſin medio
El remedio era el oluido,
Yo oluideme del remedio,
Por vos no duelen dolores,
Por vos no peza el pezar
Como os podré oluidar?
Por vos el contentamiento
(Quien nunca tal coſa oyó?)
Entre la muerte, y tormento,
Lugar para ſi hallò,
Y en medio de mil dolores,
Que andan para me matar,
A plazer ſe puede eſtar.

NA SEPVLTVRA DE PEDRAZA,

QVE NO CANCIONEIRO GERAL SE CHAMA CONSTANCIO.

EPITAPHIO.

Alma que en tan breues dias
Tal nonbre, y tal fama às dado
Al cuerpo aqui ſepultado,
Que a outra parte regias.
Aqui' la carne pezada
Ya tierra, eſpera por ti,
Alma bienauenturada,
En eſto no te và nada
Los hombres pienſan que ſi.

NA SEPVLTVRA DE HV̄A DAMA.

EPITAPHIO.

De quam pouca terra ſatisfeita jaz,
A quem toda ella nam na merecia,
Aquella, que triſte, ou leda, ou como hia
Aſſi punha tudo em guerra, ou em paz.
Leuounola a morte cruel, que desfaz
As mayores couſas com mayor preſteza,
Ah Morte, ah Mundo, ah tua riqueza,
De quam pouca terra ſatisfeita jaz?

NA PRISAM DE HVM SEV GALEGO.

I.

INDA que me eu ria, e calle
E me faça ſurdo, & cego,
Bem ſey eu, porque o do valle
Correo tanto ao meu Galego.
Como com ladram fez feſta,
Mas inda mal a la fé,
Porque hum eſcrito na teſta
Nam tras cada hum de quem he.

II.

Entre claros, entre eſcuros
Homens de ſeiſcentas còres
Andam por aqui ſeguros
Nam lhe ſaem corredores.
Apos quem torna por ſi,
E primeiro mata, ou morre,
Não corre o do valle aſſi,
Apos hum tollo aſſi corre.

III.

Bom matador, bom ladrão,
Que fugindo arma entretanto,
Deyxa acolher Baſtião
Que pica, e não rende tanto.
Viue polla tua pena,
Outrem prenda, outrem condene,
Nunca toques no da pena,
Em que te as barbas depene.

Eſ-

IV.

Eſcreues pollo ribeiro,
Anda ſó ao que he proueito
Has de pagarlhe o dinheiro,
Ganheſe a torto, & a dereito.
Deixa andar os encartados
Que tem cheos os caminhos,
De virotões ouriçados
Que ſaõ quais porcos eſpinhos.

V.

Come, & bebe, pois te preſta,
Não cures das aſſuadas
Com que vem juntos á feſta
Tendouos todos em nadas.
E onde vires hum coytado,
Que em te vendo perde a còr,
Ferra delle homem ouſado,
Não ſe vá tam mao feytor.

VI.

Executores da ley,
Auey vergonha algum dia,
Eſte chama aqui del Rey,
Eſt'outro chama à valia.
O outro diz em Portugal
De varas não ha hi mingoa,
Deſata a bolſa que val,
Traze ſempre atada a lingoa.

A ANTONIO DE SÁ,

FVGINDOLHE HVNS SEUS MOÇOS.

I.

PARTIO Francifco florido,
As màs nouas logo foão,
As Aues mudadas voão,
Criados mudão veftido,
E mais fe armadas atroão.
Diz o pay de Salamão,
Que he homem para alegar
Se vos lembra em que lugar,
Quem me comia o meu pão
Trataua de me enganar.

II.

Que graça me jà contarão
Ha dias d'um Caftelhano
A quem criados tal dano
Por vezes lhe affi caufarão,
Do feu pão; & do feu pano.
Veo o feu dia, & achou
Moços de nouo empenados,
Como os vio adormentados
Os veftidos lhe furtou,
E fugio aos feus criados.

GLO-

GLOSA

COMO SE NAQVELLE TEMPO CVSTVMAVA, A ESTA CANTIGA DE DOM IORGE MANRIQVE.

NO sé porque me fatigo,
Pues con razon me venci?
No siendo nadie comigo,
Y vos, y yo contra mi.
Yo por aueros querido,
Y vos a mi desamado,
Com vuestra fuerça, y mi grado
Auemos a mi vencido.
Y pues fuy mi enemigo,
En me dar como me di,
Quien osará ser amigo
Del enemigo de si?

GLOSA AO CUSTUME DAQUELLES TEMPOS.

Del tormento fatigado
No sé que consejo sigo,
Voy de cuydado en cuydado,
Mas despues en mi tornado,
No sé porque me fatigo.
Haz lo que suele el pesar,
Desatinandome ansi,
Mas boluiendo a en vós pensar
No sé de que me quexar,
Pues con razon me venci.
En aquella mi agonia,

Ya no me quexo: mas digo,
Quando fue la priſion mia,
Quien ayudarme podria,
No ſiendo nadie comigo?
Y aùn eſto no abaſtó,
Que harto mal era por ſi,
Que a mi me faltaſſe yo?
No fuy comigo alli, no?
Y vos, y yo contra mi.
Que diran a tal concierto
Sin mas dilacion cumplido?
Entr'ambos me auemos muerto
Vos porque no ſé, mas cierto
Yo por aueros querido.
Lo mas como lo ſabré?
Que en aquel punto ordenado,
Que a vos los ojos alcé,
A mi deſamado me he,
Y vos a mi deſamado.
En el mal quando acontece,
Es conſuelo el ſer forçado,
Tambien eſto aqui fallece
Que juntamente parece
Con vueſtra fuerça, y mi grado.
Fuerça, en que no conſentiſtes,
Mas vueſtro poder ſabido,
En que venceis quanto viſtes,
El, y los mis ojos triſtes,
Auemos a mi vencido.
Que lagrimas, y que ruegos,
Alcançaran vn abrigo
En tantos deſaſſoſſiegos?

Pues

Pues acendi los mis fuegos,
Y pues fuy mi enemigo?
Es la razon natural,
Que cada vno ſea por ſi,
Que a los otros ſeré qual,
Para mi fuy, ſe hize mal,
En darme como me di.
Todos andan a ſu prouecho,
Yo ſolo a mi mal me obligo,
Por mayor que es el deſpecho,
Pero de tan crudo pecho,
Quien oſarâ ſer amigo?
Mas qué digo yo, oſarâ,
Mejor lo dixera anſi,
Qual peligro detendrà,
Aquel que huyendo và
Del enemigo de ſi?

OS ESTRANGEIROS,
COMEDIA.

AO IFFANTE CARDEAL
DOM ANRIQVE.

NO que V. A. manda, que ſe pode dizer mais? A Comedia qual he, tal vay, Aldeaã, & mal atauiada. Eſta ſó lembrança lhe fiz á partida, que ſe não deſculpaſſe de querer ás vezes arremedar Plauto, & Terencio, porque em outras partes lhe fora grande louuor, & ſe mais tambem lhe acoymaſſem a peſſoa de hum Doctor, como tomada de Ludouico Arioſto, que lhes poſeſſe diante os tres auogados de Terencio, dos quaes hum nega, outro affirma, o terceiro duuida, como inda cada dia acontece: aſſi que des aquelle temp vem ja o furto, não ſe enganem co nome de Doctor nouo, barbaro, & preſuntoſo, como ſaõ muitos titulos, aſſi dos eſcriptores, como das obras dos noſſos tempos, taõ differentes do comedimento dos paſſados, como foy o de Philoſopho dado por Pithagoras. Tullio com que ameaçaua

ja

ja ſeu amigo Trebacio, tamanho Iuriſconſulto, ſenam com as graças de Laberio? & Horacio com quantas de ſuas graças paſſa hum ſermão co meſmo Trebacio? a Comedia tão eſtimada nos tempos antigos, que al diſſerão aquelles grandes engenhos que era, ſenão hũa pintura da vida commum á dos Principes ſe repartio a Tragedia. Todos eſtes, & outros muitos inconuenientes eu paſſaua leuemente, o mais que arreceaua erão más interpretações a cada paſſo, ás quaes quem pode fugir, ſe té os hereges quantos ſaõ tambem trazem a Sagrada Scriptura em ſua ajuda interpretando mal, e o diabo tambem. A iſto tudo ouuera algum remedio, que era o do fogo, mas ao mandado de V. A. que farey? ſaluo obedecer, e pedirlhe que empare eſtes eſtrangeiros como fazem os grandes Principes, e de cujo emparo ſómente confiaõ os que vão por terras alheas. Eu não vou pedindo, ſaluo perdão, eſte pelo prouerbi Grego he deuido no começo das couſa. Noſſo Senhor ſua vida, e real eſtado, &c.

ES-

PESSOAS DA COMEDIA.

Amente mancebo.
Alda moça de seruir.
Dorio casamenteiro.
Deuorante truhaõ.
Petronio doctor.
Guido mercador.
Vidal seruidor.
Cassiano ayo.
Ambrosia velha.
Briobris soldado.
Callidio mancebo de seruiço.
Sarjanta molher de serviço.
Galbano velho.
Reynalte velho.

A pessoa da Comedia faz o Prologo.

PROLOGO.

Estranhaisme, que bem o vejo, que ſerá? que não ſerá? que entremes he eſte? foy gram dita que não apodaes ja, mas não ha de falecer quem me arremede. Os Portugueſes ſois aſſi feitos logo polla primeira, deſpois dareis o ſangue dos braços. Agora parece que me eſtranhão ainda mais, pareceuos que não diz a falla cos trajos? Eſperaueis delles algũs triques troques, ora me ouui, diruoshey quem ſou, donde venho, & ao que venho. Quanto ao primeiro ſou hũa pobre velha eſtrangeira, o meu nome he Comedia, mas não cuydeis que me aueis por iſſo de comer, porque eu naci em Grecia, & lá me foy poſto o nome, por outras razões que não pertencem a eſta voſſa lingoa.

goa. Alli viui muitos annos a grande meu ſabor, paſſaraõme deſpois a Roma pera onde então por mandado da fortuna corria tudo. Hi cheguey a tanto que me não faleceo hum nada de ſer Deoſa: deſpois a grandeza daquelle Imperio que parecia pera nunca acabar, todauia acabou. E aſſi como a ſua queda foy grande, aſſi leuou tudo conſigo, alli me perdi eu com muytas das boas artes, & ahi jouuemos longo tempo como enterradas, que ja quaſi naõ auia memoria de nos, té que os vezinhos em que d'uns nos outros ficára algũa lembrança cauarão tanto que nos tornarão á vida, maltratadas porem, & pouco pera ver. Agora que ja hiamos (como dizem) ganhando pés, ſentionos logo aquella noſſa imiga poderoſa que nos da outra vez deſtroyra, foyſe là, pos outra vez tudo por terra. Bem entendeis que digo polla guerra imiga de todo bem. Venho fugindo, aqui neſte cabo do mundo acho paz, não ſey ſe acharei aſſoſſego. Ia ſois no cabo, & dizeis ora não mais, iſto he auto, & desfazeis as carrancas, mas eu o que não fiz atégora, não queria fazer no cabo de meus dias, que he mudar o nome. Eſte me deixay por amor da minha natureza, & eu dos voſſos verſos tambem vos faço graça, que ſaõ forçados daquelles ſeus conſoantes. Eu trato couſas correntes, ſou muito clara. Folgo de aprazer a todos. Direis vós que naõ he muito boa manha de dona honrada: direis, que Portugueſes ſois. Finalmente a mim nunca me aprouue-

uerão efcuridões, nem fallo fenaõ pera que me entendaõ, quem al quifer não falle, & tirará de trabalho a fi, & a outrem. Muitas contas vos dou de mi logo de boa entrada, cuydaueis que não auia de trazer de molher fe não o trajo? ora viftes que tambem trouxe a lingoa. Agora fabey que inda auemos de fazer hum caminho longo. Ia ouuirieis fallar de Palermo cidade nobre em Cecilia, hi vos ey de dar a moftra da minha tenda, porque lá fejais tambem eftrangeiros. Cuidais que gracejo? O meu poder he mór do que polla ventura cuidais, não me tenhaes em pouco por me verdes affi tão conuerfauel, não fe moua ninguem, affeguraiuos. Vedesnos em Palermo todos a faluamento. Ora daquellas cafas defronte fairá hum mancebo Valenciano por nome Amente, a efte fegue hum feu ayo que o vigia quanto pode, & d'eftes, & d'outros fabereis o mais, que eu lhes mandey a todos que fallaffem Portugues, & porque ouçaes cos corações repoufados, eu vos tornarey donde vos trouxe, ja fabeis que o poffo fazer. Ouui, & fauoreceyme.

ACTO

ACTO I.

Amente mancebo. Cassiano ayo.

Amente.

Ia vens apos mim Cassiano? que me queres? por vida se pode auer hum tão pesado captiueiro?

Cassiano.

Captiueiro chamas tu ao teu remedio? Assi fazeis vosoutros a tudo, mudaes os nomes como quereis, & ficaes contentes: eu, Amente, eu sou o captiuo, que me trazes sempre apos ti por onde queres.

Amente.

Ainda os escrauos tem oras liures, tem suas festas, eu sempre ey de jazer debayxo deste jugo? que me queres? queresme acabar de matar?

Cassiano.

Mas tu que queres? quereste acabar de perder? ó Amente, quão mal te ensinou a minha mansidão.

Amente.

Como? sempre ey de ser menino?

Cassiano.

Agora te he a ti mais necessario o teu ayo, que nunca.

Amente.

Não me dirás que me queres?

Cas-

CASSIANO.

Guardarte que este he o meu cargo, como me encomendou teu pay.

AMENTE.

De que me has de guardar?

CASSIANO.

Da tua doudice, pois queres que t'o diga.

AMENTE.

Cuydas que te ey de fugir?

CASSIANO.

Não andas tu nesses tratos. De Palermo não fugirás tu, mas de mim si. Ora ja que tu fazes o que não deues, deyxame a mim fazer o que deuo.

AMENTE.

Que desauentura tamanha foi a minha!

CASSIANO.

A boa companhia, & bons conselhos de seu ayo, chama este ora captiueiro, ora desauentura, não suspires, creme que te ey de seguir como a tua sombra.

AMENTE.

Essa não me segue polo escuro, & tu si. Mas não estemos mais nestes debates, antes me tornarey a casa, hi que mal posso fazer? tu guarda a porta se quiseres.

CASSIANO SÓ.

Hi lá tomar cuidado de filhos alheos. Onde ha isto de ir ter? Que se fez do acatamento que estes moços sohião de ter a seus ayos? que não sómente lhe ousauão de leuantar os olhos. Agora vedes em que mundo somos, que ás

ve-

vezes vos cumpre fazer que não vedes, & outras que não ouuis. A doudice não sabe ter meyo. A tanto saõ chegados, que gracejão, & dizem que ja se não costumaõ ayos, como se fossem trajos curtos, ou longos, & dos velhos dizem que cantão por hũa corda, & por sabòrdão. ó pois que musica a sua delles, & que contraponto! muitos escarneos, muitas mentiras, pouca verdade, menos vergonha. Beijãovos as mãos cem mil contos de vezes, cedo hão de beijar tambem os pés como ao Papa, se elle não acode por seu estado. Entregãosevos por escrauos cos ferros nos pés, & cos ferretes nas testas, então quando os requereis, foy a mór mofina do mundo, porque aquillo só não podem. Ora da outra parte cotejay o canto chão dos nossos velhos, o seu si, pollo si, pollo não, não, o seu rego vay, rego vem, o seu dizer, & fazer, qual aueis por melhor musica? Digouos em boa verdade que o d'agora tudo parece escarneo quanto vedes, porem naõ se lancem os pays de culpa, que os crião tanto na vontade. Todos somos enfeitiçados co estes filhos, despois que os danão, encomendaõnolos. Quanto ha que partimos de Valença, hiamos pera Rhodes, nosso amo quisera encostar este filho áquella Religião, estando aqui esperando passagem, vierão nouas do cerco. Agora ja dizem mais da tomada, temos gastado muito do tempo, & o dinheiro todo. Este moço namorouseme aqui, & perdeo o siso, eu ando em vesporas de perder tambem o meu co

el-

elle, tenho efcripto a feu pay que acuda, efpero fua repofta, entre tanto ando affi tendome ao mar. Efta doudice dos amores nace de ociofidade, & nella fe mantem, efta ao menos lhe queria tirar, & por iffo o perfigo co a minha prefença, ao menos não falará tanto co aquelle feu grande priuado Callidio.

ALDA MOÇA DE SERUIR. AMBROSIA VELHA.

ALDA.

Affi hi como dizes minha tia Ambrofia, mas andemos mais, que faço ja grande detença.

AMBROSIA.

Bem dizes, Alda filha, fe eu podeffe, mas vou muito carregada.

ALDA.

De que tia?

AMBROSIA.

D'oytenta annos que trago ás coftas, & pefaõ muito.

CASSIANO.

Aa mingoa daquella carrega, anda meu criado Amente taõ leue.

ALDA.

Mal he effe que todos defejamos.

AMENTE.

Com muitos outros de companhia que tu naõ dizes.

ALDA.

Que tais?

AM-

Ambrosia.

Estes homens filha principalmente.

Alda.

Gracejas tia?

Ambrosia.

Gracejar dizes? Antes te esconjuro mil vezes que te não ponha ninguem medo com outras almas peccadoras.

Alda.

Não seraõ todos tão maos.

Cassiano.

Ia aquella jaz. Medo ey que a velha acuda ja tarde ao arroydo.

Ambrosia.

Todas queremos fazer essa experiencia de nouo, então filha quantos queixumes?

Alda.

Ditosa he logo esta tua Lucrecia, que tantos aqui andaõ bebendo os ventos por ella.

Ambrosia.

Assi queira Deos que naõ se solte tudo em ventos.

Cassiano.

Como velha pratica, & sesuda.

Alda.

He o Doctor Petronio taõ rico.

Ambrosia.

Bem o sey, mas tu dizes taõ rico, & naõ dizes taõ caluo.

Alda.

Diz que a tomará em camisa. —

Cas-

CASSIANO.

E se vierem aos lanços, meu criado Amente a tomará nua.

ALDA.

E a isso cuido que es agora chamada, porque o Doctor aperta muito.

CASSIANO.

Que me matem se esta naõ he a paixaõ em que agora anda o doudo de meu criado Amente.

AMBROSIA.

Aquelle dom Abbade tio de Lucrecia, Religioso como elles soião de ser, tanto lhe deixou do seu, que Betrando a pode casar sem lho custar nada, e mais com tal ajuda de Deos como he parecer seu, e o siso.

ALDA.

Lá saberas tudo, não façamos mais detença.

CASSIANO SÓ.

Se esta moça verdade conta, empresto eu a nosso amigo hũs poucos de maos dias com suas noites, que o negocio de Doctor he de siso, naõ pera elle, mas pera Betrando, & pera a moça tambem, se ella he sesuda como diz a velha, fallo como se costuma de fallar, que todos nos lançamos a este proueito do Doctor, crede se a colhe ás mãos, que elle terá cuidado de fechar suas portas, & janellas a tempo, então deixay vós ao doudo rodear a casa, & sospirar toda a noite, vós todauia não duuideis, que entre tanto o sono não preste mal ao coy-

tado do velho, & deſconfiado. Ah que queremos forçar tudo, & a natureza tambem. Velho namorado com moça fermoſa, e empolada, não ha hi pera dous dias, deſpois não lhe ha de falecer outro melhor empenado, com quem logre o que lhe o velho deixar por ſua alma tanto ás ſuas cuſtas. Mas deixemos a cada hum fazer ſuas contas, & cuidar que as acerta, prouueſſe a Deos que viſſe ja o caſamento feito, o Doctor entraria em fadiga, eu polla ventura ſayria della.

DORIO CASAMENTEIRO. CASSIANO AYO.

DORIO.

Até quando traremos nós ao peſcoço eſte jugo dos Eſpanhoes? até quando jaremos neſte ſono, & neſte eſquecimento da noſſa liberdade?

CASSIANO.

Tambem eſte vem bracejando, & fallando conſigo.

DORIO.

Quando lhe cantaremos nós outras veſporas Cecilianas como fizemos aos Franceſes? venha (como dizem) o diabo eſcolha, todauia o Frances roubate, & conuidate, o Eſpanhol ſempre quer ſenhorear, como ſe pode ſofrer tanto ſenhor Capitão?

CASSIANO.

Coytados que neſte murmurar nos mantemos.

Do-

DORIO.

Se a terra deſtes he como elles dizem, que buſcaõ na noſſa? ó ilha taõ abaſtada, & tão rica por teu mal? Mas vejo quem buſcaua.

CASSIANO.

A mim ſe vem, não o conheço, que me quererá?

DORIO.

Senhor meu, quando o aſſi por bem ouueſſes, releuame muito ouuiresme duas palauras.

CASSIANO.

Naõ digo eu duas, mas duas mil, ſe tantas mandares.

DORIO.

Polla tua humanidade, & corteſia: Ora a mim me chamaõ Dorio, naõ ſey ſe me conheces, mas ſou muito conhecido neſta cidade, por tratar meu officio muytos annos ha com grande limpeza, & fialdade.

CASSIANO.

E que officio he o teu?

DORIO.

Grande, & de muyta confiança.

CASSIANO.

Que tal?

DORIO.

Caſamenteiro, a ſeruiço de Deos, & dos bons.

CASSIANO.

Pera tratar tamanha, & taõ ſancta couſa

como he o caſamento, naõ ſe podia eſcolher ſaluo peſſoa das calidades que deue d'auer em ti.

DORIO.

Naõ pollo eu merecer, mas faço todauia polo naõ deſmerecer. E vindo ao meu caſo, digo que viuendo eu aqui em paz, & amor de todos, ſeruindo meu officio como todo mundo ſabe, agora ja no derradeiro quartel da vida, hum mancebo de que me dizem que tens carrego anda de todo poſto em me matar.

CASSIANO.

Matar, ou como?

DORIO.

E mais ſobre meu officio.

CASSIANO.

Quem te diſſe tal?

DORIO.

Muitos, e antre os outros elle meſmo.

CASSIANO.

Contamo.

DORIO.

Paſſando por mim ameaçoume mordendo hum dedo da mão, & dizendo não ſey que palauras.

CASSIANO.

São braburas de Palermo.

DORIO.

Hi vé homem cada dia matar muitos.

CASSIANO.

Inda eſſe que dizes tem por matar o primeiro.

DORIO.

Não queria que começaſſe em mim.

CASSIANO.

Iuſtiça ha na terra.

DORIO.

Deſpois d'eu morto quer a aja, quer não.

CASSIANO.

Não que a ſua pelle te guardará a tua.

DORIO.

A muitos a não guardou, que ſey eu de quaes ſerey?

CASSIANO.

Naõ cuides ſómente neſſe cachoparrão.

DORIO.

Eſſes, ſenhor meu, ſaõ os que eu arreceo, que naõ os velhos, ſeſudos, lançadores de contas. Ando aſſi como vés mettido neſte mantão, hũa mão ſobre a outra, que mais he matarme a mim que a hũa ouelha?

CASSIANO.

E porque ha de matar ninguem eſſa ouelha?

DORIO.

Hũs pella laã, outros pella pelle.

CASSIANO.

Conhecelo tu bem?

DORIO.

Aſſi o não vira nunca, nem elle a mi.

CASSIANO.

Por te pôr eſſe medo te ameaçou? agora ſe a ti foſſe andaria eu mais ſeguro.

DORIO.

Amigo, & ſenhor meu, mais gente mata o deſcuido, que os cuidados. He me neceſſario dar mil voltas á cidade de dia, & de noite, digote que ey medo aos acontecimentos, quanto mais aos propoſitos.

CASSIANO.

Tenslhe feito algum agrauo?

DORIO.

Naõ que eu ſayba.

CASSIANO.

Que te diz o coração?

DORIO.

Não me ſey affirmar, mas pode ſer que por ir á caſa de Betrando, onde ja não vou, no que recebi a perda que Deos ſabe.

CASSIANO.

De cujo mandado hias lá?

DORIO.

Iſſo naõ poſſo dizer, que ſão ſegredos do officio, que tenho.

CASSIANO.

E a eſſe teu matador que lhe vay niſſo? Que has, porque coſpes?

DORIO.

A longe vá mao agouro.

CASSIANO.

Porque lhe chamey teu matador? callate que naõ te ha por iſſo de matar.

DORIO.

As vezes ſe dizem as palauras em tal conjunçaõ.

CAS-

Cassiano.

Grandes arreceos trazes a esta tua vida.

Dorio.

Tenho necessidade della pera mim, & toda minha gente.

Cassiano.

Que lhe vay a esse mancebo nisso?

Dorio.

Naõ sey, elle o saberá.

Cassiano.

Ora Dorio amigo meu, quanto aó medo naõ sey que te faça, que naõ he em mi tiranto, no mais farey çuanto em mi for, naõ te posso prometer mais.

Dorio.

Nem eu pedirte mais, & porem isso te peço muytas vezes.

Cassiano.

E eu muitas to prometo, descansa que nãó será nada.

Dorio.

Assi queira Deos.

Cassiano.

Este doudo em que anda cuida que pelas suas ameaças ha elle de ficar por casar. Hũa ora do dia que se me furta, logo deixa rasto por onde vay, que faria se lhe eu tanto naõ desse em que entender. Ouue dó do peccador que se dá por morto, & tremiãolhe os beiços que badalejaua. Ora me deixay co doudo que por isso o ey de perseguir mais. Isto ganhará co as suas ameaças, quero ir ver o que faz.

ACTO

ACTO II.

Briobris Soldado. Devorante Truhaõ.

Briobris.

Assi que me tendes aqui catiuo em Palermo em tempos de paz , & terra de Chriſtaõs ?

Devorante.

São obras do Amor , que ja fez a Hercules conquiſtador do mundo fiar , & debar.

Briobris.

E eu que achandome na de Rauena , Chirinola , Vicença , Milão que vieſſe aſſi a cayr nas mãos d'ũa moça ; que te parece ?

Devorante.

Aſſi contaõ que ſe toma o Alicorne animal taõ brauo.

Briobris.

E aſſi aconteceo a Roldaõ , & Reynaldo.

Devorante.

E ontem a el Rey Carlos o da cabeça grande em Piamonte.

Briobris,

Naõ ſou acuſtumado a ſofrer deſejos.

Devorante.

Acoſtumate por amor de mim , que os amores de ſeu natural ſaõ brandos , & queremſe por bem.

Briobris.

Arrenego deſtas voſſas branduras , tenho

nhome co'a guerra, onde ſe tudo faz por força.

DEUORANTE.

Falla mais ſem payxaõ, que te demudas, & fazeſme auer medo.

BRIOBRIS.

Eſſe mal tenho, ſou temeroſo.

DEUORANTE.

O que d'outra parte es mais gracioſo que a meſma graça!

BRIOBRIS.

Porem quando me vem eſta paixaõ perdoay. Se me viras no campo?

DEUORANTE.

Ahi dão os homens teſtemunho verdadeiro de quem ſaõ.

BRIOBRIS.

Digo que ſe me lá viras. Andaua mais acompanhado que o Capitão. Elle morria d'enueja, & eu naõ morria d'abafar. Conteyte ja dos toques que lhe dey?

DEUORANTE.

O da Temuda?

BRIOBRIS.

E eſſe não foy mao, mas primeiro te ey de contar d'outros Anjos coſidos.

DEUORANTE.

Que aramá lá fuy? Cuidey d'atalhar, e rodeey, apos eſtes viraõ os fritos, & deſpois os aſſados.

BRIOBRIS.

Eſte capitaõ tocaua no Tribu de Iudá, e co-

como disse, tinhame grande enueja, polo qual mastigaua, & grosaua ditos meus, que todos trazião na boca, polo qual eu a hum proposito naõ fallando mais com elle, que cos outros disse hũ dia. Naõ se ha aos supitos de buscar a escama detras a orelha.

DEUORANTE.

Ha, ha, ha.

BRIOBRIS.

Que ouueste?

DEUORANTE.

Naõ he pera ninguem brincar contigo como dizem do ferro. E os outros?

BRIOBRIS.

Torciãose todos. Mas quem te disse o da Temuda.

DEUORANTE.

Mil pessoas que o sabem, & o contaõ entre outras graças tuas. E elle mesmo foi o que m'o contou, mas que ey ja de fazer?

BRIOBRIS.

Este mesmo Capitaõ trazia amores em parte que me hia nisso algũa cousa. A dama chamauase Temuda: mas que auia o diabo de fazer? Viemonos hũa só noite a encontrar em hum lugar escuso, elle rebuçouse, mas eu ao passar disse. Pera que he andar taõ temudo?

DEUORANTE.

Destruysteo. Esse homem como senaõ foy logo lançar n'um poço?

BRIO-

BRIOBRIS.

E iſto em dizendo fazendo.

DEUORANTE.

Saõ graças naturaes que Deos reparte por quem quer bem.

BRIOBRIS.

Naõ o digo por me gabar, mas quantas vezes me aconteceo não me darem ſómente vagar com requerimentos de cartas d'amores, hũs a hum propoſito, outros a outro?

DEUORANTE.

Quais auias por mais trabalhoſas?

BRIOBRIS.

Ás primeiras.

DEUORANTE.

Como Meſtre.

BRIOBRIS.

E aſſi d'ũas, como d'outras os começos, que deſpois hũa palaura leua a outra por hũa maneira noua que ora deſcobrimos, que tudo ſe vay apurando cada vez mais.

DEUORANTE.

Ficartehião os treslados que leremos ſobre meſa.

BRIOBRIS.

Nunca as guardo, mas lembrame hum começo, & dizia aſſi. Nas ondas deſtas lagrimas que me leuão aſſi na ſua corrente, naõ tem eſtes meus olhos outro Norte, porque ſe rejaõ ſenaõ os teus.

DEUORANTE.

Ay, ay, que farey? Iſſo naõ ſe ſofre.

BRIO-

Briobris.

Outra.

Deuorante.

Dará cento como relogio mal concertado.

Briobris.

Os enganos ſenhores da vontade fazem o que querem de mim, & eu naõ quero acabar de entender o que entendo, e fico aſſi como em mares encruzilhados onde a força não esforça, nem gouerna o gouernalhe.

Deuorante.

Buſca quem te aguarde taes pancadas, que eu naõ poſſo.

Briobris.

Pois ſe quiſeſſes que te eſmiuçaſſe iſto pelo meudo.

Deuorante.

Fugirey quanto poder, taõ endiabrado es por bem, como por mal.

Briobris.

Aſſi haõ de ſer os homens, & naõ como eſtes frieirões, que naõ ſaõ peixe, nem carne. Outra. No meyo dos deſejos naõ acho cabo, no cabo não acho meyos: tal auiamento acho pera o meu deſauiamento, e tal eſperança pera o cabo da deſeſperação.

Deuorante.

Finalmente pera eſta tua nauegaçaõ tudo o mais temos, a moça ſó nos falece, eſta buſquemos.

Briobris.

Naõ ſe pode errar que naõ ha outra em Paler-

lermo, como em Palermo? como em Palermo? naõ ha outra no mundo. Aqui achey, aqui perdi, aqui me perdi.

DEUORANTE.

A bom ſancto te encomendaſte, eu te tornarey a achar.

BRIOBRIS.

Os cabellos como fio d'ouro, os olhos verdes que eſchamejauaõ.

DEUORANTE.

Tais que te fartaraõ os teus?

BRIOBRIS.

Mas tais que mos deixaraõ famintos pera ſempre.

DEUORANTE.

Ora cortame eſte peſcoço, & acaba. Que mais poderá dizer hum Mancias?

BRIOBRIS.

Pois ando pera me enforcar como vés.

DEUORANTE.

Não faças por amor de mim que he couſa de que te arrependerás.

BRIOBRIS.

Nunca fiz couſa de que me arrependeſſe.

DEUORANTE.

E eu cada dia, & cada ora. Vamonos a jantar, ficarnosha tempo pera os negocios.

BRIOBRIS.

Naõ o haõ inda de ter preſtes, eu vou a dar preſſa, & terey cuydado do teu mantimento, tu tem cuydado do meu.

DE-

Deuorante.

Es hũa fonte perenal de eloquencia, nunca te acabaraõ d'esgotar.

Briobris.

Pois creme que naõ anda aqui hum terço de mim.

Deuorante só.

A que tempo me Deos deparou este soldado? que não achaua ja aqui hũa vez d'agoa. Neste mundo tudo saõ começos. Foyme bem huns dias, agora andaua ja ás moscas. Cada tarde me assentaua sobre hum penedo a diuisar dali o mundo, & dando ao papo como francelho manso, olhando pera onde tomaria o voo. Trabalhoso officio este nosso, que tem sempre o mantimento em mãos alheas. Muito bem me dizem dos Gallegos, & tem razaõ, que nunca em al fallaõ segundo me dizem senaõ em comer, & beber. Nunca se vio taõ roim mundo, o dizer bem das pessoas he cousa fria, & ainda desaprazíuel, o dizer mal he perigoso, quem quereis que tome hum porto taõ estreito? & por inda ser nossa mofina mayor, os mancebos seruidores das damas com quem era todo nosso ganho, vierãosenos a fazer mais graues que seus pays. Ó joyas, joyas quem tiuesse bem de comer pera se rir de vos, como hi naõ ouue amores, não ouue homens, com elles se foraõ as canas, os touros, as justas, & finalmente a liberalidade, nosoutros ficamos como sinos em castello despouoado tangendo as gralhas, & assi ja

eu

eu era (como digo) na eſpinha, lembrouſe Deos de mim, & acodiome com eſte ſoldado apetitoſo, conuidador, mais vão que a meſma vaydade, nas armas hum Roldão, mais fermoſo, & mais namorado de ſi meſmo que Narciſo, mas a mim que ſe me dá? vem da guerra, & deſtes ſeus a que chamão ſacos, onde roubão a Deos, & aos ſanctos. Vos porem vede como fallais, & naõ lhes chameis roubos, ſenão olhay por vos, ſacos ſi quantas vezes qũiſerdes. Quem me mete a mim com ſeus pontos de honra? venha donde vier, ganhaſſeo como quiſeſſe, ſou polla ventura ſeu confeſſor? come, bebe, joga, & he de molheres, aquelles tais ſaõ os meus homens. O mal ganhado mal ſe ha de deſpender. Viuamos todos. He de louuaminhas: fartoo dellas. Quer contar ſuas mentiras, aparelho os ouuidos, enchoo de vaydade, & elle a mi que naõ ſou taõ eſpiritual, encheme diſſo que ſe vende na praça, ſeja nas boas oras, trato he em que elle põe dinheiro, & eu palauras, dure o que durar. He enfadonho? Não ha logo de ſer tudo como homem quer; e de que me podem melhor ſeruir os meus ouuidos, & a minha lingoa, que de me ganharem de comer? A moça não vos ha de ſer outra ſenão eſta Lucrecia, pera quem agora toda a cidade ſe embica. Guarda de eſcandalizar ninguem por ninguem, que as obrigações eſquecem logo, as magoas nunca, lá ſe auenhão, que eu não me mantenho d'olhos verdes quando me veredes. A mór ſciencia que

no mundo ha assi he, saber conuersar cos homens, bom rosto, bom barrete, boas palauras não custão nada, & valem muito, & assi quem sabe de tudo isto faz bom barato, os paruos daruoshão antes dinheiro, e eu antes o queria. Isto não se aprende em Paris. Voume a comer.

Cassiano só.

Meu criado como me sintio em casa dissimulou & partio, verdadeiramente o mais certo preso he quem guarda o preso. Achei esta carta pareceme que lhe cahio co'a pressa: letra de molher he, deue de ser da moça, quero ver o que diz. (Naõ sei porque folgas fazer tanto mal a ti & a mim) Bem me podera esta moça tambem aqui meter no começo desta carta. (Que te perdes & naõ olhas com quanta perda minha querendome obrigar co isso.) Milagres saõ que as fermosas fazem a que se naõ pode dar razaõ. (Em pago de me pesar do teu mal, queres ser causa do meu) Mais pesa a seu ayo, & mais pesarà a seu pay quando o souber. (Olha que ainda se pode remediar tudo) naõ a bolsa que trouuemos que arqueja, & tira quanto pode polo folego. (Differaõme de tua parte que naõ querias mais que este meu desengano, ahi o tens.) Que fará agora Amente senaõ irse deitar naquelle mar assi desenganado? Quanto melhor remedio fora não lhe dar nunca olhos, nem ouuidos, mas isto por boas filhas que ellas sejão, não lho mandeis, que lhe manda o

seu

ſeu natural outra couſa. O artificio com que ſe já tudo diz, & faz, & digo em mayores caſos. Mas he elle o que lá vem? Eſſe he. Bem ſabia eu que eſta carta m'o auia de tornar à mão, querolha ir pór onde a ache, não acabe de ſair de ſeu ſiſo (ſe iſto ſe pode dizer por quem já naõ tem nenhum.

AMENTE SÓ.

Não paſſa aſſi o peſar. Quaõ pouco ha que ſahi daquella caſa com tanto prazer, vendome livre de Caſſiano, eiſme agora torno por mi meſmo á priſaõ, de que fugia, co'prazer de todo perdido, & a carta pouco menos, & mais a que tempo! quando me ja naõ ficaua outro bem, outro deſcanſo, outra nenhũa conſolaçaõ, ſaluo aquellas poucas regras. Cuydey que a leuaua no ſeo ſobre o coração, donde a nunca tiraua, elle foi o que achou menos, queriame ſaltar fora do peito, fezme tornar em ſua buſca. Mas he aquelle Callidio? queroo eſperar, naõ ſey que nouas trará. Co'a cabeça bayxa vem, naõ he aquelle o ſeu coſtume, acabem ja de me matar os amigos, & os inimigos.

CALLIDIO. AMENTE.

CALLIDIO.

Quem concertará tantos deſconcertos? Digouos que cuydo, & cuydo, & naõ lhes poſſo achar ſayda.

AMENTE.

O que ahi naõ ha, como ſe pode achar?

CALLIDIO.

Eſtes namorados naõ viuem ſenaõ d'eſperanças.

AMENTE.

Que aſſi ſaõ ellas muy ſaboroſas.

CALLIDIO.

Olhay que peças: Doctor honrado, & rico, os dedos cheos de aneis.

AMENTE.

Pera mal vai eſte conto. Callidio, Callidio.

CALLIDIO.

E o negocio eſtá em Betrando taõ ſeſudo, & taõ peſado.

AMENTE.

Callidio? ouueſme? vem cá, ſoubeſtes mais algũa noua?

CALLIDIO.

Falley com Alda.

AMENTE.

Com Alda? & que te diſſe?

CALLIDIO.

Que o Doctor apertaua muito o negocio.

AMENTE.

E de Lucrecia?

CALLIDIO.

Que naõ trazia roſto de contente.

AMENTE.

O que farey a eſtes roſtos, que taõ aſinha ſe mudaõ? Que diſſe de Betrando?

CALLIDIO.

Que calla, & paſſea.

AMENTE.

E a molher?

CALLIDIO.

A ambas as mãos pollo casamento.

AMENTE.

Naõ he sua filha.

CALLIDIO.

Nem he ella a que ha de casar, & dá tantas razões taõ sesudas. Ia sabes que cousas saõ molheres.

AMENTE.

E tu ja sabes que se naõ faz em casa senaõ o que ellas mandaõ.

CALLIDIO.

Mal peccado.

AMENTE.

Dissete mais algũa cousa?

CALLIDIO.

Que hia em busca de Ambrosia a velha, que criou Lucrecia.

AMENTE.

Pera que triste de mim.

CALLIDIO.

Pregunteylho, mas deu aos ombros.

AMENTE.

Que sospeitaua.

CALLIDIO.

Mal.

AMENTE.

E mal será, que assi acontece as mais das vezes.

CALLIDIO.

Que preſſa he eſta tua, & mais pera caſa donde ſempre foges?

AMENTE.

Pera que queres ſaber mais das minhas deſauenturas? furteyme de caſa com tamanho açodamento, que perdi aquella minha carta que ſabes. Eu hi adiante acheya menos, foyme como achar menos o coraçaõ, torno em ſua buſca, deixame ir ſó.

DEUORANTE. CALLIDIO.

DEUORANTE.

Entaõ deixay vos frades bradar do pulpito, & bracejar que naõ ha hi dias aziagos.

CALLIDIO.

Mao roſto traz, ſerá com fome.

DEUORANTE.

Ditoſos homens que ſe lhes cré quanto dizem.

CALLIDIO.

Ando magoado de lhe ja ninguem crer couſa nenhũa.

DEUORANTE.

Que oras eſtas pera andar inda em jejum, inda que fora dia de jejum.

CALLIDIO.

Bem me parecia que dalli vinha a toce ao gato.

DEUORANTE.

Todos fartos, & cheos, entaõ querem gracejar, que me anda o diabo atentando pera fazer hũa doudice, entaõ vereis como logo to-

todos me daõ o corro, como dizem do touro.

Callidio.

Pois quanto á mingoa da boa cornadura naõ fique.

Deuorante.

Cuydey de achar ja o meu ſoldado á meſa, & hia lambendo os beyços d'ante maõ, ſenaõ quando eu vejo que me eſtaua aguardando á ſua porta hum tauerneiro, a que ſou em diuida d'algũs marauedis, olhey mais, & vejolhe hum beliguinaz ao lado. Hialhe a cayr nas mãos. Quanto val hum homem acordado, deſcobrios d'hũa legoa, deſuieyme entaõ por outra rua eu lá, aleuantauaſe hum arroydo como barborinho em tardes de veraõ, lanças, pedras, eſpadas, naõ ſey como ſahi viuo.

Callidio.

Vaſo mao nunca quebra.

Deuorante.

Hum jantar que te Deos miniſtra, quantas couſas te eſtoruaõ?

Callidio.

Pois ainda o meu quinhaõ te eſtá cá guardado.

Deuorante.

De que te aproueita ſer ſeſudo antre tantos doudos. Iudeu ouueras de dizer que naõ ſeſudo.

Callidio.

O meu grandiſſimo amigo Deuorante, quanto ora folgo contigo.

Deuorante.

Eſte me direis vos a mim que naõ he dia aziago?

Cal-

CALLIDIO.

Que he iſſo que aſſi vens de má graça? naõ era eſſe o teu coſtume.

DEEORANTE.

Deixayme paſſar que naõ ey contigo nada.

CALLIDIO.

Que te fiz? algũa agulha ferrugenta ſe metteo entre nós.

DEUORANTE.

Requeirote da parte de Deos que me deixes ir em paz. Naõ ſejas aqui oje o meu peccado.

CALLIDIO.

Eſpera que logo te auiarey.

DEUORANTE.

Que me queres?

CALLIDIO.

Dous toques de trouas d'improuiſo que tens niſto gracia *gratis data.*

DEUORANTE.

Naõ hia eu ora cuydando em al.

CALLIDIO.

Tanto mais d'improuiſo.

DEUORANTE.

Se es quebrado, ou ſe es inteiro,
Que aſſi vas aos folles dando;
Das á cabeça eſcornando,
Se es touro, ou velho ſindeiro?
Eras pera alfeloeyro,
Que vay caſcaueis tocando,
Bem ſei que foſte apalpando,
Mas naõ es bom chocarreiro.

CAL-

CALLIDIO.

Ora o fizeſtes como quem es, & mais pellos conſoantes outra ora te conuidarei, ja podes paſſar.

BRIOBRIS. DEUORANTE.

BRIOBRIS.

Paſſaõ as oras do comer, o jantar danaſe, graõ força de negocio detem a Deuorante.

DEUORANTE.

Quando me auerey eu dentro naquella caſa, que me oje tantas couſas defendem, mas vejo o meu ſoldado.

BRIOBRIS.

Que detença foy eſta? ouue quem te fizeſſe algum deſprazer?

DEUORANTE.

Ia me conhecem por teu, digote que naõ querem prouar como pões as mãos, & o ferro.

BRIOBRIS.

E o fogo inda deueras de dizer.

DEUORANTE.

E o fogo tambem.

BRIOBRIS.

Que naõ ha muito que eu chamuſquey hũs poucos de villãos por hum deſprazer que me fizeraõ. Nem ſaberas como eu jogueto d'arcabuz.

DEUORANTE.

Saybaõno teus inimigos.

BRIOBRIS.

E dos ſoldados deſta voſſa guarda de Palermo.

DE-

Devorante.

Si, de como os desbarataste.

Briobris.

Com hũa só palaura queres tu passar por tamanho feito?

Deuorante.

Isso seria se as muitas abastassem.

Briobris.

Bem disseste. Como es auisado.

Deuorante.

Vou aprendendo de ti?

Briobris.

E do vsso tamanho, & taõ medonho que me dizes pois o viste?

Deuorante.

Sabes que entaõ differaõ todos?

Briobris.

Que por tua vida?

Deuorante.

Que se apalpara o vsso com o Liaõ.

Briobris.

Ha, ha, ha. Ora nunca vi melhor dito de pouo.

Deuorante.

Assi diz o pouo que nunca vio milhor feito de hum homem só.

Briobris.

Nem de dez.

Deuorante.

Nem de vinte: ó Senhor Deos que naõ fará dizer a fome? Naõ sey pera que foraõ mais polés, nem mais dados na testa, aquelle he hum

hum vſſo manſo que anda por eſſas ruas brincando.

Briobris.

Benzertehias quando me viſſes ſaltar a trauez taõ ligeiro.

Deuorante.

Eu taõ ayroſo. Mas tu naõ me perguntas por nada?

Briobris.

Ó meu amigo grande, como quem deſcanſa ſobre ti.

Deuoraete.

Naõ he pera as ruas couſa de tal ſegredo, & preço.

Briobris.

Entremos em caſa, lá ſaberas marauilhas, & eu tambem contarey das minhas,

Deuorante.

O demo diz a eſte que haõ de ſer mentiras por mentiras.

ACTO III.

Petronio Doctor.

SE noſoutros paſſamos tão aſinha, que podemos fazer que dure muito? *Tempus edax rerum tuque ò inuidioſa vetuſtas, omnia conſumitis.* Aquella tão antiga, & tão nobre cidade de Piſa em que naſci, he como poſta por terra pois perdeo a ſua liberdade, & os ſeus cidadães

dães eſpalhados pello mundo antes que ſe verem ſeruir aos Florentis ſeus imigos. Fizemos todos o que podemos, & o que deuiamos, agora que temos de Piſa ſenaõ pardieiros, & campos, *vbi Troya fuit*; como diz aquelle diuino Poeta? A mim coubeme em ſorte eſte Palermo, onde me magoão eſtas lembranças muitos annos ha, mas que farey? ſempre aſſi ey de andar gemendo? Ora quem viuer verá tambem a Florença a ſua pancada que quanto vay mais crecendo, tanto ſerá mais cobiçada. Não ſe começáraõ em nos, nem acabarão em nos, eſtes jogos da fortuna. Com iſto me vou conſolando, os homens da minha calidade per ſi ſe hão de curar, & ſenaõ em balde embranqueci ſobre os liuros, *Patria eſt ubicumque benè eſt.* O bom jugador eménda o lanço mao quanto pode co ſaber, porque naõ farey o meſmo? fezme o mao lanço eſtrangeiro a eſtes, eu me lhe farey natural co'as boas obras, co'a manſidaõ, & co ſaber, e mais ſe acabamos eſte caſamento como cuydo, cada dia eſpero por meu irmão, dizem-me que he arribada hũa nao de Poente, aſſentarnos hemos aqui ambos. Certo os homens naõ deuiaõ de fallar nas couſas do mundo ſenaõ deſpois de muita infinda experiencia, que ſegundo o Philoſopho, *eſt mater rerum.* Quantas contas tenho neſta vida feitas que me agora cumpre de riſcar! O caſamento a que tantas vezes chamey captiveiro acoſtumado, torno agora a ver que he couſa ſanctiſſima, & neceſſaria. Os filhos de

que

que tantas vezes ri c'os mesmos pays de como naõ sabem fallar, saluo nas suas graças, dey de nouo volta, & acho que saõ todo o gosto da vida, & da fazenda, & bem souberaõ as leys o que diziaõ em chamarem seus proprios herdeiros ponto alto, *& de apicibus iuris.* Quanto a casar por amores, & mais nesta idade, digo nella me he mais necessario algum contentamento, quando me os outros todos vaõ desamparando. Que diferenças de costumes! Aqui me deraõ dote honrado com Lucrecia, & logo defronte em Africa compraõ as molheres quem as quer, parece que naõ he má razaõ. Mas vejo eu a minha criada? Si vejo, nouas teremos.

SARGENTA. PETRONIO.

SARGENTA.

Duas sortes de homens ha no mundo que se possaõ seruir, ou muito paruos, ou muito namorados, e ainda os namorados tem grande ventagem. Quanto tempo ha que siruo meu amo sem me dar hum vestido, nem hũa boa palaura que custa menos.

PETRONIO.

Que dar de lingoa! grã caso este das molheres.

SARGENTA.

Vem o velho, & namorase, logo fuy vestida, & priuada.

PETRONIO.

Naõ a poſſo bem entender.

SARGENTA.

Nunca viſtes taõ boa gente, nem que aſſi ſe vos deixe enganar taõ leuemente.

PETRONIO.

Enganar, ou como? naõ ey aquella por boa palaura.

SARGENTA.

E mais Dorio fora ja do trato.

PETRONIO.

Nem tratos taõ pouco.

SARGENTA.

A verdade he apanhar.

PETRONIO.

Pior que pior.

SARGENTA.

Muitas merces á fermoſura de Lucrecia.

PETRONIO.

Todo eſtremeci ouuindo aquelle nome, de lá deue de vir, aſſi com elle na boca a quero chamar. Sargenta, Sargenta.

SARGENTA.

Huy aquelle he noſſo amo. Se me ouuiria, mas elle naõ ouue ja muito bem.

PETRONIO.

Vem ca, Sargenta, chegate mais a mim que te quero perguntar donde vens.

SARGENTA.

E logo te o coraçaõ diſſe donde?

PETRONIO.

Que marauilha? ſe elle ſempre por lá anda.

SAR-

SARGENTA.

E a mim me parece que o vi.

PETRONIO.

Folgo com isso muito. E pois que anda a minha alma fazendo por lá?

SARGENTA.

Espalhando trouoadas como sino de virtudes.

PETRONIO.

E parecete que fica o ceo despejado de todo?

SARGENTA.

Limpo como hum espelho.

PETRONIO.

Nem lá contra o Poente naõ enxergas nada?

SARGENTA.

Hũa pouca de neuoa, & vento.

PETRONIO.

Dahi se leuantaõ as vezes grandes trouoadas, mas que entendeste della?

SARGENTA.

Muytos sisos, & muytas virtudes.

PETRONIO.

De quem Sargenta?

SARGENTA.

De Lucrecia.

PETRONIO.

Assi faze, nomeama muitas vezes.

SARGENTA.

Nunca se tal graça vio, nem tal siso.

PETRONIO.

Tal assento, nem tal fermosura.

SARGENTA.

O que todo mundo vé para que he dizerte mais?

PE-

Petronio.

Ora vem cá Sargenta que te quero agora perguntar por hum ponto, cousa em que te nunca falley. Ouuiste algũa ora fallar n'um mancebo Espanhol, que segundo dizem, anda aqui perdido d'amores por ella?

Sargenta.

Qual? hum capa em colo, que á primeira parecia algũa cousa, ja agora naõ terá que despender, & parece que cahio da forca.

Petronio.

Ha, ha, ha, como o pintaste tambem.

Sargenta.

Cousa he isso pera te sómente lembrar?

Petronio.

A mim naõ, mas a Lucrecia.

Sargenta.

Que riso, naõ he isso senaõ pera a nomeares muytas vezes.

Petronio.

Ao homem sesudo tudo ha de lembrar, e mais isto, das idades releua muyto.

Sargenta.

E bem que disposiçaõ he assi a tua?

Petronio.

Da disposição, Deos seja louuado, naõ ey enueja a ninguem, a idade polla ventura parecerá mais do que he c'os nojos, & c'os trabalhos com que se as cãs adiantaõ.

Sargenta.

Quem não sabe que as cãs não fazem velhice?

Pe-

PETRONIO.

E mais ſegundo o Philoſopho, no caſamento, o homem ha de ter boa auentagem d'annos á molher.

SARGENTA.

Muito releua o que quer o Philoſopho pera o que ellas querem.

PETRONIO.

Ao homem he neceſſario mais ſiſo, & mais experiencia como quem ha de gouernar. Mas aqui temos Deuorante acolhẽte Sargenta, que eſte ſempre anda em eſpreita pera leuar nouas d'uns pera os outros.

SARGENTA.

Que dita tamanha vir quem nos eſpartiſſe. Naõ ſey porque dizem tantos males da mentira, digaõ o que quiſerem. Como? & bom ſiſo fora contar eu a noſſo amo mui verdadeiramente donde vinha, & tudo o que fizera? ó que prazer pera elle, & pera mim que proueito! e aſſi co'eſt'outra mezinha, elle fica doudo de prazer, & eu vou em paz.

DEUORANTE. PETRONIO.

DEVORANTE.

Naõ aja hi mais tal paruoyce, nem ſe enforque ninguem por paixaõ que lhe venha.

PETRONIO.

De boa tempera parece que vem.

DEUORANTE.

Como eu oje andaua joya? com todos queria

ria auer brigas. Bem dizem que fome, & frio, mas o frio he vento. Esperarey quanto frio ha em Alemanha com esta capa çafada, não me falle ninguem em fome.

PETRONIO.

Fome, ou que? naõ he perá o esperar, que se inuiaria aos dentes.

DEUORANTE.

Em fim quisme Deos dar sofrimento, quando cheguey, achey tudo prestes. O soldado bebera ja á minha reuelia, entaõ começou a contar das suas façanhas, matou, venceo, captiuou, eu tambem entretanto por naõ estar ocioso dey saco á mesa.

PETRONIO.

Bem está, farto deue de vir. Saybamos nouas. Onde se vay o grande meu amigo Deuorante?

DEUORANTE.

Onde mais cumprir aos seus senhores, & amigos.

PETRONIO.

Que nouas correm?

DEUORANTE.

Muitas, & pouco certas como em Palermo acontece cada dia, saluante se he verdade hũas que me deraõ pouco ha.

PETRONIO.

Que taes Deuorante?

DEUORANTE.

Que es ja dos nossos.

PE-

PETRONIO.

E isso has por cousa noua?

DEUORANTE.

Si que d'antes tinhamoste como emprestado.

PETRONIO.

E agora como?

DEUORANTE.

Por mais que nosso.

PETRONIO.

Assi quiz a fortuna.

DEUORANTE.

E o amor tambem.

PETRONIO.

Ah, ja te entendo, e nisso auerá mil sentenças.

DEUORANTE.

Antes a todos ouço fallar por hũa boca, deixemos algũs dedos queimados fóra.

PETRONIO.

Ah, ah, ah, & esses faraõ a mim inda mais velho, & a ella inda mais moça.

DEUORANTE.

Como que naõ vissemos por aqui moças sesudas, & velhas doudas que farte, & se muito te cumprirem de minha casa podes ser seruido.

PETRONIO.

Eu t'o agradeço muito, mas por agora na praça estaõ ás moscas.

DEUORANTE.

Tomay lá? assi fazem, pagaõ hũa graça com outra.

PETRONIO.

Que dizes?

DEUORANTE.

Que tudo ſe acha em ti, ſiſos, graças, & galantarias.

PETRONIO.

De ti me vem que me aleuantas os eſpiritos, mas fallando de ſiſo, grandes priuilegios tem as molheres dos Doctores, ſe os ellas entendeſſem.

DEUORANTE.

Que negra conſolaçaõ principalmente pera as bellas mal maridadas. E aſſi os outros homens em voſſo reſpeito: certo que ſe podem chamar corpos ſem almas.

PETRONIO.

Donde ſingularmente vaõ inferindo os noſſos Doctores que ſe naõ pode doctorar hum homem morto.

DEUORANTE.

Iſſo he certo?

PETRONIO.

Certiſſimo.

DEUORANTE.

Que mais queres? eys o que ſe diz de cabra morta naõ diz mé.

PETRONIO.

Eſpantas-te? Pois nota mais, que cabendo nas molheres taõ altos titulos como he Condeſſas, Duqueſas, Raynhas, Imperatrizes, &c. Mas doctoras iſſo naõ por mais letras que tenhaõ.

DE-

DEUORANTE.

E eſſas naõ tem ſpirito.

PETRONIO.

Subtiliter Deuorante, mas reſpondendo *breviter*, declarome, que o do ſpirito que diſſe, procede *negatiuè, non affirmatiuè.*

DEUORANTE.

Todauia a molher do caualleiro, tampouco ſe chama caualleira, nem eſcudeira a do eſcudeiro.

PETRONIO.

Porque naõ ſaõ Amazonas que tragaõ armas, & eſcudo, & por iſto logo das noſſas diſſe, por mais letras que ſaibas, que te parece?

DEUORANTE.

Naõ ſey, lá vos entendeis, grande vida leuais.

PETRONIO.

Aſſi podemos dizer co'aquelle noſſo grande Juſtiniano: *Noctes ducimus inſomnes*, &c.

DEUORANTE.

Pois deſſe voſſo Iuſtiniano naõ ſei que eu ja ouui dizer.

PETRONIO.

E que?

DEUORANTE.

Que não fora elle dos mais Catholicos.

PETRONIO.

ó lingoas de ſerpentes, eſcreuendo elle tão altamente de *Summa Trinitate, & Fide Catholica.*

Devorante.

Taõ enfadonho he eſte, & taõ vaõ como o meu ſoldado, e naõ conuida tambem. Que faço aqui? Mandas de mi algũa couſa mais?

Petronio.

Não al ſenão que ſou teu, eu, e quanto tenho.

Devorante.

Eiſme rico, & bemauenturado. Aſſi viua elle, & aſſi medre, & deſpois ſabeis que vos reſpondem por ſuas leys? Que palauras de corteſia naõ obrigaõ. Nunca taes direitos viſtes. Achaõ que hũa ſó palaura obriga, e muitas naõ: naõ ajaes vós medo que co'eſtes taes eu faça muita farinha.

Petronio Doctor só.

Deſque homem naſce té que morre, não trata couſa de mór peſo, que a do ſeu caſamento, que cada dia rematamos tão leuemente. Grande feito, que ſe te vendem hum rocim manco, ou hũa mula maliciosa, logo hi ſaõ mil leys a te ajudar, & tem procuradores tanto que dizer, & allegar, & na tua molher, por quem deixamos os pays, e as mãys, alli nos deſampara tudo, & ſò a morte pode ſer boa. Pello qual eſtiue tanto tempo ſolteiro, vim aqui, com ſós as letras, de que me a fortuna naõ pode roubar: co'ellas me remediey, que a eſtes noſſos direitos naõ ſe lhes pode negar o ſenhorio de todas as outras ſciencias. Os Theologos jazem por todos eſſes moſteiros mendicantes como ſe elles chamaõ. Philo-

losophos ja paſſaraõ mal auindos hũs c'os outros, com ſuas barbas, & grauidade. Poetas tudo põe em flores, pollo fruyto não eſpereis. Os Oradores nós os tiramos das ſuas vezes. Os Aſtrologos ſempre tratão do por vir, de que elles, nem ninguem ſabe pouco, nem muito. Fiſicos ganhão bem de comer, porem he co ourinho na mão. Artiſtas debatem ſempre ſobre a laã da porca, & antre todos eſtes não ha hum homem de negocio: ſómente o Iuriſconſulto he o que pode tratar, & rematar duuidas de ſubſtancia. Todauia frades entremetterſe queriaõ mas naõ tem aſas com que voem, que a vontade naõ lhes fallece. Só o Iuriſta pode andar co'peito alto, & ſatisfeito do ſeu ſaber, quer ſeja para concertar as couſas deſta vida, quer da outra. Iſto he o que te releua, e creme que te naõ buſça ninguem ſenaõ o que te ha miſter.

Guido, e Petronio, Irmaõs.

Guido.

Ainda me naõ parece que ponho os pés em couſa firme.

Petronio.

Hum eſtrangeiro vejo, quero ver ſe traz nouas.

Guido.

Eſte mar tamanho, taõ brauo, taõ mudauel, taõ eſpantoſo, quem ouſou primeyramente de accommetter?

Pe-

PETRONIO.

Naõ ſey ſe me engana o deſejo: mas eſte me parece Guido, meu irmaõ, porque eſperaua.

GUIDO.

E mais neſte tempo, em que homem que no mar entra, o menos que teme he o meſmo mar.

PETRONIO.

Sem duvida eſte me parece.

GUIDO.

Quem ſempre anda cuberto de noſſos imigos, & da fé.

PETRONIO.

Sem duuida algũa eſte he: ó meu irmaõ Guido, boa ſeja a tua vinda.

GUIDO.

Meu irmaõ, & pay, es tu eſte?

PETRONIO.

Pois tu es vindo a ſaluamento, eſte ſou, & tudo he ſaluo.

GUIDO.

Se ainda o bem ſoubeſſes, ſegundo ſe os tempos tornaraõ aos nauegantes. Ah peccador de mim, que bem deueraõ de abaſtar os ſeus males proprios de mar.

PETRONIO.

Qui aſcendunt mare, in nauibus, viderunt opera eius, & por iſſo as noſſas leys ſeis meſes do anno defendem a nauegaçaõ.

GUIDO.

Todos doze a deueraõ de defender.

PE-

Petronio.

Inda agora vens; como eſtiueres em terra dous dias, tornarás outra vez a bradar pollo mar.

Guido.

Bem ſey que aſſi ſomos feitos.

Petronio.

E todauia eu bem folgo de vires aſſi aborrecido deſtes caminhos, ſenaõ he com grande perda da fazenda.

Guido.

Tudo paſſou tormenta, & porem ſomos em Palermo, & achote viuo, & ſaõ.

Petronio.

E daquella noſſa minina deſcobriſte noua algũa?

Guido.

Dirtehei o que pude ſaber. Em Serdenha achey hum noſſo payſano, & conhecemte, eſte me contou que a vira deſpois em Florença, & deſpois em Roma.

Petronio.

Em Roma! ora a dá por perdida de todo.

Guido.

Naõ ſabes que as duas partes de Florença ſaõ paſſadas com eſte ſeu Papa a Roma?

Petronio.

Naõ me falles naquelles clerigos taõ ricos, & taõ ocioſos, que eu naõ cuydo que Deos com toda ſua paciencia os poſſa ſoffrer muyto tempo.

Guido.

Inda entaõ polla idade era couſa impoſſivel.

Pe-

PETRONIO.

Tanto mais feito Romaõ.

GUIDO.

Contaua mais que dera em Roma a peſte em caſa daquelle mercador Florentino, onde a minina eſtaua, & que hum Dom Abbade ſeu irmaõ delle, homem Religioſo, & bom, a trouxera para eſta terra, onde elle tinha renda, agora com eſtes ſinais naõ te pode errar.

PETRONIO.

Daqui por diante buſquea quem quiſer.

GUIDO.

Porque?

PETRONIO.

Porque as molheres naõ haõ de andar muito caminho, que ſaõ hũa perigoſa mercadoria, quebraõ como vidro.

GUIDO.

Em tempo de tantos trabalhos, & tamanhas mudanças, que menos ſe podia acontecer?

PETRONIO.

Eu t'o direy, perderſe de todo, que nunca della mais ſouberamos.

GUIDO.

Tu m'o encomendaſte.

PETRONIO.

Deſejaua de ter nouas que eſcreuer a ſeu pay, & eſſas quem lhas eſcreuerá?

GUIDO.

Iremos por eſtes ſinaes mais auante, pola ventura naõ ſerá o mal tanto. Tenho neceſſidade de repouſar que inda me a cabeça dá voltas.

PE-

PETRONIO.

Vamos, & lá te darey muytas outras contas.

ACTO IIII.

CASSIANO SÓ.

De me naõ poder mais ter ás lagrimas, me ſáyo cá pera fora: naõ ſey que faça a eſte moço, entrou deſatinadamente em caſa em buſca de ſua carta, eu diſſimuley, fazendo que entendia em outras couſas, elle como a achou, tornou em ſua cór, & acordo, fallou, rio, finalmente jentamos em paz: mas deſpois que paſſeou, & cuydou, recolheoſe á camara, alli fez ſuas lamentações, eu que o eſpreytaua, e que o criey naõ no pude ſoffrer mais, venho fugindo á minha fraqueza, chore á ſua vontade, & deſabafará, que a ſangria deſtes males taes, ſaõ lagrimas. Deſpois que chorar muito tornará a rir. Mas que doudo he o que vem correndo? naõ lhe erraua eu ora muito o nome, que eſte he Callidio: que cabeça!

CALLIDIO. CASSIANO.

CALLIDIO.

Aparta, aparta, que prouo eſtes meus pés, pera quanto ſaõ; quero ver o que tenho nelles, nas preſſas ſe conhecem os amigos.

Guar-

Guarda de diante, guarda, que vay ſobre apoſta.

CASSIANO.

Iſto paſſa ja de doudice, e deue ſer vinho.

CALLIDIO.

Naõ ſe me ponha ninguem diante, ſenaõ quer ſaber como encontro.

CASSIANO.

Ora nunca vi bebado taõ deſenuolto dos pés, quero o chamar, Callidio, Callidio.

CALLIDIO.

Aquelle he Caſſiano, aſſi ſomos neſte mundo, & eu buſcaua Amente.

CASSIANO.

ó doudo, que te mingoa pera tirares pedras á gente?

CALLIDIO.

E diſſo que me mingoa me peſa.

CASSIANO.

Porque?

CALLIDIO.

Naõ ſabes tu aquelle dito taõ verdadeiro, que o homem, ou auia de ſer Rey, ou doudo?

CASSIANO.

Pois quanta de doudo eu te aſſeguro. Mas porque corrias aſſi?

CALLIDIO.

Dos doudos todos ſe rim, & naõ ſe eſpanta ninguem.

CASSIANO.

Mal ſe podem rir os a que elles fazem mal.

CALLIDIO.

E eu que mal te fiz?

CAS

CASSIANO.

Quantos passamos em Palermo, que saõ muitos.

CALLIDIO.

E assi o dizes a todo mundo?

CASSIANO.

E ainda essa má vingança naõ queres que tome?

CALLIDIO.

E assi o has de dizer a nosso amo.

CASSIANO.

Quando será isso?

CALLIDIO.

Cedo.

CASSIANO.

Onde?

CALLIDIO.

Nesse mesmo Palermo.

CASSIANO.

Doudo, que nunca homem sabe quando falla de verdade.

CALLIDIO.

Agora.

CASSIANO.

Quem t'o disse?

CALLIDIO.

Estes meus olhos bellos.

CASSIANO.

Em que lugar?

CALLIDIO.

Na ribeira.

CASSIANO.

Porque o naõ acompanhauas ?

CALLIDIO.

Vim diante a dar recado.

CASSIANO.

Torna apos mim. Vay.

CALLIDIO.

Por agora ſó. Folguey de me deſpejar deſte por buſcar Amente pera lhe dar eſtas boas nouas., com que aja ſeu conſelho, que eu auido tenho o meu d'apanhar os pés. Andaua o triſte pera perder o ſiſo co negro caſamento, agora que fará com tal ajuda ? ay mimoſos, criados em voſſos appetites, que em fim vem a ſer o que naõ quereis crer, nem ouuir, entaõ eſmorecer. Mas pay, & filho ſaõ. A mim ſó cumpre buſcar meu remedio, & mais com tal valedor como tenho no Ayo. Mas eu eſta conta faço, que taõ pouco tenho aqui como em Valença, bons pés tenho, & arrezoada lingoa, do mais (como dizem) ſobre a terra anda o auer. Quem ſae de noſſa caſa ?

AMENTE. CALLIDIO.

AMENTE.

Caſſiano naõ apparece, nem Callidio, onde fugirey d'um, & onde acharey o outro ?

CALLIDIO.

No pior naõ fallas que he teu pay ?

AMENTE.

Oje co'a preſſa da carta naõ tiuemos tempo.

CAL-

CALLIDIO.

Cada vez ſe elle vay encurtando mais, Amente.

AMENTE.

Quem me chama? ô meu Callidio que a ti buſcaua eu.

CALLIDIO.

E eu a ti?

AMENTE.

Deſuiemonos, & vamos buſcar algum lugar em que fallemos á noſſa vontade.

CALLIDIO.

ó Amente á noſſa vontade naõ podemos nos fallar.

AMENTE.

Porque Callidio?

CALLIDIO.

Deſpois que me deixaſtes, dey comigo na ribeira que me temia muito do mar, e velauame delle, em fim tantas vezes fuy lá até que arrecadey.

AMENTE.

E que Callidio?

CALLIDIO.

Achei nouas de teu pay.

AMENTE.

Triſte de mim he elle morto? que aſſi te demudaſte.

CALLIDIO.

Tu, & eu Amente ſomos os mortos, que elle viuo he, & ſaõ.

AMEN-

AMENTE.

Iſſo he bem.

CALLIDIO.

E dentro em Palermo.

AMENTE.

Iſſo he mal.

CALLIDIO.

Naõ ves quaõ perto eſtaua o mal do bem?

AMENTE.

Contasme tu verdade, Callidio?

CALLIDIO.

Muito contra minha vontade.

AMENTE.

Que te parece deſta ſua vinda a tal tempo?

CALLIDIO.

A meu parecer o Ayo o mandou chamar, & aſſi quando lhe agora dey a noua, naõ duuidou della muito.

AMENTE.

Fallaſtelhe?

CALLIDIO.

Fallar dizes? Valeome que o vi prlmeiro que elle a mi. D'outra maneira (como dizendo do lobo) tolherame a ſalla de todo.

AMENTE.

Que conſelho, amigo meu Callidio?

CALLIDIO.

Amente, o eſpaço he pouco, as palauras naõ podem ſer muitas. Teu pai bem o conheces, ha de trazer ſuas contas repartidas em duas partes naõ iguaes, ſ. a ti reprenderte, & a mim caſtigarme. Bem ſabes que ſe criou em Gáies,

aquel-

aquelle amor de pay, que o cá traz te ha de valer, naõ te encomendes a outro ſancto, a mim he neceſſario encomendarme aos meus pés. Oulá, quem he aquelle? todo homem me agora parece Valenciano.

AMENTE.

Aſſi me deixarias em tal deſamparo?

CALLIDIO.

Tu meſmo me deuias de aconſelhar que fugiſſe, ſe te lembraſſe o perigo em que me vees, pois he tanto mór que o teu.

AMENTE.

Lembra, mas naõ ves em que tempo me eſte mal toma?

CALLIDIO.

Se viſſe em que te podeſſe ſer bom, tudo o mais me eſqueceria.

DEUORANTE. AMENTE. CALLIDIO.

DEUORANTE.

Em Doctor me fallais em tempo de paz? bem me parecia a mim que auia o negocio de dar a traues.

AMENTE.

Aquelle he Deuorante, que ja tambem foy dos meus em mais bonança, todos me vos his hum, & hum.

DEUORANTE.

Quando elle aqui veo ter de Piſa, naõ trazia aquella barriga, porque naquella ſua terra acoſtumauaſe entaõ o ferro, & aqui agora coſtumaſe mais a pena.

AMENTE.

Que diz.

CALLIDIO.

Mil ſentidos que tiueſſe, todos traria occupados com teu pay.

DEUORANTE.

Em fim que ouue de leuar a moça? agora enforcar ſeruidores.

AMENTE.

Entendeſte?

DEUORANTE.

Mancebos barbipoentes, bem deſpoſtos. Vem hum doctor velho com ſeus habitos longos, & derribalhes a lebre diante.

AMENTE.

Parece que falla no Doctor.

DEUORANTE.

E o meu ſoldado muy poſto em ſayr Domingo com hũa inuençaõ de labyrinthos por Lucrecia.

AMENTE.

Ó meu coraçaõ.

DEUORANTE.

Eſta noite teremos feſtas, & cea.

AMENTE.

Que te parece?

CALLIDIO.

Calaceiro, que nunca ſonha em al, ſaluo em conuites.

DEUORANTE.

Fortemente atalharaõ a minha negociaçaõ, que eu andaua por alongar, & encurtaraõma; ago-

agora quero buſcar o dos labyrinthos, e tiralloey daquelle trabalho em que anda.

AMENTE. CALLIDIO.

AMENTE.

Tu vés a que termo eu ſou chegado? ſegundo as nouas que tu d'uma parte, & Deuorante d'outra me dais? Cuydey que tinha de ti algũa neceſſidade: mas pois as couſas aſſi vaõ, té a vida me ſobeja, procura polla tua.

CALLIDIO.

Voſoútros mimoſos logo quereis morrer.

AMENTE.

Naõ ſe ajuntaraõ embalde tantos males a hum tempo.

CALLIDIO.

Taõ pouca confiança tens em Lucrecia?

AMENTE.

Ah Callidio.

CALLIDIO.

Que ah Callidio.

AMENTE.

Que eſperança taõ fraca!

CALLIDIO.

Queres dizer como de foão.

AMENTE.

E de foã, & de foã.

CALLIDIO.

Naquillo tem razaõ, & mais neſta terra, em que o poeraõ muy aſinha em cantar Ceci-

liano, como dizem. Vem cá Amente, feras homem pera me ajudares a hum feito?

AMENTE.

Em tal defefperaçaõ, que poffo eu arrecear?

CALLIDIO.

Ora bem vés que efta vinda de teu pay embaraça tudo, pello qual aqui cumpre de acudir, fe queres remedio.

AMENTE.

A maneira he a que naõ vejo.

CALLIDIO.

Dirtoey. Façamos que naõ conhecemos teu pay, por mais Valenciano que falle.

AMENTE.

E em tamanha agonia podes eftar gracejando?

CALLIDIO.

Naõ gracejo, mas antes te dou hum cauallo na batalha, fe tu fores pera o tomar.

AMENTE.

E a meu Ayo que lhe faremos?

CALLIDIO.

Como que? Diremos que effe he o que faz todas eftas calabreadas, e que traz efte velho falfo aqui com nome de teu pay, e affi naõ recolheremos em cafa hum, nem outro.

AMENTE.

Niffo bem vejo eu o erro, o remedio naõ o vejo.

CALLIDIO.

Eu t'o direi. Podemos acudir ao negocio do cafamento, como dantes, & fe cumprir, di-

diremos duas palauras ao Doctor, que não sejão de libellos dar, nem lides contestar.

AMENTE.

Chamarsehaõ á justiça.

CALLIDIO.

Que fraco remedio huns, & outros; & quanto ao Doctor deixalo reuoluer seus Bartholos.

AMENTE.

Assi que tambem queres que erre a Lucrecia?

CALLIDIO.

Por amor da mesma Lucrecia.

AMENTE.

Al quisera eu fazer por ella.

CALLIDIO.

Naõ pode por agora. Es moço, ensinate a acudir sempre ao mór perigo.

AMENTE.

Naõ tenho rosto contra a verdade.

CALLIDIO.

Acharás logo muitos que o tenhaõ, & ficartehaõ com grande auentagem *in agibilibus*, como dizem estes praticos.

AMENTE.

Logo a mentira se estrema da verdade.

CALLIDIO.

Antes se vieraõ a parecer tanto, que cada dia se passa por outra.

AMENTE.

Triste de mim que farey?

Callidio.

Se queres conſelho nega, & ſenaõ entregate.

Amente.

Como ey de negar couſa tão ſem duuida?

Callidio.

Negando (dizem elles) ſe faz tudo duuidoſo.

Amente.

Mas naõ ſe faz por iſſo torto do direito, nem direito do torto.

Callidio.

Antes que iſſo ſe declare, hum juiz he ſoſpeito, outro occupado, outro vagaroſo. Iſto naõ he tempo de mimos, teu pay naõ pode tardar.

Amente.

De que me valerey em tamanho aperto?

Callidio.

Do deſauergonhamento ſobre todas as couſas. Brada, jura, esbrauea, queixate, chama por juſtiça, olha para o Ceo.

Amente.

Morreome o coraçaõ de todo.

Callidio.

A mao tempo te deixou, mal o fez contigo.

Amente.

Naõ me ficou outra couſa, ſenaõ mãos pera me matar.

Callidio.

E a mim pés para fugir; e vello que aparece.

Amen-

Amente.

Aquelle he, naõ o poſſo eſperar.

Callidió.

Que fazes? onde te vas? torna, que eu era o que auia de fugir.

Amente.

Perdoame Callidio, & lembrate de mim, que ſe naõ pode ſoffrer o roſto do pay a que tens errado.

Callidio.

Foyſe, & deixame a mim c'os combates. Que farey? Que ey aſſi de fazer, ſenaõ terlhe companhia com fugir? eſtes moços fouueiros ſaõ muito molles dos caſcos. O homem ha de ſer callejado pera correr o molle, & o duro. Quanto folgára de nos vermos co velho aos itens. Que nos ouuera aſſi de fazer? por juſtiça? teria procurador? E nós procurador; diria o ſeu, & nós o noſſo. Pois ainda ey d'eſpreytar mais deſte negocio, que naõ eſtamos agora em Valença, pera auermos tamanho medo a eſte velho, que virá enojado.

Galbano velho. Vidal criado. Callidio.

Galbano.

Em que idade eſtaua eu j'agora, pera tornar a ſoffrer o mar, & os marinheiros?

Vidal.

Certo regeſtete niſſo pollo amor de pay, & naõ por razaõ.

Cal-

CALLIDIO.

Aquelle he Vidal, homem de bem, criado seu antigo, os outros naõ conheço, roym gente me parece; hũa por hũa naõ vem com elle Cassiano, de que muito folgo.

GALBANO.

Isso assi he, mas que remedio?

VIDAL.

Deixalo lutar hum pouco co'a fome, & frio, que elles t'o castigaraõ.

GALBANO.

Ouue medo algum mao recado, que nesta terra aposentaraõ os Poetas as suas Sereas.

VIDAL.

Ia he algũa maneira de desculpa.

GALBANO.

Naquella idade taõ çega, & sobre tudo tais conselheiros?

CALLIDIO.

Aqui somos.

VIDAL.

Quais conselheiros?

GALBANO.

Os que aqui tal vida leuaõ ás minhas custas.

VIDAL.

Coytados dos seruidores que inda haõ de fazer mais que seruir.

CALLIDIO.

Oh que homem! sempre assi foi desenganado.

GALBANO.

A mim eraõ obrigados a ſeruir, que naõ a elle.

VIDAL.

Teu filho he ja homem, & afora Caſſiano ſeu Ayo, o officio dos outros era ſeruir, que naõ aconſelhar.

CALLIDIO.

Ó bom procurador, & mais ſem dinheiro. He hum milagre. Aquelles outros carrancudos, naõ ajais vós medo que ajudem, nem c'uma ſó palaura, nunca os ajude Deos.

GALBANO.

Ao doente naõ ſe lhe ha de fazer a vontade, & que elle por entaõ o naõ conheça; deſpois o conhecerá, & agradecerá.

CALLIDIO.

Aquelle he forte ponto, vejamos que alli reſponde o noſſo procurador.

VIDAL.

Neſſe caſo que dizes, o que jaz doente, jaz fraco, & naõ pode fazer mais que ameaçar, n'eſt'outro poemte logo as mãos, & vingaõſe.

CALLIDIO.

Iſto naõ he ja procurador, mas hum pay.

GALBANO.

Ia te diſſe que a mim ouueraõ elles de ter reſpeito.

VIDAL.

Eſtauas longe, acudirias tarde, entretanto o eſpancado andára eſpancado, o roto roto, o aggrauado aggrauado.

CAL-

Callidio.

E mais que peça he andar aggrauado? que fogem de ti hũa legoa, como de caõ doente.

Galbano.

Mas foy bem feito deitar assi a perder hum moço taõ bem principiado?

Callidio.

Ia se o velho assanha, assi fazem quando os atalhaõ per razaõ.

Vidal.

Estamos em tempo em que ninguem quer ouuir conselho. Ora achas Amente viuo, & saõ, tudo o mais se fará bem.

Galbano.

Assi o queira Deos.

Callidio.

Digovos que este Vidal me curou de todo do meu medo. A razaõ o velho a conhece já, do mais que me pode fazer? sey que naõ estamos em Valença d'Aragaõ.

Vidal.

Por aqui me differaõ que pousaua, naõ vejo a quem preguntar.

Callidio.

Quero accommetter o velho, que pode ser mais?

Galbano.

Cá vem hum, e he ora este o bom de Callidio?

Callidio.

Que he isto, milagre, ou sonho?

GALBANO.

De que te eſpantas ?

CALLIDIO.

De naõ ſaber ſe eſtou em Valença , ſe em Palermo.

GALBANO.

Quero diſſimular co'eſte roym. Eſtais cá todos de ſaude ?

CALLIDIO.

Todos por agora.

GALBANO.

Guia pera a pouſada , que venho canſado, queria repouſar.

CALLIDIO.

Aqui he. Oulá , abri. Eſta gente naõ ouue : abri digo.

GALBANO.

Em quanto eſte falla c'os de caſa , fallo eu com voſoutros , trazeyme eſte rapoſo diante de vós , & ſe reuelar , entre por força.

VIDAL.

Ah ſenhor.

GALBANO.

Callate , boa parece a caſa , e em bom lugar.

CALLIDIO.

Dizemme que naõ ſaõ cá Amente , nem Caſſiano , voume em ſua buſca.

GALBANO.

Agaſalha os hoſpedes primeiro.

CALLIDIO.

Naõ tenho com que.

GAL-

GALBANO.

Co'a boa vontade.

CALLIDIO.

Oulá, que quer isso dizer? quereis prouar forças comigo? Olhay que chamarey por justiça: Oh, Oh.

GALBANO.

Tapalhe essa boca Grisaõ, & tu, Feramonte, desapegalhe essa maõ da porta, & fecha sobre ti.

ACTO V.

REYNALDO SÓ

NO cabo desta minha taõ longa, & trabalhosa jornada, quando os outros descansaõ começa o mór cansaço meu, co'a duuida que tenho se acharei aqui hũa filha em cuja busca venho. Tégora na minha esperança hia passando meus males, sem ella como passarey isso que fica de vida? O mór bem que neste mundo tiue que foi a mãy desta moça, a morte m'o leuou dias ha, o da filha que me em seu lugar ficaua, se m'o tambem tem leuado, fello cruelmente comigo, que me naõ deixou nesta vida a que possa aleuantar sómente os olhos. Aquelle foy o meu primeiro amor aquelle será o derradeiro, a grande dór da sua morte me lançou entaõ de toda Italia, o desejo da filha me torna agora cá. Dei-

Deixeya encommendada a hum Doctor grande amigo meu em Pisa, onde entaõ estudaua, entretanto que aquella nobre cidade esteue em pé sempre tinha nouas, desque ella cahio fiquey ás cegas, tégora que venho a Palermo onde me disseraõ que acharia o amigo em cuja busca ando ha dias. Assi venho com taõ pouca certeza, & quanto mais me vou chegando a esta minha esperança tanto se me faz ella mais pequena. Oje he o dia da sentença, eu apercebido venho pera tudo, todauia ao abaixar do golpe a carne he fraca, e estremece toda. Achase ja o amigo, velohia, & saberia da filha em que parte m'a come a terra, se ja la he, e entaõ determinarey de mim, & do meu o que me parecer. Que fortes brados vem aquelle homem dando, os pés pera cá o trazem, os olhos parece que lhe ficaõ atras naquella casa pera onde olha.

CALLIDIO. REYNALDO.

CALLIDIO.

Regedores, Cidadães, homens de bem, os grandes, & os pequenos todos me acodi, todos me valei que a todos releua, se aqui ha algũa lembrança de liberdade, & justiça.

REYNALDO.

Tamanhas duas cousas cuydauas tu d'achar assi pollas ruas?

CALLIDIO.

No meyo do dia, no meyo de Palermo.

não

naõ me ouue ninguem, naõ me acode ninguem.

REYNALDO.

Callate ora com teu mal.

CALLIDIO.

Que fazem aqui tantas varas de justiça?

REYNALDO.

Que riso?

CALLIDIO.

Todo o mundo dorme?

REYNALDO.

Dormes? tu sonhas? tu tresualias?

CALLIDIO.

Ah cidadães que todos somos escrauos.

REYNALDO.

Ia vay entrando em seu acordo.

CALLIDIO.

Assi ha isto de passar? Esfoloume, açoutoume, matoume, se me a justiça naõ acode acaberey de entender que faz cada hum nesta terra o que lhe vem á vontade, e farey tambem o que me a minha mais der que faça.

REYNALDO.

Olha naõ vas, como dizem, de mal em pior.

CALLIDIO.

Velho falso, dissimulado, como me acolheo, bem empregado foy em mim. Mas vejo vir Deuorante com seu soldado, a que tempo? quando eu buscaua quem ouuesse de mim dó, e me aconselhasse, outra gente me cumpre de buscar.

BRI-

BRIOBRIS SOLDADO. DEUORANTE. REYNALDO.

BRIOBRIS.

Naõ acharemos oje eſte Doctor, & faremos eſta demanda mais curta, que a das ſuas audiencias.

DEUORANTE.

Nunca homem acha o que buſca.

REYNALDO.

Mande Deos naõ ſeja eu aſſi.

BRIOBRIS.

Naõ acabaremos com eſte Doctor? co'eſte Petronio.

REYNALDO.

Aſſi ſe chamaua aquelle amigo que aqui buſco.

BRIOBRIS.

Ia reuolui toda a cidade.

DEUORANTE.

Aprenderia quando era eſcular a ſe fazer inuiſiuel.

BRIOBRIS.

Cumprelhe logo andar ſempre mettido na ſua ſerpente.

DEUORANTE.

Ha, ha, ha.

BRIOBRIS.

Tu riſte?

DEUORANTE.

Quem ſe terá ás tuas graças? mas dart'ia hum conſelho d'amigo.

BRIOBRIS.

Que tal?

DEUORANTE.

Pois naõ podes alcançar o que desejauas, que desejes o que podes.

BRIOBRIS.

Como me enfadaõ estes sisos que todos trazem na boca, & ninguem por obra.

REYNALDO.

E Lucrecia auia a minha filha nome.

BRIOBRIS.

E senaõ nunca mais cingiria a espada. Onde tem este Doctor a pousada?

DEUORANTE.

Iunto daquella Igreja alta.

BRIOBRIS.

Bem está, perto tem logo outra pousada pera mais dias.

DEUORANTE.

Naõ no has agora d'achar em casa.

BRIOBRIS.

Esperarey até noite, naõ tem onde se me acolha, sete braças entrarey de pos elle polla terra dentro como pedra de corisco,

DEUORANTE.

Sancta Barbara Virgem, cuydey que era morto, *Pater noster* polla alma do Doctor.

REYNALDO.

Estou em Palermo, ouço fallar em Petronio Doctor, ouço fallar em Lucrecia, que cuidarey? quero fallar ao que fica só no terreiro. Amigo Deos te salue.

DEUORANTE.

Sejas vindo nas muytas das boas horas.

REY-

REYNALDO.

Por cortesia, que Petronio he hum em que fallaueis?

DEUORANTE.

Porque o preguntas?

REYNALDO.

Por bem.

DEUORANTE.

Naõ he natural desta terra.

REYNALDO.

Donde veyo aqui ter?

DEUORANTE.

De Pisa nobre cidade de Toscana.

REYNALDO.

De que idade pouco mais, ou menos.

DEUORANTE.

D'arredor dos sessenta.

REYNALDO.

Casado, ou solteiro?

DEUORANTE.

Entre hũa cousa, & a outra.

REYNALDO.

Pois a idade naõ he já muito pera esposado. Tambem fallaueis em hũa Lucrecia.

DEUORANTE.

Muytas cousas quer este saber de mim, que sey eu onde isto irà ter?

REYNALDO.

Naõ me respondes?

DEUORANTE.

O outro foy que fallou em Lucrecia.

REYNALDO.

Si, mas fallaua em ſom como que a conhecias.

DEUORANTE.

Naõ ſey mais que ouuila por ahi gabar de fermoſa.

REYNALDO.

Natural, ou eſtrangeira?

DEVORANTE.

Muyto anda eſte apos as naturezas. Amigo, & ſenhor meu, tudo ſaberemos, ſe niſſo te vay algũa couſa.

REYNALDO.

E aquelle teu amigo, porque ameaçaua tanto o Doctor?

DEUORANTE.

Amigo, ou como? nunca outro tanto com elle falley como agora.

REYNALDO.

Parecia que tinha delle algũa payxaõ.

DEUORANTE.

Lá ſe auenhaõ co'as payxões, dos prazeres queria parte, das paixões lá ſe auenhaõ.

REYNALDO.

E eſte teu amigo he taõ merencorio como parece?

DEUORANTE.

Que forte perguntador! Cuida que me tem alugado, por pouco que me peites eu to ſegurarey deſta vez.

REYNALDO.

Eſte me parece d'uns truhães que ſempre

ha

ha nos lugares grandes. Voume em buſca de Petronio.

DEUORANTE.

Viſtes o grande preguntador donde me agora ſahia de traues? Que ſey eu quem eſte he? nem que por aqui andará eſpreytando? Hũa por hũa muytas couſas queria ſaber de mim. Outro vejo dos meſmos trajos, vejamos ſe he outro tal; mas eu vos direy, o meu cabedal tudo he palauras, iſſo auenturo.

GALBANO. DEUORANTE.

GALBANO.

O bom Callidio partio naõ polla fria (como dizem) mas pella quente, como cuydo que elle vay: vá, & leue nouas aos outros.

DEUORANTE.

Velhos, & mais de má graça, naõ eſtá aqui muyto certo o ganho.

GALBANO.

De quanto bom tempo tem aqui leuado, deſcontem.

DEUORANTE.

E ſobre tudo contas, & deſcontas, naõ me apraz.

GALBANO.

Seruidores todos ſe tem huns c'os outros, naõ m'o açoutáraõ bem, mas ja he começo de paga.

DEUORANTE.

Dayo ao demo, em pagas anda, & naõ

 me

me deue nada, que sey se lhe deuerey eu, e andará arrecadando? mas tudo he prouar. Deos te salue Senhor meu, parecesme estrangeiro, & eu sey que cousa he andar por terras alheas, offereçote o meu seruiço.

GALBENO.

Muito t'o agradeço.

DEUORANTE.

Tens negocio na terra?

GALBANO.

Naõ de mercadorias, como pola ventura cuidarás: mas busco hum filho mancebo, que se me perdeo por aqui.

DEUORANTE.

Terra he pera isso, mas os sinais?

GALBANO.

Hum mancebo Valenciano, que ja lhe começará de vir a barba, sohia de ser gentilhomem.

DEUORANTE.

O nome?

GALBANO.

Amente, se o elle cá naõ mudou, como fez a outras cousas.

DEUORANTE.

Como, & tu es Galbano seu pay, em quê tantas vezes ouui fallar?

GALBANO.

Eu por meus peccados.

DEUORANTE.

Aqui pousa, & por sinal que tem hum Ayo,

Ayo, que ſe chama Caſſiano, & hum ſeruidor por nome Callidio?

GALBANO.

Conheces bem toda eſſa gente?

DEUORANTE.

Como minhas mãos: mas como naõ eſtaõ aqui contigo?

GALBANO.

Eſtamos deſauindos.

DEUORANTE.

Aſinha iſſo foy.

GALBANO.

Naõ pòr minha culpa, que em chegando logo conuidey Callidio de boa entrada.

DEUORANTE.

Trarias fruitas de Valença, que eſtá homem paſmado de tanta gentileza, & perfeiçaõ.

GALBANO.

Tempo foy, ja tudo iſſo he paſſado a Portugal.

DEUORANTE.

Taõ conuidador vinhas?

GALBANO.

Auia muito que nos naõ viramos.

DEUORANTE.

Aſſi haõ de ſer os homens da tua calidade. Ora dizeme que iguarias aueis lá entre vós por mais ſaboroſas?

GALBANO.

A vingança.

DEUORANTE.

Eu fallo em iguarias, naõ em allegorias.

GALBANO.

Queres que te diga o claro : vingueyme em chegando desse ladraõ, que mandey açoutar, nunca me cousa assi soube, entendesteme ?

DEUORANTE.

Agora si, isso chamo eu fallar ao pé da letra.

GALBANO.

Ora ja aquelle pagou, os outros pagaraõ.

DEUORANTE.

Outros, ou como ?

GALBANO.

Truhães malvados, que tanto do meu aqui tem comido, & bebido.

DEUORANTE.

Comigo o ha.

GALBANO.

Mas eu volo farey amargar.

DEUORANTE.

Ia me a mim começa o mao sabor da boca.

GALBANO.

Comer, beber, jugar, franquear.

DEUORANTE.

Que mais claro quereis que hum homem falle ? com que negros conuidadores vou topar oje. Querome acolher com minha honra, se poder.

GALBANO.

He aquelle Cassiano ?

DEUORANTE.

Aquelle he, hum bom homem. Ora me contay c'os conuidados, se mais aqui espero.

Quan-

Quantas cousas tereis ambos de fallar, pois vos ainda naõ vistes. Quero despejar.

GALBANO.

Espera, cearemos todos.

DEUORANTE.

Naõ curo de conuites.

GALBANO.

Que he isso, porque corres? deue de ser algum desasisado, & deulhe o vento na corda. Voume esperar Cassiano em casa, & assentarmey, que inda naõ tiue vagar.

CASSIANO SÓ.

Venho pasmado dos acontecimentos, andando em busca de nosso amo fuy dar com Reinaldo nosso natural, que agora tambem chegou. A hum trouxe cá hum filho perdido, ao outro hũa filha que perdera muito ha. Ó filhos desejados, & estes saõ os vossos descansos? D'outra parte tendo o Doctor concertado seu casamento, chega Reynaldo, e acha neste proprio dia, nesta hora, neste ponto, que Lucrecia, aquella que a todos nos tem dado tanto trabalho, he a sua propria filha, que andaua buscando por mar, & por terra, e sobre tudo que he a filhada do mesmo Doctor, assi lhe podera ser inda mais. E naõ se saber a tempo. O coitado que naõ via ja o dia, nem a hora, & que estaua co'a boca aberta pera papar a moça, ficará assi co'ella ás moscas. E pollo contrario meu criado Amente que lhe era lá posto o cutelo na garganta,

es-

esperando só pollo pregaõ, vem a fortuna melhor casamenteira muito que Dorio, & negocealho tudo a pedir de boca. Que diremos ás cousas deste mundo? hũas parece que se alcançaõ a poder de negociaçaõ, e viua diligencia, outras por só dita, & bom acerto. Ia acharey nosso amo em casa, voume lá darlhe estas nouas, & passaraõ as paixões, & tormentas que taõ armadas estauaõ.

Deuorante só.

Venho espreytando o Ayo por ver se o conuidará tambem o velho em chegando, como fez a Callidio, & quisera fazer a mim, mas Deuorante naõ dorme. Como me quisera acolher aquelle velho falso, nunca se outro tal vio. Cuida que he senhor de Palermo, assi ameaça, & assi assopra. Custado me ouuesse do meu muito, & pegasse outras poucas ao Ayo com toda sua grauidade. Ou quem vem lá? cuidei que me atalhauaõ por est'outra parte. Estes saõ Amente, & Callidio, & ainda naõ sey o que será, que este maluado tem já o seu quinhaõ, & andará ajnntando mais conuidados. Mas que me naõ vingo eu do truhaõ que me assi oje queimou o sangue, vejamos que trouas agora faz de improuiso.

Amente. Callidio. Deuorante.

Amente.

Tais nouas me trazes tu Callidio com tal ros-

rosto? Naõ te pude ser bom no teu mal, perdoame, & ajudame a soffrer tanto bem, que naõ tenho outrem com quem o parta.

CALLIDIO.

Do mal partistes comigo bem, do bem partirás mal.

AMENTE.

Naõ me doeo nada menos que a ti.

CALLIDIO.

Naõ sey, mas bem te punhas em saluo.

AMENTE.

Lá me coube o meu quinhaõ.

CALLIDIO.

Mostrame ora em ti algum sinal dos meus açoutes por este corpo.

AMENTE.

Naõ teriaõ menos os meus se os podesses ver.

CALLIDIO.

Pois eu naõ recebo pagas inuisiueis.

DEUORANTE.

Quanto que sabe este maluado co'elle me tenho.

AMENTE.

Assi me contas de Reynaldo, & que he Lucrecia sua filha, e filha tambem espiritual do Doctor?

CALLIDIO.

Assi passa.

DEUORANTE.

Hum destes anda fóra de si com dór, outro com ciumes, naõ lhes creo nada.

AMEN-

Amente.

ó Callidio amigo da minha alma, que te direy? que te darey? que te farey? por taes nouas, & a tal tempo?

Callidio.

Outras taes aluiçaras como as de teu pay, que em fim estes saõ os vossos galardões.

Devorante.

ó falso como os conheces bem.

Amente.

Ey medo que me dé o miolo volta c'o prazer.

Callidio.

E a mim c'o pesar.

Amente.

Promettote que eu te agalardoe como tal obrigaçaõ merece.

Callidio.

A vosoutros mais vos lembra hum seruiço por fazer, que cento feitos.

Devorante.

Dayo ao diabo, que inda falla a proposito.

Amente.

Como se póde desempeçar tal meada em taõ pouco tempo.

Callidio.

A verdade logo vay por diante, e foy grande ajuda a velha que oje achei com Alda.

Amente.

O Doctor estaria finado.

CALLIDIO.

Todauia elle fallaua.

AMENTE.

E que?

CALLIDIO.

Huns poucos dos ſeus latins.

AMENTE.

Que taes?

CALLIDIO.

Aleuantou dous dedos nos quaes repartio ſeus direitos naturaes, & eſpirituaes, concluyndo todauia que naquelle caſo cabia diſpenſaçaõ.

AMENTE.

Como diſpenſaçaõ.

CALLIDIO.

E ainda te digo que ſoltou hũa má palaura.

AMENTE.

Que tal triſte de mim.

CALLIDIO.

Diſſe que por dinheiro naõ ficaſſe, & bateo na bolſa.

AMENTE.

A eſſa naõ chamas tu mais que má palaura? Chamolhe eu mortal.

CALLIDIO.

Mas ſabes quem deſatou todos aquelles empeços, & razões Doctoraes.

AMENTE.

Quem Callidio?

CAL-

CALLIDIO.

Lucrecia.

AMENTE.

Como ?

CALLIDIO.

Diſſe que naõ queria que toda ſua vida fora orfaã, & eſtrangeira, agora que lhe deixaſſem ir ſeruir aquelle pay, a que tanto deuia, & logralo algum tempo.

AMENTE.

O feito de Lucrecia ?

DEUORANTE.

Eſtaua recolhendo nouas pera o meu ſoldado, agora ellas todas entornadas, que deixará logo o Doctor, & ha de querer pór toda Valença á eſpada.

AMENTE.

Como podeſtes ſaber tanta couſa em taõ pouco tempo ?

CALLIDIO.

Tiue cuydado.

AMENTE.

E eu terey lembrança.

CALLIDIO.

Pera quando.

AMENTE.

Bem ves tu que eu agora naõ poſſo.

CALLIDIO.

E deſpois naõ quererás.

DEUORANTE.

Euangelho. Mas porque me naõ vingo eu deſ-

deſte roym de Callidio, & que lhe tardo mais? Deos vos ſalue, & a ti Callidio prol faça.

CALLIDIO.

Paſſo que fallamos ſegredo.

DEUORANTE.

Naõ hias tu oje de taõ má graça, quando trouauas de improuiſo.

CALLIDIO.

Nem tu de taõ boa. Seraõ milagres do vinho.

DEUORANTE.

Iſſo ſe poderá dizer mais por ti, pois te conuidaraõ em chegando.

CALLIDIO.

E tu em conuites.

DEUORANTE.

Durate ainda aquella vea de trouar, romperemos aqui hum par de lanças por feſta diante de Amente.

AMENTE.

Deixao pera outra hora Deuorante, que temos al em que entender.

DEUORANTE.

Ia ey de ver pera quanto he, que naõ me valeo co'elle ereita, nem ſopee.

DEUORANTE.

Callidio j'eu vi outro homem
Mais ſaõ das coſtas que ti,
Porque te torces aſſi?
Pulgas ſey que te naõ comem,
Vergões pode ſer que ſi.

CAL-

CALLIDIO.

Deuorante que ſe tanja,
Que ſe cante em parayſo,
Naõ he aquella a tua granja,
Pois ſe lá falla de ſiſo,
E naõ he terra de manja.

DEUORANTE.

Naõ valha que naõ foy polos conſoantes.

AMENTE.

Naõ ſeja mais, ambos o fizeſtes bem.

DEUORANTE.

Tudo ſe faça oje á tua vontade, & tudo ſeja feſta.

CALLIDIO.

Donde auentou eſte coruo carniçal a carniça?

DEUORANTE.

E errey oje a tua que foy arrezoada.

AMENTE.

Naõ lhe reſpondas Callidio. E tu Deuorante naõ falles mais ſobpena de te ſer aquella porta cerrada em quanto aqui eſtiuermos.

DEUORANTE.

Naõ me verás mais boquejar.

AMENTE.

Ora nós vamos cear com meu pay.

DEUORANTE.

Elle meſmo me conuidaua pouco ha.

CALLIDIO.

Eu naõ vou por agora a eſſa caſa, perdoarmehas.

AMEN-

AMENTE.

Como , & tu ſó me has de falecer , em quem eu tinha toda minha eſperança ?

DEUORANTE.

Vem cá Callidio , dáme eſſa maõ , ſejamos amigos , e direy como façamos , que eu tambem naõ me fio ora muito de ninguem. Acompanhemos Amente até a porta , dahi eſpreitaremos , & aſſi como veremos , aſſi aueremos noſſo acordo. Ia ſabes o que ſe diz , naõ te fies , e naõ te enganaraõ.

AMENTE.

Ditos de gente baixa , & deſconfiada. Hi comigo ſeguramente.

O REPRESENTADOR.

Naõ foraõ neceſſarios rogadores , nem arengas , o filho lançouſe por terra aos pés do pai , elle c'os olhos cubertos d'agoa aleuantouo , de hũa parte , e da outra as lagrimas ſopriraõ por palauras. À cea fezſe preſtes. Ao Doctor , & ao ſoldado naõ faleceraõ outros amores , as outras feſtas haõ ſe de fazer em Valença de Aragaõ.

OS VILHALPANDOS,
COMEDIA.

A FAMA

FAZ O PROLOGO.

EV naõ venho a vós voando, aue noua bem empenada, tantos olhos, quantas pennas, tantas linguas, & ouuidos: que joguem por debaixo como artelharia, assi como me pintaraõ estes chocarreiros dos Poetas, que sempre querem gracejar. Mas assi como todos me chamaõ Fama, assi venho nestes habitos de molher. Aqui no cabo do mundo he agora o meu assento, & naõ no meo. onde os mesmos bons dos Poetas me aposentaraõ em hũa casa toda aberta, & descuberta: (por certo mal ao menos pera o inuerno.) Daqui carrego pera todas as partes de graciosas victorias, todas contra os infieis. De torna viagem, ás vezes naõ acho senaõ patranhas (como agora.) Que quereis que faça? quereis que torne com as mãos vazias. Ao menos farey nisto verdadeiros aquelles mesmos Poetas, meus amigos, que de mim disseraõ, que assi conto o que he, como o que naõ he. E elles lula (como diz o nosso rifaõ antigo). Quereis que esté sempre esperando polo coxo: o qual quando vem naõ acha senaõ arrependimentos? Quantos exercitos tenho eu só por mim desbaratados, quantas fortalezas rendidas c'os meus medos? quantas defendidas co'as minhas esperanças? Sabeis de que manha vsey estes dias

paſſados naquella grande affronta de Dio? quando vos naõ pude eſpantar c'os Turcos: eſpantey os Turcos com voſco. Em tempo que vos tudo falecia, ſaluo o coraçaõ, e agora em Tollão, como me metti entre as galés dos meſmos Turcos, tantas que cobriaõ o mar. E hi comecey de murmurar da gente nobre, que ſe juntaua em Ceita ao parecer da primeira Andorinha: & ellas deſappareceraõ todas, que naõ ſabiaõ ja o dia, nem a hora. Deixo o que fiz em Tunez, onde eu logo deſcubri aos contrarios, quem era o verdadeiro capitaõ da gente Portugues, que logo fez tremer aquella barba roxa. Quantas deſtas obrigações tenho eu eſpalhadas polo mundo, que m'as reconhecem mal. E deixando a guerra a de parte: em quantos perigos ſoccorro eu aos que eſcreuem? os chroniſtas a cada paſſo naõ ſabem por onde vaõ ſem mim. Os Poetas andaõ ſempre polos ares, nem tem outro valhacouto, ſe a mim naõ. Té eſtes que gouernaõ o mundo, com ſeus cartapacios (eu digo os que oje ſobre tudo chamaõ Doctores.) Como remataõ elles ſuas razões, ſenaõ c'o meu nome, & authoridade: dizendo por derradeiro: & deſto he pubrica voz, & fama? E depois com que grauidade acodem nas ſuas praticas encadarroados: *Fama malum, & re.* Ora todos eſtes pontos a de parte, fallemos cá entre nós. E dizeyme das couſas paſſadas que tendes, ſenaõ a fama? das preſentes quanto vedes? & ainda das que vedes, de quanto dais fé, tudo o mais a quem

o

o deueis, ſenaõ a mim? Do por vir naõ fallemos, que o reſeruou Deos pera ſi. De todo em todo, naõ vos fieis em ſonhos. Ó como aquelles bons antigos morriaõ por mim, com tam bom roſtro! E eu tambem que aſſi lho pagaua: vós outros pondeſme aſma diante (& aſſi he razaõ) todauia bom quinhaõ me dais de vós. Baſta, que eu ſom contente, naõ ſeruis a peſſoa deſagardecida. Finalmente quereis ſaber, em quanta obrigaçaõ me todo o mundo he: olhay bem, que de quantas couſas em todo elle ha, nenhuma reſponde igualmente á ſua fama: nem em Paris eſſa Cidade, nem eſſa Roma lá ſancta. Muito me vos gabo oje, diruos ey ſom (como vos ja diſſe) vezinha, & moradora, obrigada ſom a guardar voſſos coſtumes? Ora venhamos ás patranhas. Nós eſtamos em Roma, naquellas duas caſas viuem dous velhos Cidadãos. Cujos nomes vedes, cada hum ſobre a ſua porta. O Pomponio tem hum filho a que chamaõ Ceſariaõ, o qual filho, o pay, & a mãy andaõ por tirar de captiueiro, d'hũa deſtas ſuas corteſaas, (que aſſi lhe chamaõ.) O pay por razaõ, & authoridade, a mãy por deuaçóes. A corteſa ſem razaõ, & ſem authoridade, & ſem deuaçóes: faz delle tudo o que quer. Sobre eſte negocio ſayraõ a vós logo eſtes velhos, em ſua pratica vos irá abrindo caminho pera o mais. Ouui repouſadamente.

FIGURAS DA COMEDIA.

A Fama.

Pomponio, velho.

Mario, velho.

Fausta, matrona Romana com hũa companhia de beguinas.

Miluo, alcouuiteiro.

Antonioto, criado.

Cesariaõ, mancebo Romaõ.

Guiscarda, velha, e mãy d'Aurelia.

Vilhalpando, primeiro soldado.

Vilhalpando, segundo soldado.

Apolonio, hermitaõ.

Eabiano, mancebo estrangeiro.

Trefo, moço.

Torquemada, moço.

Ruberte, page frances.

ACTO

ACTO I.

SCENA I.

POMPONIO. MARIO, VELHOS.

POMPONIO.

BOA ſeja a vinda Mario, que em tua buſca hia.

MARIO.

Ó Pomponio, & eu na tua. Que me diſſeraõ em chegando, que jazias em cama.

POMPONIO.

Naõ te enganaraõ. Mas ſoube como eras vindo, & iſſo me leuantou.

MARIO.

Fezeſte mal, que o corpo enfermo, querſe na cama, & naõ polas ruas.

POMPONIO.

Si, mas tambem o ſpirito canſado querſe com quem deſcanſe.

MARIO.

Eu viera a ti, que era mais razaõ. Mas como te ſentes?

POMPONIO.

Fraco: principalmente deſtas pernas, que me naõ podem trazer.

MARIO.

Naõ te eſpantes, que ha ja muito que te trazem. Que doença foy a tua?

POM-

POMPONIO.

Nunca o pude bem ſaber.

MARIO.

Que te diziaõ os fiſicos?

POMPONIO.

Muitas, & muy notaueis razões.

MARIO.

E tu quiſeras antes poucas, & certas?

POMPONIO.

Foraõ, & vieraõ algũas vezes, antes que ſe concertaſſem. Finalmente capitularaõ a doença: & tendo eu muy grandiſſimo faſtio, mandaraõme que naõ comeſſe.

MARIO.

Perigoſo remedio: & mais em tal idade,

POMPONIO.

De maneira, que ſe a natureza me naõ tolhia algũa couſa, aſſi por deſejos: tolhiaõma elles.

MARIO.

Mat artehiam.

POMPONIO.

Pouco menos: entaõ contauaõ as vezes das nouas correntes, & dos milagres que ja tinhaõ feitos em outros, a qual mais.

MARIO.

E pera ti naõ deixaraõ hum ſó.

POMPONIO.

Naõ, porque a fallar verdade, té do eſtamago veyo hũa velha que aproueitou mais: Diſſe, que era a tauoleta.

MARIO.

Souberaõno elles?

POM-

POMPONIO.

Naõ antes a poder d'aforiſmos tudo tribuyraõ aos ſeus remedios.

MARIO.

Sangraraõte ?

POMPONIO.

Sabe Deos a ſua vontade : cada dia affiauaõ as lancetas. Porem eu naõ quis , como quem ſabia o conto dos meus annos , & que o meu ſangue peccaua mais de queimado , que de ſobejo.

MARIO.

Ah , que a nos ja neſta idade deuiaõnos de tornar a curar como meninos , & naõ com beberagens das boticas : que da ſó viſta ſua ſe arrepia o corpo todo.

POMPONIO.

Mexidas por cifras , que elles fiſicos ſós entendem , & os boticarios ſeus ſecretarios.

MARIO.

Aſſi ſaõ mais eſtimados : & os das outras ſciencias tambem quando os entendem menos.

POMPONIO.

Finalmente aſſi os ſoffri hum tempo. Depois cobrey ſiſo , & deſpedios.

MARIO.

Ó como fizeſte bem.

POMPONIO.

Como dizem , milhor foy tarde , que nunca. Entaõ deixeyme ir mais de vagar eſpreitando ſempre a natureza , & ajudandoa com bom regimento.

MA-

MARIO.

Naõ ſoube tanto Hypocras.

POMPONIO.

Aprendi á minha cuſta : & como ſoube da tua boa vinda , leuanteyme ſobre eſte bordaõ que me ajuda mais , & me cuſtou menos.

MARIO.

Por amor de mim que repouſes.

POMPONIO.

Que farey ſe me naõ deixaõ ?

MARIO.

Preza ſobre tudo tua ſaude , naõ te mates por ninguem. Que ao do negro , e ao choro dos erdeiros chamaõ os antigos riſo , & prazer conhecido , em trajo de lagrimas.

POMPONIO.

Ouueme , & depois me conſelharas.

MARIO.

Dize o que quiſeres.

POMPONIO.

Bem te deue d'alembrar o que ja fallamos antes da tua idade , ſobre noſſos filhos.

MARIO.

Naõ ſaõ os tais negocios para eſquecer.

POMPONIO.

Depois tu abſentaſtete , & eu adoeci , tudo ajuda o que ha de ſer.

MARIO.

Pera que he mais ? danouſenos Ceſariaõ , que bem o ſey.

POMPONIO.

Naõ auiaõ de falecer meſſageiros.

MA-

MARIO.

Queres que naõ vejaõ os homens, nem ouçaõ.

POMPONIO.

Porem naõ correm elles assi ao bem.

MARIO.

Naõ lhe achaõ tanto sal.

POMPONIO.

Veyo logo aqui ter, a esta nossa rua, hũa velha Bolonhesa, com hũa filha fermosa.

MARIO.

Perigosa vezinhança.

POMPONIO.

Se o ainda bem soubesses com quanta treyçaõ, & arte.

MARIO.

E elles tambem que se deixaõ enganar levemente.

POMPONIO.

Logo á primeira parecia aquella casa herma.

MARIO.

Vem pobres, naõ trazem que assoelhar.

POMPONIO.

Mas he tamanha a fermosura da virtude, que querem primeiro enganar com ella, que com a sua propria.

MARIO.

Quanto agora naõ ha passo em Roma mais aguardado. Ao menos dos nossos mancebos Romãos: os Brutos, & os Decios morremse pola republica.

POMPONIO.

Bem fazes de te guardar d'eſt'outro eſtado Eccleſiaſtico.

MARIO.

Em que ſenaõ pode ſómente boquejar.

POMPONIO.

Ora eu em quanto me Deos dá tempo naõ o queria perder. E cuidando, naõ acho milhor remedio a meu filho que o caſamento, o qual té os Gentios chamaraõ priſaõ ſegura da mocidade.

MARIO.

Quantos exemplos ves tu oje neſte dia por aqui ao contrario?

POMPONIO.

O amor, & as graças dos filhos: os bons coſtumes das noſſas molheres proprias, chamaõ muito o meu pera ſuas.

MARIO.

Ao eſtamago damnado naõ lhe ſabe bem nenhũa couſa boa.

POMPONIO.

E mais em lugar de hum pay teria elle dous.

MARIO.

Antes a meu parecer em lugar de hũa fazenda, a tal tempo, meterlhehias duas nas mãos que deſtruyſſe.

POMPONIO.

Naõ que a iſſo venho, darte conta da boa diſpoſiçaõ, em que agora tinhamos o negocio por huma grande offenſa, que eſtas molheres

fi-

fizeraõ a Cesarião, de que está indignado estremadamente.

MARIO.

Quanto ha?

POMPONIO.

A noite passada.

MARIO.

Taõ pouco?

POMPONIO.

Porque?

MARIO.

Porque aquelle conselho sancto, o qual nos taõ mal cumprimos, que se naõ ponha o Sol sobre a nossa ira: estes o cumprem muito bem.

POMPONIO.

Naõ he o sentimento taõ pequeno.

MARIO.

Naõ te fies disso, que quebraõ as mais das vezes em mayor amor de que procede. Polo qual antes quisera que estiuera rindo.

POMPONIO.

Porque se diz logo, que esquiuança parte amor.

MARIO.

Parte, mas naõ assi ás primeiras razões: principalmente co'estas que os homens tomaõ com todas suas tachas.

POMPONIO.

Naõ era de perder tal occasiaõ.

MA-

MARIO.

Creme, que j'agora teu filho lança todas as culpas ſobre a má da velha.

POMPONIO.

Si, ſe a moça ſe deſculpaſſe.

MARIO.

Pera que, que elle meſmo a deſculpará: entaõ ao fazer das pazes mal polos terceiros.

POMPONIO.

Quantos imigos que tem eſtas noſſas fazendas.

MARIO.

Por iſſo dizem que anda o ouro taõ deſcorado como temido de tantos.

POMPONIO.

Té os cachorros, que ſaltaõ por amor del Rey de França.

MARIO.

Eſcandalizado ficaſte dos fiſicos corporais.

PONPONIO.

E dos ſpirituaes tambem, que tu naõ dizes. Ó Senhor Deos, como nos apalpaõ, & a que tempo: lançados fóra todos os outros competidores como vencidos.

MARIO.

Foy tempo que mandauaõ lauar os peccados com lagrimas.

POMPONIO.

Agora todos com aquella agoa que chamaõ da moeda. E he aſſi neceſſario pera gente taõ cobiçoſa do alheo como ſomos. Quem naõ tiuera filhos pera ſe partir, rindo de taõ

máo

máo mundo. Mas do noſſo negocio, que conſelho me das?

MARIO.

Dirtey o que me parece. O caſamento he a mayor couſa que o homem faz em toda a vida: peçote que o naõ fiemos de payxões de mancebos.

POMPONIO.

Como faremos?

MARIO.

Sobreſtemos aſſi alguns dias, entretanto trabalha tu, que teu filho ſe emende por ſi ſó he razaõ, naõ por aggrauos da Bolonheſa, que comigo naõ ſaõ neceſſarias outras mais negociações.

POMPONIO.

Naõ fora máo corrermos daqui eſtas más molheres.

MARIO.

Pera que j'agara; pois onde quer que forem haõ de leuar o coraçaõ de teu filho apos ſi.

POMPONIO.

Bom he ſempre afaſtar os azos.

MARIO.

As couſas da vontade naõ querem força, que entaõ as deſejamos mais.

POMPONIO.

Filhos de Adaõ, & de Eua.

MARIO.

Finalmente tem ſobre tudo cuydado da ſaude. E como te ja diſſe, a tudo vay pé ante pé. Entre tanto vernoshemos muitas vezes, & hũs lanços iraõ deſcubrindo os outros,

que

que naõ façamos cegueira em cousa que tanto releua. Deixote a Deos, que me chama outro negocio, tu tornate a casa.

POMPONIO.

Elle vá contigo. O descanso com que me este manda ir de vagar, como se eu teuesse os dias de contado, o canto d'arca pera as necessidades. Trago (como dizem) a alma no papo, & vejo cada dia partir outros mais sáos, & mais moços: & este diz que esperemos. Assi nos vay empondo o mundo d'oje para de menhaã, té que vem aquella derradeira ora, em que tanto ha que fazer. Quisera em tamanha tormenta ter meu filho a mais amarras: esta pressa me fez leuantar da cama ante tempo: Mario está taõ descansado bocejando. ó cuidados vãos dos homens! pera isto ajuntey eu, & guardey com tantos trabalhos, & perigos, pera deuassos, e deuassas? Naõ consentirá Deos tal. Cesarião se quiser auer siso, & responder ao sangue donde vem, será meu filho: quando naõ, a dor naõ se escusa: mas em fim toda a perda ha de ser sua. Minha molher senaõ fizer outro tanto, deixará cá bons herdeiros: tres dados, e estas boas donas. Cuydais que vê ella os erros deste filho? & se lh'o digo, logo hi saõ as desculpas. E quando ja al naõ pode ser, antes eu ey de ficar por culpado, ou por aspero, ou por estreito: afora aquelle dito geral de todas, que outro tanto faria eu em meu tempo. Sob r'isto naõ se escusaõ contendas cada hora quando nos mais necessario era o descanso, nos veyo fale-

lecer de todo. Quem ſae de minha caſa ? Oh Fauſta he, minha molher, grande companhia lhe vejo, toda de beguinas: nove ſaõ, quam certo he, que naõ auiaõ de ſer pares. Negocio he de devações ſobr'eſte filho. Quero as eſcutar, vereis que rasões taõ concertadas.

SCENA II.

FAUSTA. POMPONIO.

FAUSTA.

SE algũa hora, amigas de Deos, e minhas, tomaſte cargo de lhe encomendardes algũa peſſoa neceſſitada: ſeja deſta vez, que aſſim ſereis vós encomendadas ſempre nas voſſas neceſſidades.

POMPONIO.

Muito ſe lhes offerece, tudo ſerá ás minhas cuſtas.

FAUSTA.

Ora cada huma tome ſeu ramal de nós: cento e cincoenta por cada ramal.

POMPONIO.

Boa ſoma fazem.

FAUSTA.

Tantas vezes ha cada hũa de dizer aquella oraçaõ que vos dei eſcrita em pergaminho. Virgem, que he muito experimentada.

POMPONIO.

Como mezinha de velhas.

FAUS-

FAUSTA.

E affi tereis accefas as nove candeas que vos dei tambem de cera virgem.

POMPONIO.

As beguinas quer o fejaõ quer naõ.

FAUSTA.

E a cada nó beijar a terra, fem fallar palaura nefte meyo tempo.

POMPONIO.

Forte ponto pera molheres.

FAUSTA.

No cabo de tudo aveis de dizer: affi como ifto he verdade, affi de cór e de vontade faya (nomeailho) livre, e faõ defta infirmidade, quer feja malicia, quer maldade, de máo homem, ou má molher, quer outra fortuna qualquer.

POMPONIO.

Que pode logo Deos al fazer fe vai por confoantes?

FAUSTA.

Entretanto eu fallarey com a conuertida. E affi efpero em Deos, & nas palauras de muyta virtude, & na ajuda das peffoas deuotas, que meu filho torne á graça de Pomponio, o qual com paixaõ he pofto em cuidados nouos, & naõ de pay.

POMPONIO.

E polasha em obra; fe teu filho fe naõ emenda. Já lá vaõ: tarde fe me ordena oje o jantar. Quero entretanto dar vifta aos banqueiros, naõ cuidem os deuedores que fou já morto.

SCE-

SCENA III.

MILUO. ANTONIOTO.

MILUO.

PERA que ſaõ mais palauras, pede por boca, a eſcolher como em lauor d'amigo.

ANTONIOTO.

Taõ boa nouidade houue eſte anno?

MILUO.

Que naõ ha onde a recolher, & ſobre tudo boa mercadoria, boa.

ANTONIOTO.

Hi vai o feito todo: Miluo meu amigo, no preço me enganem, a mercadoria ſeja deſenganada.

MILUO.

Eſtás em teu ſiſo. Que o rico pera que quer o que tem? o pobre vá pedir por amor de Deos, & naõ ande d'amores.

ANTONIOTO.

Dizes verdade.

MILUO.

Ora eſſe teu enfermo de quaes he?

ANTONIOTO.

Auiate em Roma de andar pedindo piedades, & com que eſperança?

MILUO.

Fraca por certo, que em terra eſtás, onde naõ faraõ pobres nenhuns, com quantos hoſpitais nella ves.

ANTONIOTO.

E quem ſaraſſem: ao menos tu naõ eras o hoſpitaleiro.

MILUO.

No cabo eſtás. Ora me dize que tal a queres.

ANTONIOTO.

Boca aprazerada ſem ponta de miolo.

MILUO.

Freira nem caſada?

ANTONIOTO.

Saõ muito trabalhoſas.

MILUO.

E auiate d'eſtar vendendo a dinheiro perígos, & trabalhos: a minha gente toda he manſa: mas tenho de muitas ſórtes, aſſi como aqui ha muitas ſórtes d'appetitos.

ANTONIOTO.

Ah, eſqueciame que eſtauamos em Roma.

MILUO.

Virgem te naõ offereço, porque es tu. Que a hum nouel eſſe fora o primeiro offerecimento.

ANTONIOTO.

A que prepoſito, pois me já lembraſte onde eſtamos.

MILUO.

Que he outra boa mercadoria: punhadas, & lagrimas.

ANTONIOTO.

E mais onde a deſcobririamos?

MIL-

MILUO.

Por aqui ſe fazem.

ANTONIOTO.

Naõ entremos neſſas emburulhadas: queria couſa certa, & deſoccupada.

MILUO.

Que dizes?

ANTONIOTO.

Que naõ tiueſſe muytos negocios.

MILUO.

Ora naõ mais, das engeitadas queres.

ANTONIOTO.

Naõ aſſi, mas das que naõ ſaõ ainda taõ conhecidas.

MILUO.

Que barbarias vaõ pollo mundo, andaõſe mortos com ſeus ciumes, aquelle olhou, aquelle rio, aquelle acenou; & ainda iſto naõ baſta, mas até o que ſonhaõ cuydaõ que he verdade, & de tudo tem paixaõ: ſapos cuydaõ que lhe ha de falecer a terra: os noſſos cortesãos, todos corteſes, todos galantes, todos poſtos em razaõ, ajuntaõſe cinco & ſeis a hũa amiga, & de aprazimento de partes partem antre ſi o cuſto, & prazeres. Ella a todos grangea, & agaſalha: cuja acerta de ſer a noyte eſſe fica. Os outros naõ ſe vaõ por iſſo com pior roſto, outro dia lhe viraa a ſua vez: ah nem ha ciumes, nem inuejas, que mais parayſo queres neſte mundo?

ANTONIOTO.

Eſtaa bem, mas os filhos como os repartem.

MILUO.

Naõ he gente muyto afruitada.

ANTONIOTO.

E porem quando acontece?

MILUO.

Em tudo ha de ſer o que ella diſſer.

ANTONIOTO.

Quer o ſaiba, quer o naõ ſaiba.

MILUO.

Que cuydas que vay niſſo, enfim queremlhe bem como a filhos.

ANTONIOTO.

O Diabo ſe enforque. Mas eſte noſſo ainda que he Romão, ey medo que niſſo queira ſer barbaro.

MILUO.

Vaa ſer o Sol, naõ ves tu a pompa d'eſtas noſſas cortesãas? Quem baſtaraa ſoo por ſi a ſeu cuſto: donde cuydas tu que ſe ellas haõ de manter? que afora de eſtes certos que digo, ainda lhe ficaõ de fóra outros auentureiros, & naõ baſtaõ.

ANTONIOTO.

Demoslhe algũa nouiça.

MILUO.

Demos, mas ſeja porem Italiana, que tudo o mais he vento. Francezas, & Alemãas com quanto vinho bebem ſaõ mais frias que hũa pouca de agoa, Eſpanhoes todas vem ja coroadas de Calez, & de Valença d'Aragaõ: & ſempre o bruquel do rifiaõ ha de reluzir em algum canto da caſa como por poſſe. Ora que

roſ-

rosto he o de hũa Romãa, que graça das Bolonhesas, Francezas, Mantuanas?

ANTONIOTO.

Nisso, & em tudo he essa vossa Italia hum jardim do mundo.

MILUO.

E assi acertou a natureza de huma parte de montes altos, & de todas as outras de mar.

ANTONIOTO.

Com tudo defendemola mal dos estrangeiros.

MILUO.

Que tanto nola desejaõ.

ANTONIOTO.

Tambem as cousas todas vaõ a reuezes, muyto tempo mandou, & agora he mandada.

MILUO.

E roubada, saqueada, & esfollada. Mas deixemola estar, se me ouueres mister buscame, & seja como deue, que naõ percamos tempo como agora.

ANTONIOTO.

De que maneira?

MILUO.

Com aquelle ramo, com que passou todos os perigos do inferno.

ANTONIOTO.

Entendo, mas onde te acharey que certo sejas?

MILUO.

Em toda a parte que estiueres meya hora quedo: que eu tudo reuoluo, naõ guardo domin-

mingo, nem feſta, ardo ſempre de dia, & de noyte como hum forno de vidro: dias ha que naõ perdi outro tanto tempo como agora. Deixote a Deos.

SCENA IIII.

ANTONIOTO SÓ.

O DOUDINHO de Antonioto como auias miſter curado deſta tua cabeça. Cuydauas pola ventura que eſtauas em Portugal, onde todo o negocio he ſoſpirar, & dizer ſaudades? Torna em ti, & lembrete onde eſtás. Antonioto buſca dinheiro, & naõ buſques Miluo, nem outrem ninguem. Que farey? quanto podemos ajuntar com tanto trabalho taõ pouco ha, tudo Guiſcarda engulio de hum bocado ſem deixar pera hũa corda com que ſe homem enforcaſſe. Ó má velha pior que hum caõ faminto em engulir, & logo os olhos por mais certo, que naõ tem memoria nenhuma, como dizem dos galos, que por iſſo cantaõ tanto a miudo. Quem vir as ſuas feſtas ao receber do dinheiro cuydará que ja alli tempera hum tempo, dando hũa grãa volta naõ a conheceis com quanto a vedes ſem narizes como dantes. Eſtamos bem auiados, a velha ſem vergonha, Ceſariaõ ſem corregimento, ó velho eſcaſſiſſimo, & que anda ja ſobre auiſo: quem commetterá nenhum delles? Ó que inueja ey tamanha aquelles Dauos, & ſirios das co-

comedias que taõ bons lhe feraõ de enganar os feus velhos babofos. Com tudo tenho ja commettido efte noffo, com a alquimia: diz que quem fabe fazer ouro, & prata, que naõ ha mifter prata, nem ouro: aos veadores dos thefouros, dis que lhe naõ quer moftrar o feu. Á quantas deftas inuençóes ha polo mundo, refponde defcanfadamente, que naõ compra efperanças por dinheiro: & fobre tudo naõ quis morrer como cuydauamos. Agora faõ em pratica com noffa ama per via de devaçóes, tenholhe muyto gabada hũa conuertida Grega, grande minha oradora, e fe por aqui naõ fazeemos algũa entrada no cofcorrinho do velho, efcufadas faõ mais praticas de Miluo.

ACTO II.

SCENA I.

CESARIAÕ SÓ.

ESTE meu coraçaõ enlheeyro em que praticas começa entrar comigo, naõ me queria elle pouco ha fáltar do peito fóra que o naõ podia eu foffrer? Deixoume elle mais dormir, nem affoffegar? Agora que aconteceo de nouo, mandoufelhe por ventura defculpar alguem, ou chora, & fofpira alguem de todos nós fenaõ eu como? & tamanha injuria, & tam rezente, podelhe lembrar outra nenhuma coufa? Ainda

naõ

naõ quer, ainda naõ cansa. Em quanto ouue que dar durou o amor, voou a fazenda, voou elle juntamente. Ah, isto he o que pintaõ ao amor com asas, voou, fugio, desappareceo, sem nenhũa lembrança de mim se som vivo se morto. Como? & taõ pouco dura o amor? cuytado de mim, que fazia fundamentos delle pera toda minha vida, assi se põe tudo atras abrindo as mãos, & çarrando? bem seria sem nenhum sentimento este corpo tamanho, se em tal occasiaõ falecesse a si mesmo, & naõ se posesse em saluo a pesar do coraçaõ. Cheguey a noite passada áquella porta, que todas as horas me soya estar aberta de par em par áquella porta, que tambem parecia que ja me conhecia, & que se me abria de seu. Apalpeya, fiz meus sinaes acostumados: que aproueitauaõ? bati, bradey, tampouco: que mais quereis? Entrey em duuida, se errara a porta polo escuro que fazia: torney para tras, reconheci tudo de nouo. Aquella era a porta, aquellas as casas, & janellas: mas o tempo naõ era ja aquelle que sohia. Ah como me tomou este mal taõ descuidado! Doudo de mim, que cuydaua que tinha aquellas vontades por minhas de juro, & de erdade: & naõ ha cousa no mundo que taõ asinha passe. Que se fez de tantos sospiros, de tantas lagrimas, que se fez de tantas palauras, que se fez de tantas más palauras, que me ainda enganauaõ mais? Como? & fingidas podem ser tantas cousas? Enfim que fingidas foraõ, aquella só hora

foy

foy desenganada, aquella seu entendimento tiuesse, deuia eu de estimar muyto. Que tanto aperfiey até que a desnarigada ouue, finalmente de chegar a huma janella, donde me fallou estes amores que vos direy. Quem he o vaganaõ importuno, descortes, que a tais horas assi bate ás portas alheas? Ouuindo eu tal, o sangue me fugio de todo o corpo, & me deixou como hũa pedra fria: o que ella sentindo, seguio adiante, vá dormir onde ceou quem quer que he, ou se anda em busca de algũa má ventura, pode ser que a achará aqui. E assi a tornou a çarrar com tamanho golpe, que tambem a mesma janella parecia que ameaçaua. Aqui que desculpa pode auer? naõ me conheceriaõ? inde mal muitas vezes, que a outrem poderey enganar com esta rezaõ, mas naõ a mim. Era tarde, estariaõ peleijadas? embebedarsehia a velha? Ah, quantas desculpas, que naõ bastaõ. E o pior he, que m'as naõ dá ninguem, senaõ eu que naõ deuia. Bem empregado seja em mim, que ja este naõ foy o primeiro sinal, se eu ver, & entender quisera. Ora sus será logo o derradeiro, a osadas que bem me curaraõ das minhas cataratas. Quem sae de casa? a velha he porque me naõ enuio a ella? mas quero primeiro ver como se desculpa.

SCENA II.

GUISCARDA. CESARIAŐ.

GUISCARDA.

Segurayme bem esta porta, que se naő abra a ninguem até que eu torne: quem algũa cousa quiser falle de fóra.

CESARIAŐ.

Ia me vio esta aleiuosa, a mentira.

GUISCARDA.

Quem sospirar sospire, quem se queixar queixe, a minha porta como digo está a bom recado, que me custou muyto, & bom dinheiro.

CESARIAŐ.

Ó maluada, estas haő de ser as desculpas.

GUISCARDA.

Gentis seruidores, todo seu feito he rodearuola casa, espreitar ás janellas, espreitar os que entraő, & os que saem.

CESARIAŐ.

Que falece alli ja, senaő nomearme polo meu nome.

GUISCARDA.

E todauia ás vezes te daraő hũa boa musica de noite.

CESARIAŐ.

E outros amigos dentro, em quanto os encartados andaő por fóra.

GUIS-

GUISCARDA.

E porteam o Mayo á porta, com mais verſos que meſtre Paſquino, correraõ a argola diante das janellas, & faraõ aquelle dia hũa muyto boa inuençaõ de maſcara.

CESARIAÕ.

Eſta deſnarigada tudo queria que lhe meteſſem na bolſa.

GUISCARDA.

No meu bom tempo tal corteſaã ouue aqui, que a pedraria dos chapins era de mais preço, que a da garganta de grandes, & ricas donas.

CESARIAÕ.

As cuſtas de hum amigo, que por ventura promettia pobreza, & caſtidade.

GUISCARDA.

Aquelles chamaria eu ſeruidores, eſtes d'agora naõ ſe deuem chamar ſenaõ emportunadores.

CESARIAÕ.

Ó velha falſa, ainda te Deos chegue a tempo, que ninguem te importune.

GUISCARDA.

Aqui eſtauas Ceſariaõ, & eu naõ te via?

CESARIAÕ.

Pois Guiſcarda dia claro he, que naõ de noite.

GUISCARDA.

E que quer iſſo dizer?

CESARIAŐ.

Porque ás vezes ſenaő conhecem os amigos pollo eſcuro.

GUISCARDA.

Eu naő digo que te naő conheço, mas que te naő via.

CESARIAŐ.

E eu que me naő conheces.

GUISCARDA.

Deſde quando?

CESARIAŐ.

Deſque me roubaſte da alma, do corpo, & da fazenda.

GUISCARDA.

Fazes mal de me aſſi injuriares, que eu naő roubo ninguem.

CESARIAŐ.

Mas roubas injurias, & ſobre tudo ameaças.

GUISCARDA.

A quem?

CESARIAŐ.

A mim.

GUISCARDA.

Ah, que a iſſo vem as mais das vezes os muitos mimos.

CESARIAŐ.

Mimos dizes: roubado, injuriado, & lançado fóra.

GUISCARDA.

Pois aſſi queres, venhamos a todas eſſas tuas

tuas contas, & ſeja por a tua ordenança. Primeiramente ao roubado, de que?

CESARIAŐ.

De quanto tinha.

GUISCARDA.

Se por naő teres mais, queres que ſeja muito: vas arguindo mais ſpiritualmente do que deuias. Eu naő conto ſenaő por tres, & dous fazem cinco.

CESARIAŐ.

Pois, porque naő contas aſſi quantas boas obras de mim recebeſte?

GUISCARDA.

Aſſi ſeja, mas as que tu recebeſte deſta caſa, porque tambem te naő lembraő, & as naő contas?

CESARIAŐ.

Em quanto me ſentiſtes que dar, naő me fallaueis aſſi: que foy daquelle tempo?

GUISCARDA.

Paſſou, como ves que faz: diſſo te queixas?

CESARIAŐ.

Quem vos tanto deu como podia durar?

GUISCARDA.

Quem tanto de nós queria, que fundamento era o ſeu?

CESARIAŐ.

Deyuos quanto tinha.

GUISCARDA.

E de nós ouueſte tudo quanto querias.

CESARIAŐ.

Até as alimarias brutas fica algum ſentimento das boas obras que recebem : eſte he o amor das molheres ?

GUISCARDA.

E o dos homens ? ah que certo emprego : ſois como as andorinhas , vindes com bom tempo , & com elle vos partis.

CESARIAŐ.

Que ſe fez de quanto vos dey ?

GUISCARDA.

He gaſtado , tu querias que ainda duraſſe? até quando ?

CESARIAŐ.

Até que me eu podera remedear.

GUISCARDA.

Naő faças a tua conta ſó , & nós entre tanto de que viuiremos ?

CESARIAŐ.

Nunca te lembra ſenaő o teu intereſſe.

GUISCARDA.

Peccadora de mim , & a ti que te lembra ſenaő o teu ?

CESARIAŐ.

O meu intereſſe vem todo d'amor , & o teu de deſamor.

GUISCARDA.

Renego de tal amor , que nos quer deitar a perder.

CESARIAŐ.

Iulgayo polas obras.

GUISCARDA.

Duremnos ellas, & durartehemos nós.

CESARIAŐ.

Ó má velha como te naõ mato.

GUISCARDA.

Farias hum feito Romão.

CESARIAŐ.

Desapressaria a terra de taõ má cousa.

GUISCARDA.

Bem o podes fazer se quiseres, que isso se ganha nestas praticas escusadas.

CESARIAŐ.

Foyse sem me dar nenhũa outra esperança. Olhay as suas desculpas? olhay se ao menos, se lhe fez algũa toruaçaõ, ou sinal de vergonha, do erro tamanho que tinha commettido contra mim? Ella he ainda a que quer que se lhe desculpem: qual he o coraçaõ que tal soffre? que farey? enfim tambem o passear he máo remedio. Quero buscar Antonioto, que he ido a buscar outros amores nouos. Mas triste de mim onde m'os achará? molheres naõ falecem, mas amor, & contentamento saõ os que falecem: pera que he perder tempo andando? vejamos o que por oje se pode auiar, tanto que naõ, hi está esse Tibre que tem mortas outras muytas sedes neste mundo, assi faraa a esta minha.

SCE-

SCENA III.

FABIANO. CESARIAŐ.

FABIANO.

NAŐ me fujas Cefariaő, que tenho grande neceſſidade de ti.

CESARIAŐ.

De peſſoa taő neceſſitada?

FABIANO.

Que quer dizer, que eſtás taő demudado?

CESARIAŐ.

Diſſo te eſpantas, vendome lançado aos Liőes?

FABIANO.

Que te fazem.

CESARIAŐ.

Pedeme mais dinheiro Fabiano amigo.

FABIANO.

Ay cuitado de miın, ja o outro he gaſtado.

CESARIAŐ.

E eſquecidos tambem que he peor.

FABIANO.

E naő ha hi mais rezaő?

CESARIAŐ.

Antes tem trezentas mil.

FABIANO.

Nem mais vergonha?

CESARIAŐ.

Leuaraőlha com os narizes.

FA-

FABIANO.

Grande feito.

CESARIAÕ.

Naõ te benzas, qne te defenderá ſua rezaõ contra toda tua philoſophia.

FABIANO.

A iſto me chamas tu molheres?

CESARIAÕ.

Naõ ſey, mas muyto ſe parecem hũas com as outras.

FABIANO.

Ah, que te naõ acontece iſto ſenaõ por grande culpa tua.

CESARIAÕ.

Que poſſo fazer?

FABIANO.

Naõ te aueres contigo, como mãy com filho mimoſo, que o deixa fazer tudo o que quer.

CESARIAÕ.

E que remedio.

FABIANO.

Fazelo querer o que cumpre com enſino, ſenaõ com caſtigo.

CESARIAÕ.

Renego deſtes ditos curtos, taõ bons de dizer, & taõ máos de pór por obra.

FABIANO.

As mezinhas todas amargaõ.

CESARIAÕ.

Que farey ao coraçaõ?

FABIANO.

Hum coraçaõ, que a tal tempo te desempara, pera que o queres?

CESARIAÕ.

E tu nos teus amores, assi te has taõ valerosamente.

FABIANO.

Mal fazes de cotejar taes amores, que naõ tem outra cousa huns dos outros, senaõ o nome só que lhe vosoutros posestes forçadamente.

CESARIAÕ.

Deixate dessas tuas sofistarias, que naõ posso em hum mesmo dia pelejar com tantos.

FABIANO.

Quaes tantos?

CESARIAÕ.

Andey tégora em braços com aquella serpe de Guiscarda, & tu saesme agora de refresco com tuas razões.

FABIANO.

Que, naõ podes, nem sómente ouuir?

CESARIAÕ.

Outra ora me tomarás mais folgado, entaõ combateremos, que por agora naõ me falecem razões, mas forças, & tempo, deixote a Deos. Fabiano ainda naõ sabe da pressa em que meu pay anda pera me casar com Hippolita, que aos olhos deste he a mais fermosa cousa que ha no mundo, a mim he ella boa filha, alua, grande, & loura: fermosa he só Aurelia. Ó danças, ó jogos deste mundo,

co-

como ey de ver eu, & naõ pollos meus olhos!

SCENA IIII.

FABIANO só.

QUE grande poder he o do costume, que fez nesta terra ao amor soffrer praçaria, como em qualquer outro trato, e desamarrou-o a si daquelles seus pontos taõ perigosos dos ciumes, porque cada dia em outras partes ferem, & mataõ. Quem poderia isto crer em outra parte? que vem ir as suas amigas com outros a seus prazeres, & passaõ adiante com bom rostro, & graça, & que estes tambem sospiraõ, tambem choraõ, tambem tangem, & cantaõ os seus versos piadosos. E o de que mais me espanto he, que acontece isto a grandes engenhos, que naõ posso entender, como empregaõ assi taõ baixamente cousas de tanto preço. Vedes este Cesariaõ mancebo desposto, mánhoso, hum só filho a seu pay taõ rico, que máo pesar he feyto delle em taõ pouco tempo. Ençabrestoulo assi aquella desnarigada, com hũa filha que tem bonita: que he hũa piedade velo, andalhe sempre a d'arredor da casa com a boca aberta como encantado: em fim outro Cesariaõ de todo em todo, & naõ he o que soya. Eu som aqui estrangeiro & seu amigo: quiserame oje achar em sua companhia a ver Hyppolita, que he fóra de

casa em hũa deuaçaõ, podera assi ver milhor. Mas eylo que torna em grandes debates, vem com Antonioto, todos seus caminhos saõ pera esta parte, andaõ em busca de dinheiro, dura negoceaçaõ trazem, naõ os posso esperar.

SCENA V.

ANTONIOTO. CESARIAÕ. MARIO.

ANTONIOTO.

A Isto auiaõ de vir aquellas tuas brauuras, & aquelle teu lançar de fógos?

CESARIAÕ.

Assi se engana homem consigo muytas vezes.

ANTONIOTO.

Que vergonha tamanha, que es pera peleijar com hum Liaõ.

CESARIAÕ.

Ó meu Antonioto, que eu naõ som já o Cesariaõ, que tu conheceste! Se estas molheres me mandarem debar, & fiar, fiarey, & debarey. Inda hoje tinha algum sentimento do homem, cuidey que tinha coraçaõ, & mãos quando veyo ao tempo do mister, nem lingoa tiue.

ANTONIOTO.

Como?

CESARIAÕ.

Achey Guiscarda, viemos arca por arca,

ca, que queres mais que te diga? em fim venceome.

ANTONIOTO.

Naõ me digas tal.

CESARIAÕ.

He como te conto.

MARIO.

Errey em me moſtrar taõ frio ao requerimento de Pomponio, que anda doente, & apayxonado. Torno em ſua buſca.

ANTONIOTO.

Onde achaſte?

CESARIAÕ.

Ante a ſua porta.

MARIO.

Mas vejo Ceſariaõ c'o ſeu Antonioto.

ANTONIOTO.

Iſſo ſi, a eſte tal chamaria eu homem que foy buſcar o amigo a ſua caſa.

CESARIAÕ.

A payxaõ me leuou lá, & o deſejo da vingança.

ANTONIOTO.

E pois que fizeſte?

CESARIAÕ.

Eſtiue pera me enuiar a ella.

ANTONIOTO.

Milhor foy aſſi, que era caſo de prepoſito.

MARIO.

Eſtas ſaõ as ſuas deſauenças.

CESARIAÕ.

Tolheraõſeme os pés, & as mãos.

AN-

ANTONIOTO.

ó Cesariaõ, pior he ja a vergonha que o damno.

CESARIAÕ.

Tomoume esta desauentura muito descuidado, ajudame desta vez a saluar, & pera a outra ajudame a matar.

MARIO.

Entre tanto mal pola fazenda.

ANTONIOTO.

Que gosto podes ja ter naquella casa?

CESARIAÕ.

Mas em qual outra posso eu ja achar nenhum?

MARIO.

A tempo vim.

ANTONIOTO.

Isso falece em Roma, moças fermosas, & chocorreiras, que m'as daua Miluo a escolher.

CESARIAÕ.

E queres que andemos assi, de Miluo pera Guiscarda, & de Guiscarda pera Miluo?

ANTONIOTO.

Naõ sabes o que dizem? quem se muda Deos ajuda.

CESARIAÕ.

Quem pudesse?

ANTONIOTO.

Daqui a dous dias quererás morrer outra vez, antes morre agora: pera que he comprar taõ caro, taõ pouco tempo, & mais de tal vida?

Cesariaõ.

Aſſeguremos milhor noſſas couſas deſta vez.

Antonioto.

Que ſegurança de Guiſcarda ?

Cesariaõ.

E eu tambem da minha terey mais comedimento.

Antonioto.

E da ſua, que naõ aja nenhum ?

Cesariaõ.

Tambem que faraõ ? veslhe tu outras rendas ?

Antonioto.

Ah, ah, ah, vens afiado das mãos de Guiſcarda : quem ſe tomará contigo ?

Cesariaõ.

Naõ te buſquey pera deſputarmos : mas pera buſcarmos remedio.

Antonioto.

Naõ conheces teu pay como he duro ? & mais anda já ſobre auiſo. Sabes quanto ? diſſe ja a tua mãy, que naõ auia Guiſcarda de ſer ſua herdeira.

Mario.

Nem minha a poder que eu poſſa.

Cesariaõ.

E eu Antonioto, que ey miſter pera depois de minha vida ?

Antonioto.

Hum grande epitaphio de morte taõ honrada.

Ma-

MARIO.

Tem razaõ.

CESARIAÕ.

E tu zombas , & ris : mal por quem naõ pode.

ANTONIOTO.

Com quanto me ſeguravas oje , que nunca mais , bem me parecia tudo vento , por iſſo deixame ir dar viſta a alguns laços , que tenho armados. E mais naõ queria que a tal tempo nos acertaſſe teu pay de ver juntos , mandame ás más oras , & caçarey.

CESARIAÕ.

Vay , & naõ tardes.

SCENA VI.

MARIO SÓ.

QUE ſoſpeitoſos juyzes ſomos todos nos noſſos intereſſes : parece agora muyta razaõ a Pomponio , que metta eu em tal fogo a filha juntamente , & a fazenda : ainda ſe os noſſos caſamentos foſſem como os antigos , menos mal: que ſe faziaõ , & desfaziaõ taõ breuemente. Mas agora que ſó a morte os póde apartar , digouos que me requere dura couſa. E mais naõ me deixando a fortuna al , em que poſſa ſaluar eſta caſa , ſe aquella filha naõ. Hum filho me leuou na ſua meninice : & polos acontecimentos em que ſe perdeo , huns annos tiue algũa eſperança : mas j'agora a filha me con-

conuem d'agaſalhar o milhor que poder, & polo filho deixar de ſoſpirar mais, & que ſeja o eſteo fraco pera o tal peſo, que fará quem naõ tem outro? Antonioto torna com ſua ama, aſſaz tenho ſabido do negocio, naõ quero ſaber mais.

SCENA VII.

ANTONIOTO. FAUSTA.

ANTONIOTO.

MOLHER ſanctiſſima.

FAUSTA.

Muito mais ainda do que dizias.

ANTONIOTO.

Eu vou ſempre aſſi attento, & queria que ſe achaſſe antes mais que menos.

FAUSTA.

Menos dizes? como ſe tiveras dito de cem partes hũa.

ANTONIOTO.

Em que fallaſtes tanto?

FAUSTA.

Tanto? & a mim parecème que foy hum ſonho.

ANTONIOTO.

Sabes que ſonho? que ſe foraõ as beguinas, & diſſeraõme que ellas teriaõ cuidado.

FAUSTA.

Eſtaua como fóra de mim.

AN-

ANTONIOTO.

Grandes ſegredos ſaberias, que nós outros cá naõ alcançamos.

FAUSTA.

Nunca tal cuidey de ouuir neſte corpo peccador?

ANTONIOTO.

Em que fallaſtes, ſe he pera dizer?

FAUSTA.

Em muitas couſas ſanctas: ſe as comadres conheciaõ hũas ás outras lá no outro mundo.

ANTONIOTO.

Que te diſſe?

FAUSTA.

Que era couſa muito certa.

ANTONIOTO.

E a mãy ao filho naõ, nem o filho á mãy?

FAUSTA.

Que me dirás a iſſo?

ANTONIOTO.

Saõ ſegredos grandes.

FAUSTA.

Porém prometteo de me enſinar hũa devaçaõ pera conhecerem tambem os parentes.

ANTONIOTO.

Bemauenturada tu, & polla ventura saberá outra pera os amigos?

FAUSTA.

Pois que cuydas:

ANTONIOTO.

Ficarieis grandes amigas:

FAUSTA.

Mais que irmaãs :

ANTONIOTO.

He verdade que vaõ as almas em romaria a Sanctiago.

FAUSTA.

Huy, muyto certo : as que lá naõ foraõ em vida.

ANTONIOTO.

Assi dizem aqui estes Iudeus, que haõ d'ir a terra da promissaõ em morte por debaixo da terra, foçando como topeyras.

FAUSTA.

Por isso quem lá poder ir na vida.

ANTONIOTO.

Antes a meu parecer será milhor depois.

FAUSTA.

Porque cuytada de mim ?

ANTONIOTO.

Porque, aquella estrada que vemos de noite, naõ tem tantas encruzilhadas, nem tantos ladrões.

FAUSTA.

Bom he pagar co'as diuidas.

ANTONIOTO.

E farseha com muyto menos custo, & trabalhos : sem passar pollo máo gasalhado de Portugal, nem polas çugidades de Galliza.

FAUSTA.

Tudo isso sam trabalhos do corpo.

ANTONIOTO.

Que te disse da caldeira de Pero Botelho ?

FAUS-

FAUSTA.

Deos nos guarde, que estaõ ahi sempre tantos inimigos com ganhados.

ANTONIOTO.

Como tripeiras na praça, & frades na enuolta?

FAUSTA.

Guardeos Deos de mal.

AETONIOTO.

Assi os pintaõ com suas coroas. E Ioaõ despera em Deos?

FAUSTA.

Vio, & falloulhe: pareceme que em Grecia, & nunca mais ria.

ANTONIOTO.

He verdade do pesadelo, que tem a maõ furada?

FAUSTA.

E pois que cuydas? muyto mal se faria logo, se tal naõ fosse: tambem me ensinou a sua deuaçaõ.

ANTONIOTO.

Degradaõ lá pera o màr colhado?

FAUSTA.

Ay Antonioto em vida, & em morte.

ANTONIOTO.

Em vida tambem? Fazme isso cuidar em teu filho, que naõ parece aquelle dias ha.

FAUSTA.

Muyto fallamos sobre isso. Diz que pode muyto bem ser; quanto á vista, andar aqui,

&

& eſtar lá degradado : delles mettidos até a cinta , delles até o peſcoço.

ANTONIOTO.

Ey medo ſegundo teu filho anda.

FAUSTA.

Prometteome de fazer ſua oraçaõ por elle.

ANTONIOTO.

Por te dizer a verdade , iſſo naõ me ſatisfaz muyto.

FAUSTA.

Porque Antonioto ?

ANTONIOTO.

Porque he coſtume deſtes priuados , podendo quanto querem , dizerem ſempre eu fallarey.

FAUSTA.

Ella m'o diſſe com tal graça que eu fiquey contente.

ANTONIOTO.

Dáo logo por feito. Somos em caſa.

FAUSTA.

Depois fallaremos mais de vagar , naõ dés conta diſto a ninguem.

ANTONIOTO.

Deſcanſa. Ó graças deſte mundo , naõ ſey como me pude ter ao riſo por vezes fuy abalado de maneira , que dey a negociaçaõ toda por perdida , mas ella naõ atentaua , nem via, nem ouuia , que taõ occupada vinha do ſpirito. Eſſas vos digo eu que ſaõ graças , que naõ as dos truães frios , qu'eſtaõ toda a noite eſtudando em ſuas ſenſaborias. Ó que leue couſa

he ,

lhe, enganares a quem deſeja de te crer. Guardeme Deos daquelle cabeçudo de noſſo amo, que por mais que lhe digais, & jureis, ſempre eſtá dando á cabeça. Eſta ſi que naõ duuida. Ó que dias agora ha de leuar, nos ſeus ajuntamentos com aquellas ſuas comadres, que ha de conhecer no outro mundo. Deos nos valha, que as outras naõ ha taõ pouco de querer trazer alli ſuas lingoas ocioſas. Ó ſenhor, que ajuntar de cabeças, que reuoluer d'olhos, que bolir de beiços, que affiar de lingoas, que hũa naõ dá lugar á outra. Cuydais que ſe eſcuytaõ? a prepoſito, eſtaõ ſempre eſperando tempo pera tomarem a maõ, depois naõ a querem perder taõ aſinha. E aquella vem alli mais rica, que traz mais fortes caſos pera contar. Que couſas dirá agora noſſa ama? & que enueja lhe haõ d'auer as outras? Entaõ eſtes ſeus maridos que nos gouernaõ, mais barbudos que os hermitãos dos montes hermos, ſaõ enfim gouernados por ellas. Quantas couſas tenho oje pera fazer.

ACTO

ACTO III.

SCENA I.

MILUO. VILHALPANDO CAPITAÕ.

MILUO.

QUE o naõ digo por me eſtar gabando, mas quem as manda todas, & as gouerna ſenaõ Miluo?

VILHALPANDO.

Aſſi me dizem, que ja venho a ti por fama.

MILUO.

Que te differaõ de minha fé, e diligencia.

VILHALPANDO.

Milagres.

MILUO.

Naõ poderas topar em toda Roma com homem que te aſſi auiaſſe, & deſenganaſſe.

VILHALPANDO.

Nem tu com quem te aſſi pagaſſe: que eſtes clerigos todos ſaõ auarentos.

MILUO.

Naõ pera eſtas obras de miſericordia corporaes.

VILHALPANDO.

Enfim naõ te has de queixar de minha companhia.

MIL-

MILUO.

Sabes em que as ſenhoreo ? ſeylhes todos ſeus ſegredos.

VILHALPANDO.

A la fé que hi vay o ponto : ſuſponhamoſlhe as mãos , do mais remetamonos ás obras.

MILUO.

Que naõ ay tais teſtemunhas.

VILHALPANDO.

Aquellas ſaõ as caſàs , mas vejo tudo fechado.

MILUO.

Oh em Aurelia a Bolonheſa me fallas.

VILHALPANDO.

Que olhos ? que chameſaõ mais de dia que as eſtrellas de noite.

MILUO.

Taõ boas ſaõ as mãos ?

VILHALPANDO.

Diuinas , aluas como a neue , compridas , as vnhas longas , & coradas.

MILUO.

Aſſi caçaõ ?

VILHALPANDO.

Queriaſeme outem lançar da janella abaixo : oje vejo tudo fechado.

MILUO.

Tem ſuas occupações , nas couſas das molheres naõ has de ſer muyto eſpeculatiuo.

VILHALPANDO.

Ó que boca , ó que riſo , ó que graça,

MIL-

Miluo.

Em ſuperlatiuo gráo, mas a lingoa?

Vilhalpando.

Como?

Miluo.

A da mãy digo, que damna tudo, he hũa ſerpente.

Vilhalpando.

Encantemola.

Miluo.

Aſſi he neceſſario. Mas com que?

Vilhalpando.

Com palauras brandas, & auiſadas.

Miluo.

Cerralhe os ouuidos.

Vilhalpando.

Seja com algũa feytiçaria.

Miluo.

Traz defenſiuos.

Vilhalpando.

Ou com muyto de comer, & beber.

Miluo.

Faz todos ſeus partidos em jejum.

Vilhalpando.

Com dadiuas?

Miluo.

Eſſe ponto me lee, e toda a caſa he noſ-ſa.

Vilhalpando.

Sobr'iſſo farei inda hũa gentileza com ellas.

Miluo.

Que tal?

VILHALPANDO.

Mandarlhey hũa Esparsa de perlas.

MILUO.

Segundo a velha he toda gentil.

VILHALPANDO.

Esta vossa Roma toda se reuolue em dinheiro.

MILUO.

Somos assi partuos.

VILHALPANDO.

Quebrarey dez lanças d'armas no canto daquella sua casa.

MILUO.

Hum Roldaõ.

VILHALPANDO.

Lançarmey em terra, & erguermey armado de ponto em branco.

MILUO.

Quem fez nunca tal!

VILHALPANDO.

Saltarey em hum cauallo sem pór pé na estribeira.

MILUO.

Ligeireza.

VILHALPANDO.

Bafordarey por cima daquella torre.

MILUO.

Galantarias?

VILHALPANDO.

Correrey a cavallo em pé na sella.

MILUO.

E se elle embicar?

VILHALPANDO.

Lançarmey fóra como hũa aue voando.

MILUO.

Graças que Deos dá às peſſoas.

VILHALPANDO.

Mas pois naõ querem ſenaõ dinheiro, que lho demos.

MILUO.

Creme, que eſte he o mais certo caminho.

VILHALPANDO.

Parecete eſta boa moeda?

MILUO.

Muytos deſtes me podiaõ fazer grande ſenhor.

VILHALPANDO.

No ſpiritual, & temporal. Mas eſpera pedirey aqui papel, & tinta, & irá tambem a Eſparſa de companhia.

MILUO.

Aqui te eſpero, que as matarás d'amores.

SCENA II.

ANTONIOTO. MILUO. VILHALPANDO.

ANTONIOTO.

FALLEY com a conuertida, naõ ſe pode crer o ſeu ſpirito. Vrdimos noſſa tea, agora ha de vir hum hermitaõ darlhe os fios, naõ me parece elle muito ſufficiente, mas naõ ti-

nhamos outro : he eſte Miluo ? Deos te ſalue.

MILUO.

De homens ocioſos, & ſem proueito.

ANTONIOTO.

E tu que fazes agora aſſi eſtando ?

MILUO.

Mais do que tu cuydas.

ANTONIOTO.

Sempre fazes caſos.

MILUO.

Eſpreita, & veloshas, ſe me naõ cres.

VILHALPANDO.

Naõ te fiz perder muyto do dia.

MILUO.

Naõ acharias auiamento.

VILHALPANDO.

E tu cuydauas que era eu como eſtes Poetas, que andaõ ſempre fallando conſigo, & carcarejaõ mais hum verſo, que hũa galinha o ſeu ouo.

MILUO.

Es preſtes d'engenho.

VILHALPANDO.

Naõ ſaõ deſſes; em dizendo, & fazendo eſtá prompto.

MILUO.

Com quantos ſentidos me Deos deu.

ANTONIOTO.

Maluado que me eſtá dando d'olho.

VILHALPANDO.

Hercules que la Serpienta
Hidra mató ſin temores,
Tuuiera gran ſobreuienta
En vos requeſtar d'amores.

MILUO.

Que alto, que heroyco começo, inuentiuo, rodante, accommodado ao propoſito.

VILHALPANDO.

Quan fuera de cartas, y coplas para requerir nueuos amores, torno do começo.

MILUO.

Dize que eſtou fóra de mim.

VILHALPANDO.

Hercules que la Serpienta
Hidra mató ſin temores,
Tuuiera gran ſobreuienta.
De vos requeſtar d'amores.

MILUO.

Ay, ay, ay, ay, Ay. Que farey.

VILHALPANDO.

Jupiter el falſo Dios
Amor transformolo en Toro,
Amor transformolo en oro
Como agora a mim por vós.

MILUO.

Altiſſima, ſantiſſima, argutiſſima. Aludindo por derradeiro ao nome de Aurelia.

VILHALPANDO.

Quanto folgo de me aſſi entenderes.

MILUO.

Eſtou fóra de mim.

Vi-

VILHALPANDO.

Mas tudo iſto he perdido em Roma.

MILUO.

Porém em Roma ha Aurelia.

VILHALPANDO.

Bem diſſeſte. Ora eſtás auiado, negocea, que eu vou entender em certas differenças.

MILUO.

Vay, & deſcanſa : mas daſme licença que tome o treslado?

VILHALPANDO.

Naõ por agora, depois bem ſe fará tudo.

MILUO.

Que te parece Antonioto? perdia eſtando tempo?

ANTONIOTO.

Grande homem tens entre as mãos.

MILUO.

Naõ vias como ſe entoaua.

ANTONIOTO.

Todos os Poetas aſſi ſaõ enfeitiçados com ſuas couſas.

MILUO.

Tenhome com eſte ouro, que a todos contenta.

ANTONIOTO.

A bons ſaõ os eſcuydos. Voume, que naõ he tempo de ter pontos contigo, que tens tais armas d'avantagem.

MILUO.

Foiſe, que me matem ſe eſte tambem naõ jaz nas redes de Guiſcarda. He ella que vem acol-

acollaa? essa mesma: aquell'outro he Cesariaõ, rosto fazem hum pera o outro.

SCENA III.

GUISCARDA. CESARIAÕ. MILUO.

GUISCARDA.

PASSAREI segura?

CESARIAÕ.

De quem Guiscarda?

GUISCARDA.

D'aquellas tuas ameaças.

CESARIAÕ.

Tudo me esquece quanto deuo de fazer naõ sey, porque m'o lembras.

GUISCARDA.

Naõ queres que tema de quem me assi ameaça?

CESARIAÕ.

Naõ he por isso, mas polo muyto que me tens errado.

GUISCARDA.

Senaõ queres al de mim, voume, que senaõ negoceaõ assi as cousas, que muyto releuaõ. Digote que dormes, & naõ dormem outros.

MILUO.

E mais com tal moeda na maõ.

CESARIAÕ.

Dormir dizes? naõ ſabes tu que tens mudado o coſtume aos meus olhos?

GUISCARDA.

De que maneira?

CESARIAÕ.

Que todo aquelle tempo que ſohiaõ de dormir, agora choraõ.

GUISCARDA.

E de que ſerve? vigia, e negocea.

MILUO.

E mais pera que medranças.

CESARIAÕ.

Sempre hei de negocear? té quando?

GUISCARDA.

Sempre has de querer mais de nós? té quando? Se te naõ aprazemos já, amigos como d'antes.

CESARIAÕ.

Que pouco mais ou menos, toda he hũa meſma amiſade.

GUISCARDA.

Enfim es caſado, vaite pera tua molher.

CESARIAÕ.

Caſado? e quem me quererá a mim deſta maneira?

GUISCARDA.

Mancebo, gentil homem, hum filho ſó d'um pai muito rico, & muito velho: es pera engeitar.

CESARIAÕ.

E porém aſſi ſou engeitado, & lançado fóra deſſa caſa.

GUISCARDA.

A qual casa fazes conta, que se naõ pode ter de sospiros.

CESARIAÕ.

Os meus appetitos vos poseraõ neste estado.

GUISCARDA.

Que passem abrindo a maõ, & çarrando.

MILUO.

Pratica cossaira.

CESARIAÕ.

Depois que me ouuestes as mãos a triste da minha alma, & o triste de meu coraçaõ, engeitaisme o corpo, & quereisme assi deixar morrer.

GUISCARDA.

Tu sararás.

MILUO.

Como falla ousada, porque naõ tem narizes.

CESARIAÕ.

Assi que me naõ dás remedio nenhum.

GUISCARDA.

Pedesme o que naõ tenho pera mim.

CESARIAÕ.

Nem esperança.

GUISCARDA.

Enfim dirtei huma verdade, a nós comprenos viuer como nossas visinhas, que todas tem amigos certos, himos ja çarrando nossa conta, no lugar que ainda fica naõ engeitaremos a ti tanto por tanto polo amor que te temos. E oje aja tua reposta, que naõ que-

re-

remos mais eſtar por eſte partido de bem te farei.

CESARIAÕ.

E muito menos por de bem te fiz, ſegundo me ora parece.

GUISCARDA.

Sabes, aquella neceſſidade que tenho me naõ daa vagar, nem o poſſo dar a ninguem.

MILUO.

A tempo vem logo os eſcudos do Sol.

GUISCARDA.

Eſtamos aſſi a ventura, naõ ves tu tantas fermoſas polas janellas, & tantos ocioſos pelas ruas?

CESARIAÕ.

E a todos eſſes tu queres metter em caſa?

GUISCARDA.

Mas a todos eſſes tu queres que çarremos a porta por amor de ti.

MILUO.

Naquillo tem razaõ, a fallar verdade.

CESARIAÕ.

Ora dize, pois minha mofina aſſi o quis, que quinhaõ ſerá o meu concertandonos.

GUISCARDA.

Terás tua noyte na ſemana.

MILUO.

E naquillo tambem comeo muito, quelo metter em dieta.

GUISCARDA.

Se fores neſſe conhecimento.

Cesariaõ.

Do que me queres vender como a mouro, ou a judeo, ou de que.

Guiscarda.

Ainda tu es taõ aprendiz, que naõ entendes as auantagens dos feruidores nouos: que faõ taõ aprazíueis, a toda a cafa querem contentar, até os cães, & os gatos.

Cesariaõ.

Enfim o vencido, por força, he que viua polas leis do vencedor, pois affi he que auemos de entrar ao efcote, carniceiro alça o cutello, & reparte.

Guiscarda.

Olha naõ me chames depois carniceira de verdade.

Cesariaõ.

Foyfe? voume enforcar, eftes foraõ os perdões.

Miluo.

Como Cefariaõ he moço: quero dizer como Cefariaõ he paruo, que ainda naõ fabe que era o que auia de pedir os perdões. Que preffa a velha leua, voume depos ella.

SCENA IIII.

GUISCARDA. MILVO. AURELIA.

GUISCARDA.

AINDA a porta naõ era bem çarrada ja batem, que máo officio ferá o de porteiro dos frades.

MILUO.

Ta, ta, ta.

GUISCARDA.

Ou he algum doudo, ou algum priuado. Ah bem diuinhaua eu.

MILUO.

Que ençarramento he efte.

GUISCARDA.

Naõ fabe homem quem lhe quer mal.

MILUO.

Quem ha de querer mal, a quem naõ faz mal a ninguem.

GUISCARDA.

Affi he elle fe nos valeffe, mas que mandas?

MILUO.

Com que preffa te macolhefte, ainda tu tens boas pernas.

GUISCARDA.

Trazemme como dizem as raparigas de cantaro. Mas cumprete de nós algũa coufa? que ja fabes como tudo he teu.

MIL-

Miluo.

Renego deſte tudo, que nunca ſegura nada: mas ay por ventura occupaçaõ, ou como te me atraueſſas aſſi diante.

Guiscarda.

E mercadoria te parece a deſta caſa pera eſtar as moſcas.

Miluo.

Vou logo auante, que naõ ha hi peor negoceaçaõ que a ſem tempo.

Guiscarda.

Naõ me tens aqui?

Miluo.

Eu buſcaua Aurelia.

Guiscarda.

Que lhe querias?

Miluo.

Nada, naõ ſey que trazia neſta manga quiſera conuidar.

Guiscarda.

Es ſeruidor de capello.

Miluo.

Eſſe máo, tirte lá que naõ he pera ti.

Guiscarda.

Ah, ladraõ, que bons eſcudos: onde os furtaſte?

Miluo.

Na caſa da moeda.

Guiscarda.

Nouos d'agulha, queres que a chame.

Miluo.

Naõ, ſe eſtá occupada.

Guis-

GUISCARDA.

Huy, que occupaçaõ pode auer pera ti?

MILUO.

Ferida vay, eſtes ſaõ os tiros do ouro que dizem os Poetas de ſeu Deos do amor.

AURELIA.

Quem he eſte meu ſeruidor, que nas boas horas ſeja. Tu eras? olhay os amores, que ha mil annos que me naõ vio, naõ te quero fallar.

MILUO.

Entaõ de que viuirey eu?

AURELIA.

Si, tolhesme a viſta tantos dias ha, razaõ ſeria que te tolheſſe eu agora a falla.

MILUO.

Ora por paſſar eſtes aggrauos, lancemos hũas ſórtes.

GUISCARDA.

Que tais?

MILUO.

Tenho neſte punho hũa peça, neſte outra.

ANTONIOTO.

Naõ aja bulra.

MILUO.

A fé que naõ, quem acertar á milhor a ſua ventura lhe valha.

GUISCARDA.

Eſta ſeja a minha.

AURELIA.

E a minha eſs'outra.

MIL-

Miluo.

Primeiro vejamos a que tomaraõ primeiro. Efparfa feita em louuor da fenhora Aurelia por hum grande feu feruidor.

Guiscarda.

Seja logo fua : vejamos efs'outra.

Aurelia.

Ifto fi , efta he a minha.

Miluo.

Efpera , que ainda fobr'iffo ha muyto que fazer.

Aurelia.

Faze conta que os vifte.

Miluo.

Eftás logo bem , que tens por onde pagar.

Aurelia.

Naõ faõ mais de dez efcudos , quanta ora por taõ pouco. Vejamos a Efparfa.

Guiscarda.

Que iguaria pera enfaftiados.

Miluo.

Lá fallaremos dentro.

Aurelia.

Entra minhas barbinhas d'ouro , minhas perlas , que vem gente.

SCE-

SCENA V.

APOLONIO HERMITAŐ. ANTONIOTO.

APOLONIO.

POR aqui ha de ſer ſegundo a informaçaő, ey de eſperar piloto que me nauegue.

ANTONIOTO.

Torno a guardar aquelle Hermitaő, o que azemel taő peſado da redea, de quaő preſtes he a grega.

APOLONIO.

Dominum, Dominum, Dominum.

ANTONIOTO.

E porém as vezes aſſi carrancudos, & de má graça enganaő mais.

APOLONIO.

Dominum, Dominum meum, Dominum meum.

ANTONIOTO.

E os agudos que querem dar razaő a tudo, as vezes ſe perdem.

APOLONIO.

Conturbatus, conturbatus.

ANTONIOTO.

Eſte he bom vem, como dizem, em habito, & tonſura.

APOLONIO.

Abrenuntio, abrenuntio, abrenuntio.

ANTONIOTO.

Apolonio deixa de rezar, & eſcuta.

APO-

APOLONIO.

Naõ pode homem em Roma acabar hũa oraçaõ em paz, por isso he melhor estar soo na minha lapa.

ANTONIOTO.

Ah, ah, ah, que tambem me quer enganar a mim.

APOLONIO.

ó! tu eras: naõ te conhecia; como está a casa?

ANTONIOTO.

Vosso amo repousa, nossa ama te espera.

APOLONIO.

Bem está.

ANTONIOTO.

O que logo poderes recadar, naõ o deixes pera depois.

APOLONIO.

Mas deixalohia pera dia de Sã Circijo.

ANTONIOTO.

Espanta, apanha, & despachate.

APOLONIO.

Bem te ouço.

ANTONIOTO.

Se te enquererem muito, fazete agastadiço, & de poucas palauras.

APOLONIO.

Tudo me lembrará.

ANTONIOTO.

Aquella he a casa, vay muito em hora maa.

APOLONIO.

Maa seja pera ti.

ANTONIOTO.

Quem anda neſte mundo em ſeu habito, nem em ſeu proprio roſto? de alguns Religioſos ſahem enganos, dos Regedores as deſordenanças, dos letrados as cautelas, aſſi como das boticas as peçonhas. E como dizem, os beleguines ſaõ os que roubaõ a cidade. De que fazem em Roma os officiaes taeis quintas? quem ſabe de noſſa caſa? o velho he em outro poſto, eſperarey o Hermitaõ a tornada, que ja ſabe onde ha d'acudir.

SCENA VI.

POMPONIO SÓ.

ESTA minha caſa toda anda trouada, a mulher dentro em puridades, fóra em deuações, naõ ſey que negoceaõ todos, que aſſi ſe velaõ de mim, em parecendo logo mudaõ a pratica, & todos ſe acenaõ. Quando auiamos miſter mil olhos, & mil ouuidos pera nos valermos de tanta gente, entaõ perdemos o ver, & ouuir. Quando nos eraõ mais neceſſarios os pés, & as mãos, entaõ, nem os pés vos podem trazer, nem defender as mãos; ſobre tudo creſcem os negocios, & trabalhos, falecem os paſſatempos. Soya a ſer, que ao erguer da cama pedia de veſtir, pera ver, & conuerſar, & agora tremo, & pareceme que peço armas pera ſayr a pelejar. Ó grande natureza como foſte taõ bandeira por parte dos começos das cou-

cousas, com os meninos todo mundo folga, té as suas sensaborias se lhes tornaõ em graças. Ao contrario com os velhos, todos se enfadaõ, todos se carregaõ, antes que passemos desta vida já começamos d'assombrar. As menhãs de seu natural saõ graciosas, as tardes tristes. E como disse aquelle grande nosso Romão as mais das gentes fazem sua oraçaõ pera onde o Sol nace. O porque ás vezes me falece a paciencia, assi he ver os meninos em taõ pouco tempo duas vezes dentes, & a nos que nos desemparem assi em tempo de tanta necessidade, valnos algũa experiencia que alcançamos com os dias, por onde assi passo, como andamos trilhamos longe: por ventura serey eu oje tal com meu bordaõ, que por isso dizem que sabe o diabo muyto.

SCENA VII.

MILUO SÓ.

A VERDADE, & mais no teu officio te encomendo sobre todas as cousas, os tafuis roubaraõ em outra parte, por pagarem fielmente o que fizeraõ bom sobre sua palaura. Logo a ti torno, ja çarrou a porta, naõ vejo ninguem, que farey? com quem fallarey este segredo tamanho que me naõ descubra? Onde acharey eu agora hum mudo, & que ouuisse, pera que podesse desabafar com elle. ó velho paruo de Miluo, que te nasceraõ os dentes em Florença, & ago-

ra te caem cada dia em Roma, tornares affi de nouo a engatinhar. Cuydey, que ao menos nefte mifter das molheres, pola longa experiencia, que ja tinha defcuberto tudo. Velho tollo, outra vez, & muytas: que oje nefte dia tornas a entabolar o teu jogo de nouo. Cuydey hum tempo que valia com ellas mocidade, auifo, nobreza, boas manhas, bom parecer. Naõ tardou muyto que mudey a opiniaõ, & cri outros dias que tudo eftaua em diligencia, azos, conuerfaçaõ, terceiras ás orelhas. Fuy mais auante, affirmeyme: que o fegredo eftaua em dadiuas, & que tudo o mais era o vento, & nifto affentey. Entaõ tinha grande paffatempo com eftes requebrados, mortos d'amores, aqui cayrey, alli cayrey fem hum fó real na bolfa. Agora ja no cabo da vida venho fóra de mim, com a noffa Aurelia, moça fermofa, taõ eftimada nefta corte: olhay quem efcolheo em toda ella? des que rimos, & chocarreamos deylhe todas minhas contas fem me terem de nada, fenaõ quando fupitamente finto na moça mudança de cores, e de palauras, pofto que diffimulaua a todo feu poder, nifto a velha deyxounos, ella contra mim toda demudada diffe. Miluo a eftreyteza do tempo naõ foffre mais, mas fe algũa ora ouuefte d'algũa coufa piedade, feja agora de mim. Moça cuytada, morta d'amores em poder de taõ cruel mãy como fabes, fem oufar de o defcobrir nunca a ninguem fenaõ agora a ti. E dizendo ifto, as lagrimas que cor-

corriaõ em fio dos feus olhos como de hũa fonte : finalmente morre d'amores por hum rabanas Efpanhol , negro , crefpo , narigaõ , que hum deftes dias andou ás cutiladas diante da fua porta com outros tais , em que ferio , & foy ferido. Diz que nunca vio coufa taõ fermofa , como andaua cheo do feu fangue , & do alheo. Ó Senhor Deos , a mim que o conheço , mas aprouelhe : hi lá , & pondeuos em razaõ com os appetites , era aquella a fua ora entaõ concluyo affi. E pois agora a boa dita trouxe tal occafiaõ , naõ fejas tu fó o que me faleças. Minha mãy naõ conhece efte teu Vilhalpando , nem eft'outro taõ pouco , ambos faõ Efpanhoes , leuemente pode paffar hum polo outro. Vay a efte meu , & de minha parte dalhe todas eftas contas : dizelhe que faça muyto por fer efta noite o primeiro ao entrar, do mais deixe o cuidado a mim. E fe alguns paffos te foraõ nefte mundo bem pagos , eftes feraõ como refgate de minha vida , que te ponho nas mãos. Mas fe fores taõ cruel , que te naõ vençaõ meus rogos , & lagrimas , lembrete a que defatinos as vezes obrigam as tamanhas magoas. A efte ponto a mãy que tornaua : ella toda rifonha , alimpou o rofto como de fuor , entaõ mettcome o lenço no feyo como gracejando , eu tambem diffimuley. Efte he o lenço , ainda com os finaes das lagrimas: mas que vem neffe atado ? ó que galante anel milhor muito que as lagrimas. Ó maluada pera me mais obrigar. Pareceuos fe o diabo em cu-

jo ſeruiço ando me arma boas armadilhas. Se cumpro com o meu Capitaõ, logo o acutiladiço he comigo, ſe com elle que farey a eſt'outro? que ey aſſi de fazer ſenaõ guardar muy bem o anel a elles enuiallos lá eſta noite ambos, ſua ventura lhes valha dos negocios taõ empeçados, naõ ſe pode homem deſenuoluer limpamente, ſe bons caldos mexem, que tais os bebaõ. Ás molheres tudo ſe lhe ſoffre, a nós nada: cá vejo vir o meu Vilhalpando garganteando todo requebrado, preſtes alem.

SCENA VIII.

VILHALPANDO. MILUO.

VILHALPANDO.

AELHOS compadre a elhos, que elhos xaboneros ſone.

MILUO.

Ia cuyda que os leua todos de vencida.

VILHALPANDO.

Que nunca vi xaboneros vender tambien ſu xabone.

MILUO.

Querolhe fallar: & mais ainda ſobre tudo tal melodia de garganta.

VILHALPANDO.

Ó Miluo onde eſtaua eu que te naõ via.

MILUO.

Em outra parte.

Vi-

VILHALPANDO.

Dizes verdade. Pois ainda efte ençarramento dura?

MILUO.

Eu quebrarey todos eftes encantamentos: mas que xaboneros eraõ aquelles.

VILHALPANDO.

Ah, ah. Ouuifte? vay homem affi ás vezes cuydando em al.

MILUO.

Eu te olho com tais olhos, que naõ fazes, nem dizes coufa fem fundamento.

VILHALPANDO.

Bem me tomafte o pulfo, hia cuydando neftes clerigos perfumados, que ricas aljubas veftiaõ.

MILUO.

Que taes rendas comem?

VILHALPANDO.

Quererem tambem Clerigos ter corte, & damas!

MILUO.

E tudo o mais tem por hum pouco de vento.

VILHALPANDO.

Nofoutros com arcabuzes ás coftas aqui ficanos dez mil, alli os vinte mil, & Roma fempre em feus prazeres. Deixa que feu dia lhe virá como a feus vezinhos.

MILUO.

He hum couto do mundo.

Vi-

VILHALPANDO.

Nós o deuaſſaremos cedo : ſem tanto eſcreuer cá, eſcreue lá, curſores vaõ, curſores vem, com ſuas varinhas na maõ de mais que as que chamaõ de condaõ.

MILUO.

He huma cidade de paz.

VILHALPANDO.

Tanto milhor achalaemos chea como colmea, & çreſtalahemos.

MILUO.

Milhor o fará Deos?

VILHALPANDO.

E viſitaremos Roma a noua, & Roma a velha outra boa gente, onde naõ vedes mais de Romãos que o nome, e a ſoberba da barba alçada : deixa que nós lha abaixaremos.

MILUO.

Naõ curemos ora do por vir, fallemos do preſente.

VILHALPANDO.

Atraueſſouſe eſt'outra pratica, que me leuantou a colera : mas que tens feito?

MILUO.

Tudo eſtá por ti.

VILHALPANDO.

Naõ podia menos ſer ſegundo o que nella ontem vi.

MILUO.

Como lhe dey os ſinais, naõ ouue mais que fazer.

VILHALPANDO.

Parece que lhe naõ eſqueceraõ ?

MILUO.

Té do penacho que era branco.

VILHALPANDO.

Logo vos os olhos dizem o que tendes nas molheres.

MILUO.

Diz que nunca vio homem a que tambem eſtiueſſe eſpada na cinta.

VILHALPANDO.

Que diria ſe m'a viſſe na maõ, & que diſſeraõ da Eſparſa ?

MILUO.

Eſſa acabou de fazer o campo franco.

VILHALPANDO.

Que certo atalho, he o bom auiſo em todas as couſas.

MILUO.

Mais certo foi o das cutiladas do outro.

VILHALPANDO.

Que diziaõ ?

MILUO.

Gabauaõ aquella entrada taõ alta.
Hercules que la ſerpienta, &c.

VILHALPANDO.

Naõ ha couſa que mais obrigue, que os exemplos: que apontou mais ?

MILUO.

Mil primores.

VILHALPANDO.

E porém nomeadamente ?

MIL-

MILUO.

Aquelle paſſo diuino , amor transformolo en oro , como agora a mim por vós.

VILHALPANDO.

Logo te ficou na cabeça.

MILUO.

Pera que te ey eu de negar a verdade, ſeja de cór?

VILHALPANDO.

Que xaque te pareceo eſſe em deſcuberto ao nome de Aurelia.

MILUO.

Com que ganhaſte a dama.

VILHALPANDO.

Ah , ah , ah. Pois que lhe aguardamos mais? naõ ſabes que as molheres ſaõ vianda de ſartaã , ſopar , & comer?

MILUO.

Façamos primeiro noſſas couſas a recado, tu es appetitoſo , & liberal , a velha falſa , & cobiçoſa.

VILHALPANDO.

Eu curarey tudo como for em caſa.

MILUO.

Deyxame por agora capitanear.

VILHALPANDO.

Que entendes fazer?

MILUO.

Hum contrato deſaforado , porque viuamos: eu farey aquella velha ver as eſtrellas no meyo dia.

Vi-

Vilhalpando.

Logo aſſi no começo.

Miluo.

Deyxa eſſas culpas a mim, ja me declarey com ella. Que menino Miluo, o tempo ao dar do dinheiro he noſſo, ajudemonos delle.

Vilhalpando.

Parece outra mercadoria?

Miluo.

Eſta he a mais duuidoſa em Roma, por iſſo fazę que naõ entendes, que eu vigiarey, vou fazer meu contrato.

Vilhalpando.

Vay, & torna com tempo.

Miluo.

Logo ſaõ contigo. Agora me cumpre ainda mais eſte contrato que nunca, por me ſaluar de ſoſpeitas: voume em buſca do das cutiladas, que naõ he pera brincar com o enfiamento, & determinaçaõ daquella douda. Aſſi começarey de andar de Vilhalpando em Vilhalpando.

ACTO IIII.

SCENA I.

Fabiano só.

VI Hippolita, mas que he aquillo que eu vejo nos ſeus olhos, certo iſſo que elle he, naõ

naõ o vé outrem ninguem fenaõ eu, & affi eu fó fom o que viuiria de fua vifta fem outro mantimento nenhum. Todos fabemos que as efmeraldas faõ de grande preço, mas poucos alcançaõ fuas differenças. Eftas eftatuas antiguas quanto que as prezaõ aqui, & em toda Italia: as outras gentes naõ querem fómente olhar pera ellas. Donde podemos julgar, que outra vifta ha mais certa em nós que a dos olhos. Quem acaba de ver aquella diuindade de Hippolita? quem o feu fpirito em quanto ella diz, e faz? quem a fua manfidaõ, de muyta mayor força que todas as armas do mundo? quem o feu calar taõ cheo de entendimento? Finalmente aquillo que eu naõ fey dizer, quem he o que vé? & mais em terra de viftas taõ occupadas. Certo quanto a mim mais me faz crer Hippolita que fenhoreou efta fua terra o mundo todo, que naõ o que lemos della, nem o que vemos deffes feus theatros. Thermas, arcos triunfais, o que tambem me faz mais efpantar deftes mancebos Romãos lançados affi todos os amores das cortefaãs, que enfim faõ molheres publicas, deyxando as fuas naturaes taõ fermofas, & honeftas como defprezadas. Ó torpeza, ó defcaymento daquelle fangue Romão, que taõ caras comprou as fuas Sabinas. Mas vejo Antonioto, affadigado anda: como naõ andará, fe bufca coufa taõ fugitiua como he o dinheiro.

SCE-

SCENA II.

ANTONIOTO. FABIANO.

ANTONIOTO.

DIAS ha hi que os homens naõ podem ir auante com cousas que comecem.

FABIANO.

Estes saõ os mais neste tempo.

ANTONIOTO.

Isto chamaõ nadar, & nadar, & morrer á Beira.

FABIANO.

Que em tais bancos de Frandes nauegas.

ANTONIOTO.

Té Cesariaõ, que busco pera lhe dar nouas, naõ o posso achar.

FABIANO.

Iará naquella casa.

ANTONIOTO.

Ó Fabiano, sabermehas dizer de Cesariaõ?

FABIANO.

Oje o vi: & deue d'estar onde te disse.

ANTONIOTO.

Ia he de lá degradado, & naõ sey ainda se pera todo sempre.

FABIANO.

Assi o fizesse Deos: que he hũa grande quebra, e vergonha sua andar como anda.

AN-

ANTONIOTO.

Com tanta dór de ſeu pay, & de ſua mãy.

FABIANO.

E dos ſeus amigos

ANTONIOTO.

Tendoo ſeu pay caſado tambem por tantas vias.

FABIANO.

Em que parte?

ANTONIOTO.

Elle t'o dirá, ſe t'o ainda naõ diſſe.

FABIANO.

Segredo he que todo mundo ſaberá cedo, ſe aſſi he.

ANTONIOTO.

Naõ he ainda couſa muyto certa.

FABIANO.

Aſſi duuidoſa m'a has de dizer.

ANTONIOTO.

Leyxame, que vou de preſſa.

FABIANO.

Naõ leyxarey, contama, e irás mais leue.

ANTONIOTO.

Iſto he força? chamarey aqui del Rey.

FABIANO.

Eſtá longe, naõ te ouuirá.

ANTONIOTO.

A fé que me naõ deſcubras?

FABIANO.

Como ſe fizeres hũa coua na terra a que o diſſeſſes.

AN-

ANTONIOTO.

Nem eſſas naõ mantem ſegredo, olha que fio de ti.

FABIANO.

Dize ſeguramente.

ANTONIOTO.

Com hũa filha deſte noſſo vezinho.

FABIANO.

Qual vezinho?

ANTONIOTO.

Mario, que deues de conhecer.

FABIANO.

Com Hippolita?

ANTONIOTO.

Naõ tem mais de hũa, & aſſi cuido que ſe chama. Deyxame paſſar. Encoſtouſe Fabiano, & fica como paſmado.

FABIANO.

Antonioto naõ parece? cayraõme as mãos, foyſeme a viſta dos olhos, entretanto elle partio, & deyxoume morto, como dizem dos partos: ah fé boa, e ſancta amizade taõ má de achar neſte mundo, todo falſo, todo cheõ de enganos, & maldades! Os ſegredos da minha alma, Ceſariaõ os ſabia todos: os ſeus ſabeos todo mundo ſenaõ eu, elle que m'os encubrio naõ foy ſem cauſa. Poderaõ tal ſoffrer os triſtes dos meus olhos? & ainda que daqui fuja, poderá o triſte do meu coraçaõ ſoffrer tal? Onde quer que elle vá eſtá ſó, he a dor que o pode matar, & ella me matará. Ah triſte de mim, que nem aquelles meus

amo-

amores taõ limpos poderaõ ſer ſem fel, & ſem lagrimas. Onde as irey encobrir que me aſſi deſcobrem?

SCENA III.

POMPOEIO SÓ.

Que farey, onde me acoutarey? aos amigos? donde os acharey eu? as caſas d'oraçaõ? & ahi que ha muyta hipocreſia? a minha, & ella he toda poſta em poder de meus inimigos. Eſtes eraõ os conſelhos, & puridades? niſto auiaõ de vir parar as deuações de minha molher? té os hermitães do hermo me ſaqueaõ a caſa? ſe foraõ ſoldados aquelle he o ſeu officio, mas hermitães? d'um deſcalço, barbudo, todo cuberto de ſeu capello, quem ſe auia de temer? Deſpois culpaõ os velhos de ſoſpeitoſos. Que faremos a tanta maldade como cada dia vemos? acertei de ver oje aquelle encapotado ao ſayr de minha caſa, logo diſſe antre mim. Naõ abaſtaua a eſte dia noue beguinas ſenaõ ainda tal hermitaõ? naõ me repouſou o coraçaõ mais; voume apos elle que taõ pouco naõ era muito deſenuolto dos pés, a payxaõ me deu tambem boa ajuda. Finalmente entrou em hũa tenda de hum ouriuez, e começaua a tratar do preço de hum firmal de minha molher, que eu conheci de hũa legoa. Naõ tiue mais paciencia, lançome tambem dentro, & empolguey logo o firmal,

bra-

bradando por juſtiça : magoado ſom porque me fugio o ladraõ , que a preſa nas vnhas me ficou , caymos ambos na terra , naõ pude mais fazer. O ouriuez diz , que nunca tal hermitaõ vio , ſaluo aquella hora. Eu tambem ſe me dera mais de vagar , treſmalharaõme o firmal , entaõ citay , & demanday : antes naõ quero ſaber tanto do negocio. Porém ſe eu naõ erro em minhas contas , Antonioto he o trugimaõ. Mas por agora quero diſſimular , & cobrar folego , que venho morto.

SCENA IIII.

TREFO. ANTONIOTO.

TREFO.

FALLANDO vay o velho conſigo. Ceſariaõ naõ parece , noſſa ama reza : queiome lograr do dia.

ANTONIOTO.

Pera cá me diſſeraõ que vinha hum perdido , quem o achará ? vejo Trefo que ſae de caſa.

TREFO.

Irey ver a juſtiça que ſe oje faz pompoſamente , dizem que vay em hũa carreta rodeada de ſuas victorias pintadas : vejo Antonioto , o diabo o agora traz.

ANTONIOTO.

Trefo , á Trefo : naõ ouues ?

TREFO.

A palauras loucas, orelhas moucas.

ANTONIOTO.

Faz que naõ ouue, fabermeas dar nouas?

TREFO.

De quem, filho de dous roins.

ANTONIOTO.

Deumas, mas foraõ de meu pay, & de minha mãy. Torna cá.

TREFO.

Teu auó marmelo torto: tenho al que fazer.

ANTONIOTO.

E de meus auós tambem. Ainda se está rindo.

TREFO.

Naõ rio, mas arreganhome.

ANTONIOTO.

Como hum caõ que es.

TREFO.

Mas como a caõ que es.

ANTONIOTO.

Que dizes roym?

TREFO.

Que fallo com oûtro.

ANTONIOTO.

Por esta d'um rapaz, olha que a beijo.

TREFO.

Naõ por muito bem que lhe ora queiras.

ANTONIOTO.

Por esta que me aqui Deos pos.

TREFO.

Por eſta em que voſoutros o poſeſtes.

ANTONIOTO.

Ah d'um porco.

TREFO.

Por iſſo te aborreço tanto.

ANTONIOTO.

Má carne.

TREFO.

Por tanto ora me chamas Trefo, ora porco.

ANTONIOTO.

Viſte Ceſariaõ?

TREFO.

Muytas vezes.

ANTONIOTO.

Sabes onde o acharey?

TREFO.

Por eſte direito.

ANTONIOTO.

Eſtá amoſtrando cornos, por onde vay caõ perro.

TREFO.

Caminho da praça judea: vemſe chegando.

ANTONIOTO.

Eſpera má couſa.

TREFO.

Naõ he tempo.

ANTONIOTO.

Vejamos quem corre mais.

TREFO.

Quem mór medo ouuer.

SCENA V.

VILHALPANDO. MILUO.

VILHALPANDO.

ORA vejamos eſte contrato em que tanto té confias.

MILUO.

Temos negocio com o meſmo diabo, mas deyxame que eu te aſſegurarey daquella velha.

VILHALPANDO.

Creme que naõ ha de brincar comigo.

MILUO.

Ora prouaõ forças, ora manhas: ás forças acudirás tu, ás manhas eu.

VILHALPANDO.

Neſta voſſa Roma tudo he papel, e tinta.

MILUO.

E nem aſſi pode homem ſayr de duuidas.

VILHALPANDO.

Aſſi acontece onde ha pouca verdade.

MILUO.

Eſcuta, & leo ſómente as forças: tal dia de tal mes, & tal anno.

VILHALPANDO.

Entendo.

MILUO.

O Capitaõ Vilhalpando.

VILHALPANDO.

O ſenhor te ficou no tinteiro.

MILUO.

O ſenhor Capitaõ Vilhalpando de hũa parte, & Guiſcarda da outra ſizeraõ, concertáraõ, & contratáraõ, deſaforadamente.

VILHALPANDO.

Eſpera que me naõ parece couſa conueniente contratar eu com Guiſcarda.

MILUO.

Diremos logo aſſi, & d'outra parte Miluo polo ſenhor Capitaõ.

VILHALPANDO.

Naõ ves quanto milhor eſtá aſſi?

MILUO.

Como de branco a preto. Digo mais, que elle dito ſenhor Capitaõ deſſe á dita Guiſcarda trinta eſcudos d'ouro do Sol.

VILHALPANDO.

Dos que neſte anno lhe renderaõ os Franceſes.

MILUO.

Porey, ou naõ?

VILHALPANDO.

Eſtou gracejando contigo, vay adiante.

MILUO.

Dos quaes trinta eſcudos acima declarados, a dita Guiſcarda logo hi confeſſou que tinha recebidos dez por maõ do dito Milvo, feytor delle dito ſenhor Capitaõ.

VILHALPANDO.

Eſte nome de feitor he muito mercantil.

MILUO.

Por maõ do dito Miluo seu procurador.

VILHALPANDO.

Pedirtehaõ logo conta da procuraçaõ.

MILUO.

Por maõ do dito Miluo, do qual elle dito senhor Capitaõ se quis seruir neste caso. A ver se acabaremos.

VILHALPANDO.

Assi está mais cortesaõ.

MILUO.

Os outros vinte lhe dará, entregará, pagará.

VILHALPANDO.

Emenda, lhe mandará dar, pagar, & entregar.

MILUO.

Ia emendey.

VILHALPANDO.

Adiante.

MILUO.

A cada quinze dias seguintes outros dez escudos.

VILHALPANDO.

Dize hi mais por lhe fazer graça, e merce.

MILUO.

Por lhe o dito senhor Capitaõ fazer graça, & merce.

VILHALPANDO.

Prosigue.

Miluo.

Iſto durante o tempo do ſeu contrato, como ſe declara.

Vilhalpando.

Eſtá bem, dize mais.

Miluo.

E logo aſſi meſmo da outra parte a dita Guiſcarda em ſeu nome, & de Aurelia ſua filha.

Vilhalpando.

Naõ guardes o decoro.

Miluo.

Como?

Vilhalpando.

Naõ ves tu que he ella minha ſenhora.

Miluo.

Saõ no cabo: em ſeu nome, & da ſenhora, a ſenhora Aurelia Bolonheſa ſua filha.

Vilhalpando.

Eſtá como deue, dize mais.

Miluo.

Prometeo, concertou, & declarou, que dos primeiros dous meſes ſeguintes, contando trinta dias por cada mes, todas as terças feiras, & as quintas de cada ſomana, ellas lhes deſpejem a caſa.

Vilhalpando.

A minha, ou a ſua?

Miluo.

Bem apontas, que ſaõ aues de rapina, miſter ha declarado: que ellas lhe deſpejem as caſas em que ora viuem de toda viua peſſoa.

Vi-

VILHALPANDO.

Naõ digas taõ pouco aſſi, que eu naõ ey miſter as paredes.

MILUO.

Onde dizia de toda viua peſſoa, ponho de toda peſſoa de fóra?

VILHALPANDO.

Naõ ves quanto releua hũa ſó palaura?

MILUO.

As vezes mais do que a razaõ quer, por iſſo naõ lhe ajamos dó dellas.

VILHALPANDO.

Dize mais.

MILUO.

De ſórte, modo, fórma, & maneira.

VILHALPANDO.

Iure, via, & cauſa.

MILUO.

A que propoſito?

VILHALPANDO.

Tudo achaõ que aproueita.

MILUO.

Muyto embora. Iure, via, & cauſa: que ſendo o dia ſeguinte terça feira: como ſerá de menhã; logo á noite d'oje faça por elle dito ſenhor Capitaõ com ſeu dia, & outro tanto ás quintas feiras de cada ſomana, durante o termo dos dous meſes, como dito he.

VILHALPANDO.

Como o cuydaſte agudamente em obrigares primeiro as noytes: dormiremos as manhaãs.

MIL-

MILUO.

Eſtes ſaõ os meus pontos que ſe fora pera cauar, e roçar, primeiro mettera os dias.

VILHALPANDO.

Ah, ah, ah. Como es ſalgado, vay adiante.

MILUO.

E acabadas as ditas noites o ſobredito Capitaõ lhes tornará a deſpejar a ſua caſa.

VILHALPANDO.

Declara por ſua corteſia.

MILUO.

Por ſua propria, & liure vontade, & pura corteſia.

VILHALPANDO.

Depois que te homem põe no caminho muito bem aſſentas tudo.

MILUO.

Nos primores de honra naõ ſom taõ vſado, do mais deſcanſa.

VILHALPANDO.

Vay por teu contrato adiante.

MILUO.

Nos quais dias aſſi obrigados, das portas a dentro naõ auerá nenhum negocio.

VILHALPANDO.

Praticamente.

MILUO.

Puridade, nem acenos, nem outro myſterio algum.

VILHALPANDO,

Muyto bem.

MIL-

MILUO.

Remoques, nem palauras com dous entenderes.

VILHALPANDO.

Nem diriuações.

MILUO.

Bem lembras, que apprazem ainda mnyto a certa gente. Naõ aja ciumes, nem achaques.

VILHALPANDO.

Os ciumes todauia naõ ſe eſcuſaõ nos amores.

MILUO.

Reſaluando ſempre os ciumes a que ſe naõ pode poer ley.

VILHALPANDO.

Galantemente proſigue.

MILUO.

Naõ terá a dita ſenhora Aurelia aquelles dias amigo, ainda que ſeja de boa amizade, nem parente ainda que ſeja irmaõ.

VILHALPANDO.

Bem te ſeguraſte dos primos.

MILUO.

Seraõ aſſi meſmo os ſobreditos dias forros, liures, & iſentos: de todo jejum, voto, romaria, & de toda deuaçaõ.

VILHALPANDO.

Muito bem, promettaõ do ſeu ſe quiſerem.

MILUO.

Por iſſo naõ ves que dias te eſcolhi? que

m

em hum delles cae ſempre o entruydo , & no outro a quinta feira das comadres.

VILHALPANDO.

Feſtas corporaes , que ſe fazem guardar por ſi.

MILUO.

Naõ ſuſpire , nem ande cuidadoſa , naõ lhe venha dor de coraçaõ.

VILHALPANDO.

Nem dé olhado , que he muyto de fermoſas.

MILUO.

Nem lhe vieraõ cartas de ſua terra.

VILHALPANDO.

Como dizes bem , que treſandaõ toda hũa peſſoa , & nunca a deyxaõ como a tomaraõ d'antes.

MILUO.

He muyto grande verdade. Naõ ſayba ditos , nem motes.

VILHALPANDO.

Tem hi ponto : nem contos de ſeus monceores.

MILUO.

Ah , ah , ah.

VILHALPANDO.

De que te ris.

MILUO.

Deixame primeiro matar de riſo. Ora ves aqui porque me ria ?

VILHALPANDO.

He verdade que aſſi o tinhas aſſentado.

MIL-

MILUO.

Polas meſmas palauras.

VILHALPANDO.

Ora dize mais.

VILHALPANDO.

Naõ laue aquella noite a cabeça, nem ande de rodilhado.

VILHALPANDO.

As moças fermoſas ſaõ aſſi mais freſcas.

MILUO.

Em tua eſcolha he, eu queria arredar inconuenientes.

VILHALPANDO.

Em fim dizes verdade, ſeja tudo obra chaã.

MILUO.

Naõ tangerá, nem cantará taõ alto que poſſa ſer final aos de fóra.

VILHALPANDO.

Quantas vezes me ja iſſo aconteceo com as amigas alheas.

MILUO.

Aquelles dias, tudo ſeja muſica de camara.

VILHALPANDO.

Delicado ponto.

MILUO.

Naõ aja menino em caſa, que ella tome nos braços, & beyje á janella de beyjos chupados.

VILHALPANDO.

Que ás vezes se ouuem no cabo de toda a rua.

MILUO.

Os conuidados, & amigos delle dito senhor Capitaõ, tratalosha a dita senhora igualmente.

VILHALPANDO.

Si, que saõ muyto de bandos mais que os Catalães.

MILUO.

E assi seja a mesa larga, & aja sempre muytas candeas, naõ fiquemos todos ás escuras.

VILHALPANDO.

Bem te acautelaste dos pés ao claro, & das mãos ao escuro.

MILUO.

Por se homem acautelar naõ perde nada. Digo mais. Naõ ensine por aquelles dias o seu papagayo a dizer meus olhos, minha alma, minha vida beijayme.

VILHALPANDO.

Matasme d'amores.

MILUO.

Naõ consinta que se lhe chegue ninguem a ver as suas joyas, gabemlhas de longe, o que quiserem comprar busquemno nas tendas.

VILHALPANDO.

Fallas como hum Seneca.

MILUO.

Aſſi mais durante o tempo, naõ mudará nome, nem caſa.

VILHALPANDO.

Dizemme que muyto o coſtumaõ eſtas voſſas corteſaãs.

MILUO.

Por leuarem muytas nouidades. Ora ſao Aurelia, ora Fauſtinas, ora Dianas. Falece algũa couſa?

VILHALPANDO.

Tudo eſtá de maõ de meſtre.

MILUO.

E por aqui ouueraõ ſeu contrato por acabado, promettendo d'auer tudo por rato, grato, firme, & valioſo: renunciando juiz, & juyzes de ſeu foro.

VILHALPANDO.

Naõ cuydey que eras taõ pratico.

MILUO.

E rogáraõ a mim ſobredito Miluo.

VILHALPANDO.

Iſſo he muyto deſtes notayros, que dizem ſempre no fim rogado, & requerido.

MILUO.

E aſſi mandáraõ ao dito cabraõ de Miluo que o eſcreueſſe.

VILHALPANDO.

Parece que te anojaſte?

MILUO.

Antes te digo que topaſte com hum homem muyto pontoſo.

VILHALPANDO.

Naõ pode eſtar milhor. Vay, & aſſina.

MILUO.

Que enfadonho pontoſo, o acutiladiço naõ ha tambem de querer perder ponto de diligencia. Lá ſe auenhaõ, a noite he como dizem cama d'orfaõs, cubramſe co'ella; ah com quanta fadiga ganhamos eſte inferno!

SCENA VI.

CESARIAÕ. ANTONIOTO.

CESARIAÕ.

Aſsi me contas?

ANTONIOTO.

Aſſi deitou a perder aquelle bilhardaõ tantos trabalhos, & eſperanças.

CESARIAÕ.

E a minha vida tambem d'enuolta.

ANTONIOTO.

Que faremos á fortuna quando ella naõ quer? por oje eſcuſado he mais negocio, virá amenhã entaõ pera todos amanhece.

CESARIAÕ.

Hum velho cepo como he meu pay: olha naõ nos engane eſſe hermitaõ tambem a nós.

ANTONIOTO.

Naõ queres que me fie dos meus olhos?

CESARIAÕ.

Com hum vilaõ robuſto.

AN-

ANTONIOTO.

Aſſi ſe a differença fora ſobre o ſeu capello, ou lho leuara, ou naõ.

CESARIAÕ.

Que viſte da batalha?

ANTONIOTO.

De huma parte ir fugindo o hermitaõ deſgrenhado, a barba no ar, o bater dos taboleiros, & apupada apos elle, da outra parte teu pay todo çujo da tenda bradando por juſtiça.

CESARIAÕ.

Quantos hi ririaõ do meu mal tamanho.

ANTONIOTO.

Té Antonioto ſenaõ podia ter.

CESARIAÕ.

Ó que ſomos deſcubertos, que faremos?

ANTONIOTO.

Se o proprio ladraõ eſcapou, naõ eſcaparemos nós? & mais dando fiador naõ nos valerá em caſa, o qual val polas audiencias.

CESARIAÕ.

E de Guiſcarda quem me liurará.

ANTONIOTO.

Por eſta noite encomendate áquelle derradeiro remedio da paciencia.

CESARIAÕ.

Onde paſſarey tamanha noite.

ANTONIOTO.

Em tua caſa, a mim que a naõ tenho. Deixame paſſear por eſtas ruas.

CESARIAÕ.

Paſſea, que a mim eſcaſſamente me podem ja trazer as pernas.

ANTONIOTO.

Todauia recolhete naõ faça al. Eu vigiarey, & apanharey nouas; vayſe, quero eſpiar o que faz.

SCENA VII.

O SEGUNDO VILHALPANDO SÓ.

SE me eſta ventura ſae como eu eſpero, quem he oje mais bemauenturado que eu? de hũa parte eſtou em Roma, onde homem naõ ſabe de quem ſe fie. Tenho inimigos, o negocio he de noite, & ey d'ir ſó, d'outra parte Miluo. Porque me enganaria? que lhe fiz? dame ſinais certos do dia das cutiladas, em que me ouueraõ alli de matar. Muyto bem me lembra, que veo á janella: & agora entendo, que a ſua viſta me ſaluou. Ó ay cegueyras deſte mundo! onde os meus inimigos cuydaraõ de me matar, hi me deraõ a vida. Enfim baralhados ſaõ os dados, cayaõ como quiſerem: agora he muyto mais tempo de lhe aprazer o meu esforço: por iſſo antes quis perder por cedo, que por tarde. Andarey por aqui aguardando o eſcuro, viſta deu á janella, naõ ſey que diſſe: j'agora muyto ha de ſaber quem me tomar a porta?

SCENA VIII.

ANTONIOTO. OS DOUS VILHALPANDOS. TORQUEMADA. PAJE. GUISCARDA.

ANTONIOTO.

CUYDEY que se me fosse Cesariaõ lançar no rio, & elle pera lâ fez hũa ponta: mas finalmente tomou meu conselho, & acolheose a casa. Eu por agora naõ quero entrar c'o velho em campo çarrado, antes quero cá andar por fóra ás minhas auenturas.

VILHALPANDO II.

Determino de accommetter a porta affoutamente, que sempre valeo muyto a segurança do coraçaõ, & das palauras. Ta, ta, ta. Ia vem. Cuydado auia em casa.

ANTONIOTO.

Entrada he a fortaleza sem muita bateria, mais bateo Cesariaõ a noite passada.

VILHALPANDO I.

Sempre o diabo a tais tempos tras embaraços de que me naõ pude desenuoluer mais cedo: mas o contrato m'a segura.

ANTONIOTO.

Outro vem, & leua a mesma viagem. Mas antes parou, quero o espreytar.

VILHALPANDO I.

Bate a essa porta.

PA-

PAJE.

Ta, ta, ta.

ANTONIOTO.

Pareceme que tarde piache.

VILHALPANDO I.

Bate bem, has dó da porta?

PAJE.

Naõ ey ſenaõ da minha mão.

VILHALPANDO I.

Toma hũa pedra, que á minha porta bates.

PAJE.

Tras, tras, tras.

ANTONIOTO.

Ao Capitaõ mentiraõlhe as eſpias, quanto vejo.

VILHALPANDO I.

Eſpera que ouço fallar dentro.

PAJE.

E rir tambem, mande Deos naõ ſeja de nós.

VILHALPANDO I.

Eſcuta rapaz que tanto fallas?

GUISCARDA.

Quem quebrou eſſa porta?

VILHALPANDO I.

Quem ja tem quebrado os olhos olhando ſe apparecia alguem.

GUISCARDA.

Quem he o galante dos olhos quebrados.

VILHALPANDO.

O mayor ſeruidor.

GUISCARDA.

Quem ?

VILHALPANDO I.

O que de vencido venceo.

PAJE.

Como he paruo eſte meu amo.

GUISCARDA.

Cada noite auemos de ter quebradores de portas.

VILHALPANDO I.

Aberta me ouuera ella de eſtar por obrigaçaõ , mas pareceme que neſta terra , nem contratos deſaforados valem.

ANTONIOTO.

Bem começa a noite.

GUISCARDA.

Ó Roma que patranhas ſaõ as tuas ?

PAJE.

Eſta he hũa das boas.

VILHALPANDO I.

Que contrataſte oje com Miluo ?

GUISCARDA.

O que eu com Miluo contratei eu o compri.

VILHALPANDO I.

Naõ certo ainda tégora.

GUISCARDA.

A bem virá eſte negocio.

VILHALPANDO I.

Naõ ſey , mas elle mal começa.

GUISCARDA.

Por cuja culpa ?

VI-

Vilhalpando I.
Da porta que ainda eſtá fechada.

Guiscarda.
Abrioſe a quem ſe auia d'abrir.

Vilhalpando I.
Ora pois ja que ey de fallar da rua, naõ ſe auia ella de abrir ao Capitaõ Vilhalpando por ſeu contrato?

Guiscarda.
He muyta verdade.

Vilhalpando I.
Pois como o tendes aſſi de fóra em tantas praticas?

Guiscarda.
Ay minha mãy, que quer iſſo dizer? & tu quem es?

Vilhalpando I.
O meſmo que ſe nunca negou, nem negará.

Guiscarda.
ó graça das graças. Filha Aurelia temos á porta outro Capitaõ Vilhalpando.

Paje.
Eſte ſó baſtaua pera enfadar o mundo, quanto mais dous.

Vilhalpando II.
Que zombarias ſaõ eſtas, ou que borracherias?

Vilhalpando I.
As zombarias, & borracherias ſaõ as deſſa

ca-

caſa , que de fóra naõ ſe falla ſenaõ muyta verdade.

VILHALPANDO II.

Que tu es o Capitaõ Vilhalpando?

VILHALPANDO I.

E tu negalo?

VILHALPANDO II.

Saluo ſe tu es eu.

VILHALPANDO I.

Tu vé quem es , que eu ſom o Capitaõ Vilhalpando , conhecido na guerra dos grandes, & dos pequenos.

VILHALPANDO II.

Na guerra bem nos auiremos : por agora quem te fez hi vir?

VILHALPANDO I.

Miluo , por cujo meyo contratey.

VILHALPANDO II.

Que graça tamanha ſeria ſe hi tambem ouueſſe dous Miluos.

VILHALPANDO I.

Eu digo o que leuou a Eſparſa.

VILHALPANDO II.

E eu o da Eſparſa digo.

VILHALPANDO I.

O que leuou os eſcudos.

VILHALPANDO II.

Eu o dos eſcudos digo , ſenaõ que eraõ todos do Sol.

VILHALPANDO I.

O do contrato deſaforado?

Vi-

VILHALPANDO II.

Por virtude do qual esta casa he agora minha com as suas vinte & quatro horas.

VILHALPANDO I.

Miluo Florentim muito máo cabraõ.

VILHALPANDO II.

Esse mesmo.

PAJE.

Se quererá este tambem ser meu amo.

VILHALPANDO I.

Que gente capitaneaste? que desafios fizeste? em que feitos d'armas te achaste?

VILHALPANDO II.

Naõ saõ contas pera aqui, pedemas em outra parte.

VILHALPANDO I.

Como diz essa tua Esparsa?

VILHALPANDO II.

Hercules que la Serpienta, &c.

VILHALPANDO I.

E tu a fizeste?

VILHALPANDO II.

Naõ toda, por te dizer a verdade, o começo ja he velho, o cabo lhe enxeri eu como a gauiaõ.

VILHALPANDO I.

Os escudos quantos foraõ?

VILHALPANDO II.

Naõ mais de dez em começo de paga.

PAJE.

Quero dizer a meu amo, que acudamos a casa, antes que lá vá est'eutro apanhar tudo.

VILHALPANDO I.

Ah Roma, ah Miluo, ah molheres.

VILHALPANDO II.

Mas porque naõ fallas tu na emprefa que a fenhora Aurelia mandou a effe Capitaõ Vilhalpando feu feruidor.

VILHALPANDO I.

Por quem?

VILHALPANDO II.

Polo mefmo Miluo.

VILHALPANDO I.

Que emprefa?

VILHALPANDO II.

Hum lenço, com que primeiro alimpou o feu fermofo rofto.

PAJE.

Callou noffo amo: pareceme que com o outro auemos de viuer todos.

VILHALPANDO I.

Mas feja affi, partamos logo efta differença á efpada, pera que ha d'auer tantos Vilhalpandos?

VILHALPANDO II.

Como? has medo que nos fuja o tempo? deixa vir o dia.

VILHALPANDO I.

Naõ, mas ey medo que me fujas tu.

VILHALPANDO II.

Entaõ que queres mais, que ficares por hum fó Vilhalpando?

VILHALPANDO I.

Agora me releuaua.

VILHALPANDO II.

Por agora querome eu aſſi eſtar em minha poſſe, depois quem me alguma couſa quiſer requeirame hum por hum, & como deue.

VILHALPANDO I.

Ah Romaniſco falſo, & litigoſo.

VILHALPANDO II.

Vay paſſear, que a ſenhora Aurelia me tem preſo, & naõ me deixa ſair.

VILHALPANDO I.

Ora Capitaõ Vilhalpando nouamente deſcuberto. Eſtás bem agaſalhado por eſta noite, & eu mal, de menhaã eu paſſearey por Santo Auguſtinho té as dez horas com hum penacho branco, quero eu ver quem he o Vilhalpando, que por hi parece com outro tal ſinal, pera que nos conheçamos.

VILHALPANDO II.

Logo queres que tenha eu penacho branco.

VILHALPANDO I.

Tensme o meu nome, tensme a amiga, tens a minha Eſparſa, & o meu contrato, & ſó o penacho branco te falece?

VILHALPANDO II.

Ora vay que naõ falecerá.

PAJE.

Fechou a janella, quiſerame primeiro declarar com elle, & contigo.

VILHALPANDO I.

E de que?

PAJE.

Com qual ey de ficar?

VILHALPANDO I.

Queres que te esbarre aquella parede. Onde acharey Miluo ? & entretanto onde acharey paciencia ?

PAJE.

Quando te naõ abrem a tua porta como te abriráõ as alheas.

VILHALPANDO I.

Naõ te queres callar : recolhamonos.

PAJE.

Recolhamos , que enfim ſempre ouui dizer , que milhor era o meu que o noſſo.

VILHALPANDO I.

Iudeu , cabraõ , que falla ás portas fechadas , eu o acolherey.

PAJE.

Dáo o demo grandes ſinais daua.

VILHALPANDO I.

Que ſinais ? os que lhe diſſe Miluo.

PAJE.

E d'Aurelia que era perdida por ti que dizia ? ouuia , & caliaua.

VILHALPANDO I.

De manhaã ſayremos de todas eſſas duuidas.

PAJE.

Mas ſempre ouui dizer , que em Roma , nem de ſi meſmo ſe ha homem de fiar , & agora o vi claramente.

VILHALPANDO I.

Porque me fiey de Miluo ?

PAJE.

Naõ digo ſenaõ de ti meſmo ao pé da letra, que quando foſte ja te lá achaſte.

VILHALPANDO I.

Tu queres pagar por todos?

ANTONIOTO.

Ó graça, ó ſabroſo acontecimento, ó Ceſariaõ que aſſi empregas bem teus ſoſpiros, & as tuas lagrimas. Quem te me aqui dera, tu queres morrer d'amores por Aurelia, & os Vilhalpandos a pares. Ia me he neceſſario a menhã andar por eſtas ruas.

ACTO V.

SCENA I.

MILUÓ SÓ.

NAõ pude eſperar o dia na cama: eſte coraçaõ como te toma em algũa culpa, naõ te deixa comer, naõ te deixa dormir. E que durmas, os ſonhos naõ te deixaõ, toda eſta noite andey ás coſtas com os meus Vilhalpandos, elles me deitáraõ da cama, & da caſa a tais oras, que ainda bem naõ amanhece. Se bom anel tenho, caro me cuſta, & cuidaõ os que cauaõ, & roçaõ, que elles ſós comem o ſeu paõ com o ſuor do ſeu roſto, & Miluo tambem ſenaõ quanto aquelles deſcanſaõ a noite, e os dias ſanctos, outros ha que naõ. Aſſi que

que venho como digo a deſcobrir terra , & deſejo muito ſaber qual dos auentureiros eſta noite ouue milhor ventura , mas a tais horas de quem o poderey ſaber? quem vejo eu cá vir? tambem madruga aquelle como eu.

SCENA VI.

ANTONIOTO. MILUO.

QUANTAS couſas vi eſta noite por Roma, quem quiſer ſaber ſegredo naõ durma. Todauia naõ he ella couſa muito ſegura , nem dá regra de viuer em paz : que naõ foſſe ſenaõ pollo ar da noite , que me tamanha , & taõ peſada faz eſta cabeça. E todauia milhor he dormir a noite, que pera iſſo foy feita. Pola ventura eſta foy a cauſa , porque a natureza deu tamanhos toucados ás curujas , e as outras aues nocturnas. Mas vejo eu Miluo? aquelle he , logo me pareceo que auia d'acudir a ſaber nouas , eu lhas darey. Venha Miluo muito nas boas horas.

MILUO.

Aſſi faça a meu amigo Antonioto , que por aqui encontro tantas vezes.

ANTONIOTO.

Madrugas aſſi os outros dias?

MILUO.

Como ſe acerta : eſta noite naõ pude dormir.

AN-

ANTONIOTO.

Nem eu tampouco: ha hi dellas assi feitas.

MILUO.

E mais quando as pessoas tem que fazer.

ANTONIOTO.

E muito mais quando o ja tem feito.

MILUO.

Naõ entendo o que dizes?

ANTONIOTO.

Nem eu o que fazes: que renego de tais emburilhadas.

MILUO.

Que farte vaõ por Roma.

ANTONIOTO.

E dizem que quem muitas estacas mette algũa prende.

MILUO.

A que proposito?

ANTONIOTO.

Deos me entende.

MILUO.

Eu naõ.

ANTONIOTO.

Eu tambem: Vilhalpandos de dentro, Vilhalpandos de fóra.

MILUO.

Ah, ah.

ANTONIOTO.

E todos alegaõ com Miluo, & seus contratos.

MILUO.

Morto som.

ANTONIOTO.

E com hũa Eſparſa.

MILUO.

Ia, ja. Eu tenho a culpa por te dar parte de meus ſegredos.

ANTONIOTO.

E do contrato quem m'o diſſe?

MILUO.

Fallas aſſi a adiuinhar?

ANTONIOTO.

E adeuinho de hum lenço, que o de dentro tinha d'auantagem.

MILUO.

Dou o demo tantos ſinais: pareceme que o moço d'eſporas andou de pés.

ANTONIOTO.

Oh, ja eſs'outra he pior. Donde ouueſte anel?

MILUO.

Que tens tu de ver c'o meu anel? ouueo de minhas auenturas.

ANTONIOTO.

Olha naõ ſe te torne em deſauenturas.

MILUO.

Muy pontoſo vens contra mim eſta menhaã, fizte algum deſprazer?

ANTONIOTO.

A mim naõ, mas falohias a outrem que mais releua.

MILUO.

Naõ ey medo a ninguem.

AN-

Antonioto.

Sempre te aſſi conheci por esforçado, lá t'avem.

Miluo.

Foyſe, eſte anel ha de ſer de Ceſariaõ, fiz mal de me lhe naõ deſcubrir mais, & ſoubera tambem das outras enuoltas, que dizia. Apos elle vou.

SCENA III.

Aurelia. Guiscarda.

Aurelia.

De pedra dura que os corações foſſem por força ſe auiaõ de affeiçoar mais a hũa peſſoa, que a outra.

Guiscarda.

Eſtas ſaõ as voſſas doudices, cabecinhas de vento. Tempo virá em que digas quanta verdade me fallaua a velha de minha mãy.

Aurelia.

D'outra parte tambem bradas ſe lhes naõ moſtro amor.

Guiscarda.

Quantas vezes tenho dito, que amoſtres amor a todos, & que o naõ tenhas a nenhum.

Aurelia.

Aſſi ha de ſer hũa mollrer igual a todos como hũa alimaria?

Guis-

GUISCARDA.

Á douda, douda. Tu virás a morrer de fome, que eu tambem ja fuy fermosa. Ajuda-te do tempo, que passa muito asinha.

AURELIA.

Se lhes eu naõ tomar o coraçaõ com minhas branduras, que poder terás tu sobre sua fazenda?

GUISCARDA.

O teu coraçaõ queria eu que te elles naõ tomassem. A hum soldado Espanhol, que naõ deyxaõ cousa que naõ roubem, auias de mostrar tanto amor?

AURELIA.

Tinhamos necessidade desta licença, assi viste quaõ leuemente no la deu?

GUISCARDA.

Elle se tornará a entregar, se os eu mal naõ conheço. Sabe Deos que a pressa me fez a mim aceytar o partido: naõ viste logo as enuoltas?

AURELIA.

Dasmos por amigos, & queres que os trate como inimigos?

GUISCARDA.

O que te eu mando, o que te eu digo, o que te eu aconselho assi he: que os trates a elles, como elles trataõ a ti. Querem lograr essa tua mocidade, naõ os poupes.

AURELIA.

Assi ves que o faço.

GUIS-

GUISCARDA.

Inda mal muytas vezes, porque nem eu posso tornar a essa tua idade: nem tu nella conheceres os meus bons conselhos.

SCENA IIII.

MILUO. AURELIA.

MILUO.

GRANDES cousas me contou Antonioto que passaraõ esta noite, naõ sey que faça, virá Cesariaõ, & aueremos todos conselho, que nouas lhe leua. Quem he a rebuçada que me acena? como eu ora estou gracioso pera rebuçadas. Mas eu moura se aquella naõ he Aurelia, a mãy está em pratica com os dos chamalotes, onde te vas guarida, mal guardas as capitulações do meu contrato.

AURELIA.

Ó Miluo quaõ obrigada te som, mas naõ temos tempo: mandoume conuidar Monseor pera o jantar, logo ouue licença do meu Vilhalpando, o outro passea em Sancto Augustinho com penacho branco.

MILUO.

Aurelia, Aurelia torneyte em riso as tuas lagrimas: medo ey que me tornes em lagrimas os meus risos.

AURELIA.

A fé que naõ, que má paga ſeria eſſa de tamanho ſeruiço.

MILUO.

Lembrete quanto me auenturey por ti.

AURELIA.

Nunca me eſquecerá: outra hora te farey morrer de riſo, de como enganamos tambem minha mãy.

MILUO.

Se primeiro naõ morrer de ferro.

AURELIA.

Eu te ſeguro, que tais peſſoas ſeruiſte, que ellas te ſaluaráõ de todo mundo. Minha mãy ſe eſpede, faze que nos naõ conheces.

SCENA V.

ANTONIOTO. CESARIAÕ. MILUO.

ANTONIOTO.

De que te benzes tantas vezes? do diabo, ou de Aurelia?

CESARIAÕ.

Que monta mais d'um diabo que d'outro.

ANTONIOTO.

Pois naõ te conto o terço do que paſſou.

CESARIAÕ.

Eſtarias fóra de ti?

MILUO.

Lá vem Ceſariaõ com Antonioto.

An-

ANTONIOTO.

As vezes cuydaua que era ſonho.

CESARIAÕ.

E mais ſendo de noyte.

ANTONIOTO.

Mas ſempre aſſentey que eraõ emburilhadas de Miluo.

CESARIAÕ.

E ellas eraõ todas de Aurelia. Affirmaſte que era aquelle o meu anel?

ANTONIOTO.

Veloas com os teus olhos: que eu diſſe a Miluo que nos eſperaſſe por aqui.

CESARIAÕ.

O meu anel que me ella tomou do dedo, em troca do ſeu coraçaõ, como ella dizia que lhe eu tambem tomára?

ANTONIOTO.

Amor eſperauas tu de achar èm caſa de Guiſcarda? nunca ouuiſtes dizer que em caſa do albergueiro?

CESARIAÕ.

O meo anel, que lhe eu tantas vezes achey entre os peitos: dizendo ella, que àquelle era o ſeu lugar, e naõ os dedos, por o trazer mais perto do coraçaõ?

MILUO.

No anel fallaõ, ha ſe me d'ir: coſtume he do mal ganhado.

CESARIAÕ.

Outras horas lho achaua na boca, dizia que pera abrandar a minha ſede.

ANTONIOTO.

Maluada, que aſſi dizem os lapidarios: que mata a ſede aquella pedra do anel.

CESARIAŐ.

Mas he eſte Miluo?

ANTONIOTO.

Eſte he.

CESARIAŐ.

Miluo, ſoube cá de teu amigo Antonioto grandes contos, que naõ he neceſſario tornar a elles. E mais tu es taõ auiſado, que me eſtás moſtrando o anel, que me torna oje o meu coraçaõ, que eſtaua em máo captiueiro.

ANTONIOTO.

Se nos moſtraſſes a todos tamanho prazer.

MILUO.

O anel te poſſo eu tornar, o coraçaõ naõ ſey, que engana muitas vezes ſeu dono.

CESARIAŐ.

Sabe que me déſte a vida, e liberdade. Dize choraua Aurelia quando te deſcobri aquelle ſegredo?

MILUO.

Dizem as molheres com a vide talhada: nunca tal preſteza vi de lagrimas, & de palauras. Que te direi? naquella eſtreiteza de tempo me rogou, me chorou, me ameaçou.

CESARIAŐ.

Com qual te venceo mais?

MILUO.

Pera que te ey de enganar, com as ameaças.

Cesariaõ.

Sendo taõ moça, que ſerpe ſe alli cria.

Antonioto.

Acolhete Ceſariaõ com tempo.

Cesariaõ.

Fia de mim, que ſom em porto ſeguro, ajamos conſelho do mais.

Miluo.

Aqui todos eſtaõ bem, ſaluo eu, & o Vilhalpando de fôra.

Cesariaõ.

Graõ parte diſſo he remedeado, porque o outro naõ ha de vir ao deſafio.

Antonioto.

Pola ventura virá, mas naõ com penacho branco.

Cesariaõ.

Eſtes ſoldados bem ſabes como ſaõ feitos: por aqui ſe auerá por reſtituido na honra. Quanto aos eſcudos, eu os quero pagar.

Miluo.

Nunca tal ſeja, antes me deyxa com a negoceaçaõ.

Cesariaõ.

Que cuydas fazer?

Miluo.

Depois o ſaberás, ſómente me he neceſſario outra vez o anel.

Cesariaõ.

Pera que?

Miluo.

Porque inda oje ha de fazer milagres.

Ce-

CESARIAÕ.

Es muyto auentureiro, antes quero pagar os escudos.

MILUO.

Confia de mim, que naõ estou em tempo pera ganhar mais inimigos.

CESARIAÕ.

Por taõ pouco queres que auenturemos tanto?

MILUO.

Naõ he pouco a vingança, & mais em tal lugar. Ajudame Antonioto.

ANTONIOTO.

Ora, que eu o fio. Mas diganos primeiro o que ordena.

MILUO.

Diruoloey. Aurelia he ida a jantar com o Embayxador de França, tenho hũa filha a que naõ falece nada, pera o que cuydo, que he mandala a casa de Guiscarda com o anel da parte de Aurelia, como paje Frances, a pedirlhe dinheiro pera jugar.

CESARIAÕ.

Com que a esperas d'enganar?

MILUO.

Com a cobiça.

ANTONIOTO.

Vejamos esta festa.

MILUO.

Naõ vos partais daqui.

SCE-

SCENA VI.

ANTONIOTO. CESARIAÕ. VILHALPANDO. PAJE.

ANTONIOTO.

VIATE fallar taõ confiadamente na paga dos efcudos.

CESARIAÕ.

Como cobrey coraçaõ, pera tudo foy: ja naõ ey mifter teus hermitães.

ANTONIOTO.

Agora te acabo de crer, que bem fey quanto nos a culpa encolhe a todos.

CESARIAÕ.

Defejo de ir ver o do penacho branco como paffea.

ANTONIOTO.

Efpera, que eu o vejo vir fallando com o feu Paje.

CESARIAÕ.

Efcutemos em que praticas vem.

VILHALPANDO I.

Enfim cada hum fica por quem he.

PAJE.

Quanta eu ja naõ fabia de que freguefia era.

VILHALPANDO I.

As dez fam dadas, ainda depois dey dous paffeos.

PAJE.

Ganhaste muy grande honra, que ficas agora por hum só Capitaõ Vilhalpando.

VILHALPANDO I.

E que duuida tinhas disso?

PAJE.

Naõ sei, muitos sinaes daua. Tanto que tu tambem parecia que ja duuidauas.

VILHALPANDO I.

De que auia de duuidar?

PAJE.

Se eras o de dentro, se o de fóra: & eu auia medo.

VILHALPANDO I.

De que auias medo indo comigo?

PAJE.

Que sabia eu qual de vós era?

ANTONIOTO.

Que te parece taõ maluado rapaz?

VILHALPANDO I.

Cuydauas que me perderas polo escuro.

PAJE.

Cuydaua que estauamos em Roma, onde tudo he possiuel.

VILHALPANDO I.

E agora porque naõ apparece ess'outro o Capitaõ?

PAJE.

Pola ventura ha hi Vilhalpandos de dia, & Vilhalpandos de noite

VILHALPANDO I.

Toma d'um rapaz com essa tua lingoa.

PAJE.

Digo verdade, pola ventura lhe baſta a elle ſer Vilhalpando de noite.

VILHALPANDO I.

Seja logo morcego, ou curuja.

PAJE.

E mais ainda elle tinha tempo pera vir ao deſafio.

VILHALPANDO I.

Naõ ſaõ ja dez oras?

PAJE.

Naõ deſte relogio, que ainda as naõ deu.

VILHALPANDO I.

Deuas logo o de campo de frol.

PAJE.

E tu queres paſſear em Sancto Auguſtinho polas horas de campo de frol.

VILHALPANDO I.

Venha elle agora, & faça tambem ſua diligencia, como o deſafio dos Reys em Bordeos. Baſta que ja fica o campo por meu.

PAJE.

Naõ o de noite que mais releuaua.

VILHALPANDO I.

Que dizes ainda da noite?

PAJE.

Que todas as ſuas couſas ſaõ eſcuras.

VILHALPANDO I.

Eu as farey claras,

PAJE.

Couſas ha hi, que ſenaõ querem muyto bolidas.

Vi-

VILHALPANDO I.

Eſte rapaz palronio, que nunca tapa aquella boca.

SCENA VII.

TREFO. CESARIAÕ. ANTONIOTO.

TREFO.

Que noite de Deos ſe nos ordena eſta, ja o fumeiro anda a ſaco, mal polas capoeyras, onde naõ ha couſa viua: ou aſinha a naõ auerá.

CESARIAÕ.

Trefo ſae de caſa. De roim a roim naõ ha hi melhoria.

ANTONIOTO.

O mundo quer acabar, naõ ves quanto eſtes rapazes ſabem?

TREFO.

Tudo oje ha de andar a rodo: feſta, feſta.

ANTONIOTO.

Ledo vem. Mas he taõ má couſa que folgará com algum mal noſſo.

TREFO.

Mandame em buſca de Ceſariaõ.

CESARIAÕ.

A mim nomea. Chamao antes que deſappareça.

ANTONIOTO.

E ſaberey nouas de meu pay, & de minha mãy, porque ha muito que as naõ ouui

CESARIAÕ.

Chamao por minha vida.

ANTONIOTO.

Treſo, Treſo.

TREFO.

Vou muito depreſſa.

ANTONIOTO.

Ia nos vio o chocarreiro, naõ ves com que eſtoqueaduras vay. E vemſe rindo o perro, onde hias?

TREFO.

Apregoar calçado velho.

CESARIAÕ.

Chegate aqui cabraõ.

TREFO.

A marrar com eſs'outro? perdoame Antonioto que zombo contigo, & tu parece as vezes que te anojas.

CESARIAÕ.

Onde hias taõ aprazerado?

TREFO.

Em tua buſca.

CESARIAÕ.

Que me queres?

TREFO.

Quiſera aluiçaras, naõ ſey ſe m'as darás.

CESARIAÕ.

Conta que ſi darey, ſe as mereceres.

TREFO.

Primeiramente teu amigo Fabiano he noſſo natural, & cedo te ſerá ainda mais.

ANTONIOTO.

Elle meſmo naõ ſabe donde he, & tu ſabelo?

TREFO.

Eu te digo que he filho de Mario noſſo vezinho.

ANTONIOTO.

Mandalhe tapar aquella boca ſem verdade.

CESARIAÕ.

Deyxao fallar.

TREFO.

Diz que fugindo elle Mario daqui de Roma em hũas barcas perdeo aquelle menino, que entaõ leuaua de máma, que lho tomáraõ hũas fuſtas.

CESARIAÕ.

Muitas vezes lho ouui contar ao meſmo Mario, & d'outra parte tambem a Fabiano, que fora tomado por Genoueſes em hũas fuſtas de Mouros.

ANTONIOTO.

Burlas de Trefo, hũa couſa taõ treſnoitada.

TREFO.

D'agudo te perdes: algũa ora ſe auia de ſaber, & foy eſta.

CESARIAÕ.

Como ſe deſcobrio?

TREFO.

Naõ pude ſaber tudo: mas ouui fallar em hũa nomina de Fabiano, que Mario, & ſua molher reconheceraõ com outros ſinais.

ANTONIOTO.

Aqui temos outros Vilhalpandos com ſeus contratos, & Eſparſas.

TREFO.

Tambem falláraõ niſſo, & em hũa batalha que o noſſo velho ontem ouue com hum hermitaõ.

ANTONIOTO.

E que diziaõ?

TREFO.

Parece que te releua, pois olha por ti: que muytas vezes te nomeauaõ.

CESARIAÕ.

Quem contaua eſſas couſas?

TREFO.

Mario veio a viſitar teu pay, & logo deſpejáraõ a caſa, eu puſme a eſpreytar: mas naõ pude ouuir ſenaõ a trancos, porém tudo foraõ riſos, & prazeres.

CESARIAÕ.

Sabeo ja Fabiano?

TREFO.

Temno ja em caſa: olha ſe o ſaberá.

ANTONIOTO.

Auiaſe aſſi de fiar de naõ ſey que, em tamanha couſa.

TREFO.

Como es ás vezes paruo! elle naõ duuida,

da, & tu duuidas. Pois mais te digo que ſe fazem caſamentos de parte a parte.

CESARIAÕ.

Que caſamentos?

TREFO.

Fabiano com tua irmaã, tu com a ſua, & ja a cozinha fumega.

ANTONIOTO.

Iſſo he o que te mais lembra, gargantaõ.

TREFO.

Tu quiſeras antes nouas d'adega?

CESARIAÕ.

Deixao que he hum chocarreiro.

ANTONIOTO.

Como concertaõ aſſi os caſamentos ſem as partes?

TREFO.

Fabiano he o que dá preſſa, & o que chama por ti.

ANTONIOTO.

E os ſeus amores em que ficáraõ?

CESARIAÕ.

De irmãos como d'antes eraõ. Vamos ver eſtas feſtas.

ANTONIOTO.

Eu ja ey de ver primeiro o paje Frances, ſe ſabe tanto como o Caſtelhano, & Italiano.

CESARIAÕ.

Vem por aqui Trefo, & dizeme porque eſtás mal tu, & Antonioto?

TREFO.

Porque nunca vi couſa taõ ſem verdade.

CE-

CESARIAÕ.

E tu que euangelista.

TREFO.

Todo mundo se espanta de tu creres cousa que aquelle diga.

CESARIAÕ.

Maluado, de algũa cousa se teme; & sangrase, como dizem em saude.

TREFO.

Sabes como se elle desferra, que lhe naõ fica ferradura, nem crauo.

CESARIAÕ.

Se ha algũa hora de sair algum bem de ti.

TREFO.

Mas quando diz o Credo do começo té o cabo, & quando bate nos peitos, & quando beija a Cruz ao Altar.

CESARIAÕ.

Que máo rapaz. Callate que somos em casa, vem apos mim.

SCENA VIII.

ANTONIOTO. RUBERTE. GUISCARDA.

ANTONIOTO.

QUEM sabe se he isto trato do velho por me acolher em casa, & despois deuassar sobre o firmal, naõ me acolhem a mim assi: primeiro lhe cumpre de me fazer de tudo mais certo, que a hum juiz da vara. Mas he este o pa-

o paje Frances ? Efte he : que defpejo, que recacho, que paffeo!

RUBERTE.

Segundo os finais que me deraõ, efta he a rua, aquellas faõ as cafas. A defnarigada bom final tem, por onde a conhecerey.

ANTONIOTO.

Lá fe vay ás portas das auenturas.

RUBERTE.

Vejamos fe he efta velha taõ endiabrada como dizem. Ta, ta, ta. Se viue nefta cafa alguem ?

GUISCARDA.

Quem bate ?

RUBERTE.

Vem abaixo, fabelohas.

GUISCARDA.

Que quer hum taõ fermofo paje de hũa taõ pobre poufada ?

RUBERTE.

De taõ longe queres que te diga meus fegredos.

GUISCARDA.

Exme vou a ti meu filho. E quem he o Anjo do Paraifo que me vem affi á porta.

RUBERTE.

Bem eftá, Anjo do Paraifo á porta do inferno !

GUISCARDA.

Quem bufcas meu Seraphim ?

ANTONIOTO.

He hum Seraphim em bufca do diabo.

RU-

RUBERTE.

Es tu a mãy de Aurelia a fermofa?

GUISCARDA.

Tu es o meu filho fermofo: que ella he hũa fea fem fabor.

RUBERTE.

Fofte tu com ella a cafa do Embaixador?

GUISCARDA.

Fuy minha rofa, e pareceme que te vi lá.

RUBERTE.

Por iffo eftava eu hum pouco em duuida: porque Aurelia me diffe, que logo me conheceriàs.

GUISCARDA.

E que diz effa doudinha? quer que vaya por ella?

RUBERTE.

Naõ queria tadrar, que eftes noffos amos faõ ás vezes perigofos, & mais no jogo.

ANTONIOTO.

Filha de Miluo.

RUBERTE.

Conheces efte anel?

GUISCARDA.

Ay minhas perlas, efte anel he de Aurelia. E por final que da parte de dentro ha de ter hũas letras mudadas.

RUBERTE.

Inda o tanto naõ olhey, mas affi he.

GUISCARDA.

E pois que faz effa douda?

RUBERTE.

Faz, & diz mil graças, que senaõ farta homem de a ouuir.

GUISCARDA.

Bem sey eu o nome que lhe chamo.

RUBERTE.

Os doudos haõ de ser elles.

GUISCARDA.

Huy gente taõ honrada, & taõ sesuda. Mas os criados sempre murmuraõ dos senhores.

RUBERTE.

No fim se verá.

GUISCARDA.

De que maneira?

RUBERTE.

Porque ella ha de recolher quanto dinheiro fica na mesa.

GUISCARDA.

Contame minhas agoas d'azar.

RUBERTE.

Beberaõ cedo? como he costume dos nossos Franceses? estaõ todos ledos, pediraõ cartas, & dinheiro pera jugar. Ella entaõ chamoume a de parte, & mandoume a ti com este anel por final: que lhe mandes dez, ou doze escudos com que cace. Eu conheçoos, & sey que aquelle ha de ficar mais contente a que ella mais ganhar, & bolir com o dinheiro.

GUISCARDA.

Os Franceses saõ muito liberais.

RV-

RUBERTE.

Saõ muito ricos, querem lograr o feu.

GUISCARDA.

Iſſo ſi, que naõ os noſſos Italianos, que ſempre ajuntaõ pera outrem.

RUBERTE.

Pois quanto eſte ouro, & eſta prata naõ ſey pera que he: naõ ſe come, nem ſe bebe, cá fica tudo.

ANTONIOTO.

Ah, ah, filha de Miluo.

GUISCARDA.

He verdade meu ſeſudo. Diſſete mais?

GUISCARDA.

Oh que me ouuera de eſquecer. Chegouſeme a mim orelha, & diſſeme que ella faria quantas burlas podeſſe aquelles clerigos, & que aſſi to diſſeſſe.

GUISCARDA.

Aja ella a minha bençaõ. Has me de deixar o anel?

RUBERTE.

Os meſſageiros naõ podem fazer mais do que lhes mandaõ, ella naõ no deu ſenaõ por final.

GUISCARDA.

Quero ir a ver eſſa feſta.

RUBERTE.

Muito embora: eſſa repoſta lhe darey que me detenho muito.

ANTONIOTO.

Ó filha de Miluo.

GUISCARDA.

Ia ſe vay cantando, & mais ledo do que veyo. Dizendo auarento: por hum perde cento. Torna cá meus amores, naõ quero lá ir eſtrouar ſeus paſſatempos. Aqui neſte lenço vaõ dez eſcudos do Sol.

RUBERTE.

Mas que ſejaõ ainda da Lũa: o que hi for hi ſe achará.

GUISCARDA.

Ora vay nas boas horas. Naõ lhe perguntey polo nome. Paje, paje fermoſo.

RUBERTE.

Que mandas?

GUISCARDA.

O teu nome, que me eſqueceo de perguntar.

RUBERTE.

Daqui to direi, naõ cances que tardo muito. A mim chamaõ Ruberte de Rubeforte, & da outra parte dos Rapinaldos.

GUISCARDA.

Ay meu filho, que nome he eſſe aſſi feito?

RUBERTE.

Os Franceſes coſtumaõ aſſi eſtes nomes taõ atraueſſados.

GUISCARDA.

Ó que má couſa he o máo nome.

RUBERTE.

E os voſſos de cá que tais ſaõ? Vſſos, Leões, porqueiriços, cabeças de ferro, & outras de cabaça.

AN-

ANTONIOTO.

Vinte vezes mais que filha de Miluo.

GUISCARDA.

Enfim dizes verdade. Em tudo tem graça. Vayse, queroo seguir. Mal fiz: porém que póde ser? O anel aquelle he, digo que o tomassem a Aurelia, & mandassem cá por rir. Zombarias saõ, que das tais casas, & pessoas sempre saem em proueito.

RUBERTE.

Embaraçada deixo a velha c'o aquelle meu nome tãõ comprido. Querome trasmalhar por estas trauessas, tornarey ao brial, & ao trançado: quem lhe dará sinais de mim, & mais nesta enuolta de Roma. Se Guiscarda fora como estes toleirões, que sempre estaõ em seus treze nunca a enganárá. Bem mo dizia meu pay, que deue ja estar c'os olhos longos.

ANTONIOTO SÓ.

Este negocio está bem acabado. De hũa parte Cesariaõ me acena todo cheo de prazer: d'outra Miluo vem mostrandome o anel. Ja temos os escudos pera o Vilhalpando de fora: & polla ventura seraõ os mesmos do Sol. Os desposorios haõ se de fazer lá dentro. Naõ tendes mais que esperar aqui.

FIM.

IN-

INDICE.

TOMO II.

POESIAS VARIAS.

COMEDIAS.

O mesmo Francisco Rolland brevemente publicará os seguintes.

DESCRIPÇAÕ de Portugal por Duarte Nunes de Liaõ, em 8.

Saudades de Bernardim Ribeiro, em 8.

Cerco de Dio, Poema de Jeronymo Corte-Real, em 8.

Affonso Affricano. Poema, em 8.

Officio de Nossa Senhora: Nova Ediçaõ augmentada com o Manual da Missa, e Orações para confissaõ, e Communhaõ. &c. em 12.

Ulyssea, Poema Heroico de Gabriel Pereira de Castro, em 8.

Maccarronea Latino-Portugueza, muito augmentada, em 8.

Dialogos dos Mortos, e outras Obras de Luciano, em 8.

Seraõ politico para divertimento dos curiosos, em 8.

Elogios, e outras Obras de M. Thomas, traduzidas, em 8. 3 Vol.

Historia da Vida de Jesu Christo, escrita por M. Tourneux, e traduzida, em 8.

Dialogos dos Mortos para desabusar a Mocidade de muitos prejuizos. em 8.

Historia de Theodosio o Grande por Flechier,

Conversações instructivas sobre a Agricultura, em 4. com estampas.

Considerações sobre as Causas da Grandeza, e decadencia dos Romanos por Montesquieu, em 8.